



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>



Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

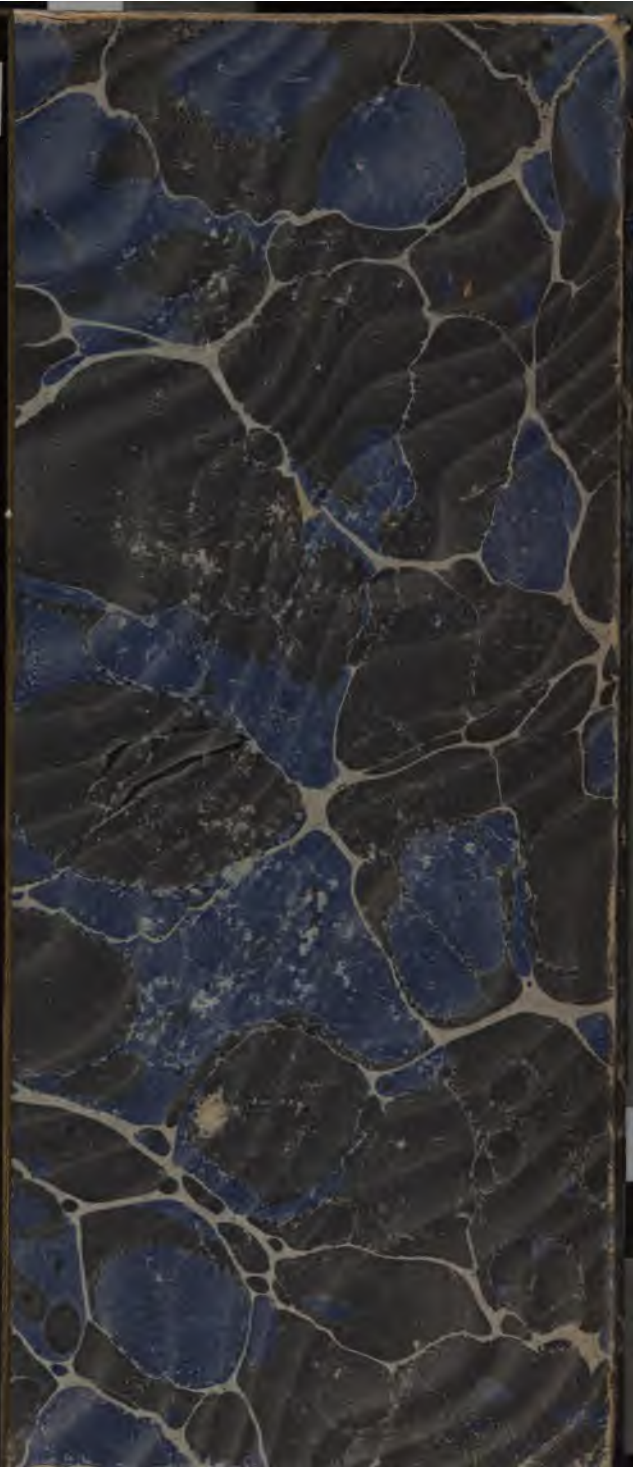
- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.
- Evite consultas automatizadas.
Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento óptico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.
- Mantenha a atribuição.
A "marca d'água" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.
- Mantenha os padrões legais.
Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As consequências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em <http://books.google.com/>

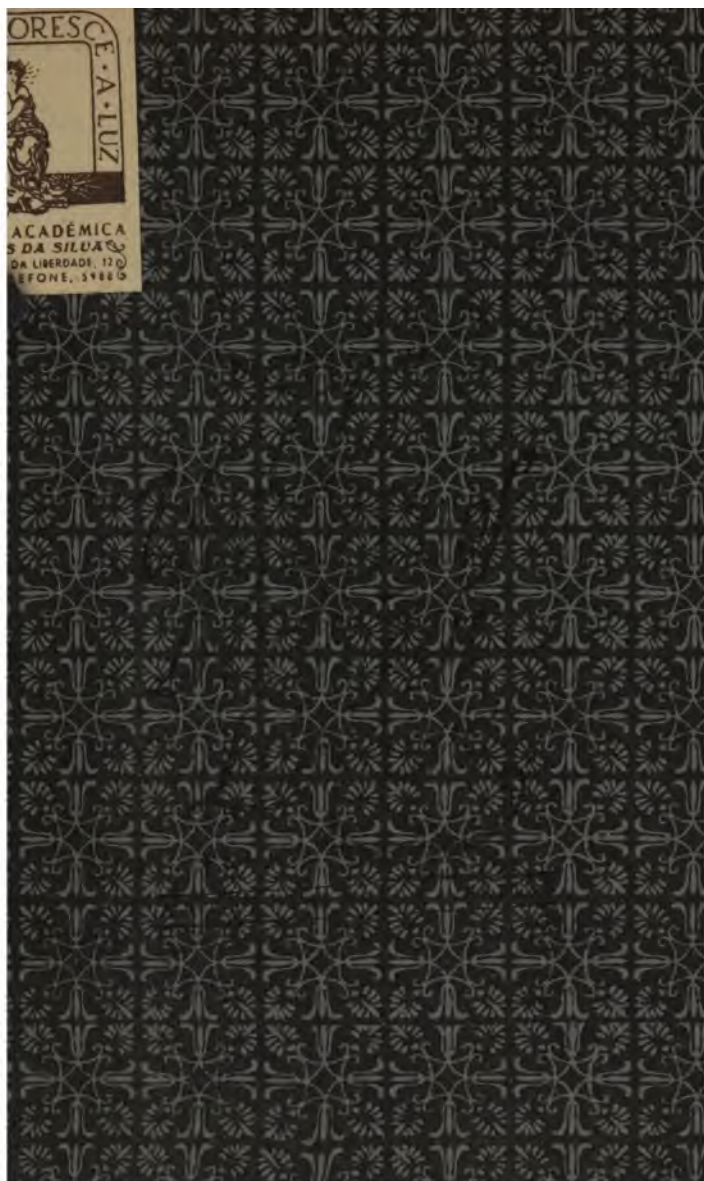
A 458992

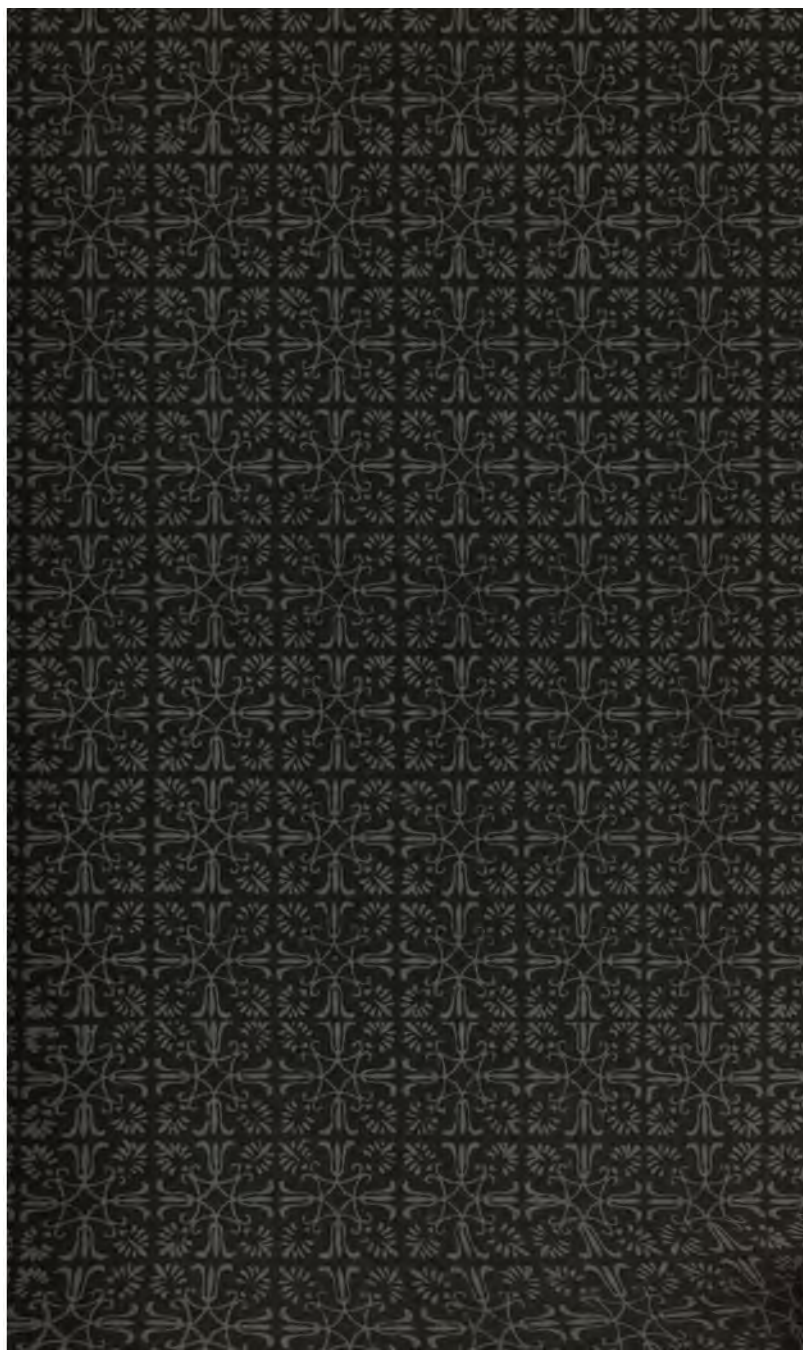
BT
215
.C35
1883





ACADÉMICA
S DA SILVIA
DA LIBERDADE, 172
EFONE, 5486 6





125.

PROPERTY OF

The
University of
Michigan
Libraries

1817



ARTES SCIENTIA VERITAS

BIBLIOTHECA
DE
JOÃO E. DA CRUZ COUTINHO
— 2.ª —
N.º 38

CAMILLO CASTELLO-BRANCO

DIVINDADE DE JESUS

E

TRADIÇÃO APOSTOLICA

COM UMA CARTA DIRIGIDA AO AUCTOR

PELO SR.

VISCONDE D'AZEVEDO

2.ª EDIÇÃO

VENDE-SE NA LIVRARIA
DE
JOÃO E. DA CRUZ COUTINHO — EDITOR
12, Rua do Almada, 16—Porto

1883



DIVINDADE DE JESUS

DIVINDADE DE JESUS

E

TRADIÇÃO APOSTOLICA

POR

CAMILLO CASTELLO-BRANCO

SOCIO DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA

COM UMA CARTA DIRIGIDA AO AUCTOR

PELO SNR.

VISCONDE D'AZEVEDO

2.^a EDIÇÃO

VENDE-SE NA LIVRARIA

DE

JOÃO E. DA CRUZ COUTINHO — EDITOR
12, Rua do Almada, 18—Porto

1883

BT
215
C35
1883

63-351953

Se eu obedecesse á consciencia, que me está dizendo quanto por demais é encarecido o merecimento d'esta obrinha, na carta que o snr. Visconde de Azevedo se dignou dirigir-me com o proposito de animar-me a escriptos de maior vulto, privaria o leitor de saborear-se nas paginas mais vigorosas e sublimes que vão n'este livro, e que decerto não são minhas.

Pertencem ao snr. Visconde de Azevedo. Ellas ahi vem, espelhando a nobilissima alma e esclarecida intelligencia do modesto escriptor que, nas raras vezes que se amostra ao publico com as suas pensadas e primorosas lucubrações, revela sempre quão bom seria para as letras patrias que o snr. Visconde de Azevedo vivesse nas estreitezas da má fortuna, para então ser obrigado a trocar as joias do seu alto espirito pela moeda cerceada com que os trabalhos do entendimento são galardoados.

Ainda bem que não. Se por um lado as letras patrias perdem, por outro ganhou o bem estar do amigo a quem muito préso, e cuja vida tem sido e será sempre lição mais proveitosa que a dos livros.

Eu não cancellei d'estas paginas os louvores que me favorecem, e não ousa já dizer *lisongéam*, que tanto seria desprimorar o character sério e justiceiro de S. Ex.^a: conservo-os por que os préso, por que me nobilitam e defendem.

Camilla Castella Branco.

... SNR. CAMILLO CASTELLO BRANCO.

Dignou-se V. dedicar-me o excellente livro que escreveu em defeza da divindade de Jesus Christo; e aindaque para agradecer-lhe esta singular honra que V. me dispensou, eu mal encontre expressões eguaes ao subido valor della, nem porisso deixarei de significar a V. o sentimento de satisfação, que excitou em mim o ver que me foi dedicado este novo monumento sustentador da minha fé, profundamente christan, o qual ao mesmo tempo que presta mais um apoio fortissimo á crença, de que tanto me glorio, concede ao meu nome a luminosa aureola, com que os homens de merecimento, por todos reconhecido e admirado, illustram sempre a pessoa, a quem dedicam qualquer das suas bellas producções litterarias. E fallando agora a respeito do mesmo livro, que direi eu, senão o que em outro tempo dizia Voltaire, quando fallava das tragedias de Racine, *bom, excellente, admiravel!* E

VIII

ainda, dizendo eu isto, não ficará a minha voz sendo um brado extremamente debil, e quasi inutil por nada já poder accrescentar á geral e unisona voz, que desde ha muito tem dado a V. um dos primeiros logares entre os nossos mais primorosos escriptores? Comtudo nem porisso deixarei de expor nesta carta com franqueza a V. as rasões da respeitosa homenagem que presto a este seu optimo livro, não por parecer-me que com obolo tão apoucado posso augmentar a sua muita valia, mas unicamente para desempenhar-me da obrigação, em que V. me quiz constituir.

Depois que a minha rasão se desenvolveu, e que pôde comprehender a philosophia das diversas religiões, e sobre tudo examinar a sua origem, tenho estado sempre convencido de que todos quantos, nascendo e educando-se christãos, atacavam o christianismo, quer o fizessem com argumentos graves e sisudos, quer com chufas e sarcasmos, faziam com isso um muito máo presente ao seu paiz e á humanidade. Não digo isto por seguir a opinião dos que affirmam que os filhos devem sempre abraçar a creença religiosa de seus paes; opinião esta, que, quando muito, poderia somente ser toleravel no carvoeiro, de quem nos falla o chistoso

poeta Paulino Cabral: não é de certo um verdadeiro christão aquelle, que tem modo tão grosseiro de pensar, contra o qual se pronuncia expressamente S. Paulo quando estabelece que a fé em Jesus Christo é uma sujeição da razão humana á palavra divina, mas uma sujeição razoavel—*rationabile obsequium*—Estas palavras do apostolo mostram claramente que elle não ensinava, nem queria uma fé irracional, mas sim uma fé esclarecida por todas as luzes, que devem guiar a nossa intelligencia na indagação da verdade.

Não é pois filha deste erroneo e acanhado motivo a minha convicção sobre tão grave e elevado assumpto; nem mesmo, pensando assim, podia eu ser bom logico, se primeiro não começasse por condemnar os proprios apóstolos, que prégarão a todo o imperio romano uma religião diametralmente contraria e opposta ao antigo paganismo; o meu motivo é outro, e sem rodeios o direi a V. A religião, segundo eu a comprehendo, é o unico laço infrangivel e permanente, que pode servir de prisão segura e firme ás tendencias dissolventes da humanidade, e o unico centro commum, solido e bem equilibrado, para onde podem convergir, sem risco de se perderem no caminho os raios diversissimos, que partem da immensa periphéria social. Sem

religião será sempre a existencia da sociedade humana tão precaria como o vento, tão ephemera como a debil flor do campo, porque se achará sem a só base, que lhe pode sustentar uma illimitada duração. A crença religiosa assiste não só na intelligencia do homem, mas tambem no seu coração; consola-o e anima-o no abatimento da desgraça, modera-o e o regula no deslumbramento da prosperidade; ella passa do individuo á familia, e da familia á sociedade; e sendo o ponto commum, em que todos concordam, torna a sociedade essencialmente homogenea, e por consequencia tambem os individuos essencialmente benevolos uns para com os outros; e eis-aqui, meu amigo, explicada a razão de haver affirmado Montesquieu que a religião não fazia somente a nossa felicidade na outra vida, mas que já mesmo neste mundo a estabelecia.

As leis humanas podem temporariamente conter os homens nos limites do dever, mas, susceptiveis sempre de se romperem, prostergarem, ou sophismarem, não podem por si sós constituir uma longa e regular permanencia da sociedade. A religião pelo contrario baseada na fé, que vê nella uma lei dimanada directamente do proprio Deus, e, como Elle, permanente e immutavel, n'essa permanencia e immutabilidade offe-

rece ao homem a idonea e segura fiança de estabilidade, que as leis humanas lhe não podem offerecer, e sem a qual o seu animo jámais encontrará a tranquilla e perfeita confiança, de que tanto necessita para trabalhar em proveito seu, e da mesma sociedade. Se isto assim não fosse, porventura me atrevêra a perguntar a V. qual seria o negociante, ou Banco commercial, que se mettesse em grandes especulações, e arriscasse consideraveis fundos na occasião em que previsse perigos e alterações imminentes á ordem civil e politica? V. de certo me responderia apontando-me para os grandes cataclysmos bolsaes, que infelizmente se tem visto e vêm nas mais famosas praças commerciaes da terra; cataclysmos, cuja primeira origem rarissimas vezes procede de causa superior e inevitavel, mas antes provem quasi sempre ou da malicia dos homens, ou da insufficiencia das suas leis; e é esta mais uma prova de grande porte para a minha consideração. Entendo eu que todo o orbe terrestre é uma grande praça commercial, a qual cada um de nós explora, e para onde contribue com a porção de trabalho, que nos é possivel; mas, apenas vemos introduzir-se nella a confusão e a desordem, paramos immediatamente com a nossa exploração e trabalho; e d'aqui se segue

necessariamente que a tal praça de cada vez se confunda e desordene mais.

A estes males, e a uma infinidade de outros eguaes e ainda maiores, acode a religião com o principio immutavel da caridade divina, que nos communica; e inabalavel, como a rocha marpesia, nos sustenta e dá sempre a precisa força para resistirmos com invencivel constancia ás ondas amiudadas e furiosas, que no tempestuoso mar das paixões humanas promettem tantas vezes dar cabo da sociedade, corrompendo-a primeiro para depois a destruir. A religião, consolando os pobres e os desvalidos, anima-os a percorrerem corajosamente a carreira trabalhosa desta vida terrena, porque lhes assegura, na eternidade da que hade vir, a infallivel recompensa do seu soffrimento e resignada conformidade com os motivos occultos da Providencia divina; ao mesmo tempo que, ameaçando os ricos e poderosos, que abusam das suas riquezas e poder, lhes apresenta a certeza amarga do castigo sem fim, debaixo do qual tem de curvar-se um dia o seu desgraçado privilegio de prevaricação, que neste mundo souberam por tantas vezes e tão comesinhamente prorogar. Estas ameaças incessantes são na verdade muito desagradaveis a homens affeitos a comprarem metade

do mundo com o seu dinheiro, e a esmagarem a outra metade com a sua força. É talvez em parte devido a ellas que o verdadeiro christianismo foi desde o seu principio mais geralmente seguido e amado pelos pequenos, que pelos grandes; e cabe observar aqui de passagem que entre todas as religiões conhecidas somente a do divino Jesus estabeleceu entre os homens a perfeita e verdadeira liberdade, declarando a egualdade absoluta de direitos que tinham os fracos para com os fortes.

É pois evidente em todo o ponto para mim que na religião verdadeira e pura, estabelecida pelo divino Nazareno, consiste o energico centro de cohesão que por tantos seculos tem conservado o grande globo social europeu, sem que as poderosas forças perturbadoras que o revolvem, o tenham até hoje podido dissolver. A historia ahi está para confirmar o meu juizo; vejam-se attentamente os annaes dos povos mais cultos e civilizados da antiguidade, e ver-se-ha como todos elles acabaram pela sua propria corrupção. Os Egypcios, os Persas, os Gregos, e pode sem receio dizer-se que tambem os antigos Romanos, não deveram a outra cousa a extinção das suas nacionalidades. Os Romanos estavam já completamente corru-

ptos e perdidos quando Jesus Christo appareceu sobre a terra, e não foi o elemento romano, mas sim o elemento christão, quem pôde regenerar as nações modernas, herdeiras do arruinado imperio dos Cezares, e sustental-as até aos nossos dias em um progresso constante e successivo, posto que algumas vezes lento e quasi imperceptivel.

As gentes barbaras que vieram estabelecer-se nas diversas provincias do velho imperio romano, já desfeito em pedaços pela propria podridão, conquistando-lhe o territorio e recolhendo-lhe a herança, teriam sem duvida conservado a sua barbarie natural, nem as leis e costumes de um povo, que detestavam, poderiam servir para as amañçar, domesticar e civilisar, se o christianismo se não metteria de permeio entre conquistadores e conquistados, e não fora adoçando e polindo a grosseira rudeza dos primeiros, inoculando nelles a philosophia nova e fecunda, que o doloroso sacrificio do Calvario tornára praticamente applicavel a todos os individuos, de que se compõe a humana sociedade, ricos e pobres, sabios e ignorantes, poderosos e desvalidos. O proprio Voltaire, em um momento de entusiasmo poetico, e quando o seu espirito, indisputavelmente superior, se desembaraçou por um pouco

das paixões do orgulho e da vaidade, que infelizmente o trouxeram offuscado por espaço de uma tão longa vida, nã bellissima tragedia de Alzira formulou esta verdade sublime, pondo na bôca de Gusmão, que perdoa a Zamor seu assassino pouco antes de expirar, as seguintes palavras:

«Nossas diversas religiões contempla;
 «A tua te mandou assassinar-me,
 «Que te ame ordena a minha, e te perdoe.»

Mal pensava o encarniçado inimigo do christianismo que nestas palavras admiraveis deixava para sempre dada a mais logica e eloquente resposta aos seus innumeraveis escriptos, e á sua travada guerra de sessenta annos contra a religião do Crucificado.

Se o pantheismo materialista dos Gregos e Romanos não pôde salvar da sua ultima ruina estes dois povos, que tanto excederam em civilisação a todos os outros da antiguidade; se o magismo persico, não obstante apoiar-se no famoso livro Zend-Avesta do celebre Zoroastro, não pôde valer á vasta monarchia de Cyro para que não fosse aniquilada pela invasão de poucos milhares de Macedonios; se o budhismo, e o

brahmanismo não poderam desde os tempos mais remotos até hoje fazer dos chins, dos japonezes e dos indios senão uma especie de selvagens sujeitos a uma certa forma de organização politica, que ha tantos seculos os sustenta, como se fossem vermes, no meio de uma perpetua e miseravel corrupção; se o mahometismo, a pezar do seu autor ter apparecido muito depois de Jesus Christo, de cuja divina missão nada com tudo quiz saber, tem conservado por doze seculos os povos, em que predomina, no estado mephitico, em que todo o mundo os vê, parece-me ficar sendo uma cousa evidentissima que só no christianismo se encontram elementos verdadeiros, que á sociedade possam dar progresso que nunca retrograde, e liberdade que nunca se licenceie. Não ignoro que foi moda nô seculo passado engradecer com exaggeração gongorica os magnificos governos, que regiam as nações orientaes, de quem acabo de fallar, quanto entre ellas se achavam adiantadas as artes e as sciencias, sobre tudo na China, e como os seus cultos religiosos eram respeitaveis pela sua sublime moral, e até pela sua prodigiosa velhice; pois, lançadas bem as contas, se é verdade o que disseram alguns escriptores europeos, a religião indo-china é muito mais antiga que o

proprio Adão. Estes prestigios historicos, com que certos sabios nos quizeram embair, tem-se desvanecido n'estes derradeiros tempos; e quem desejar saber quaes são os bons governos que aquellas pobres gentes desfrutam, a felicidade que lhes doura a vida, o augmento de sciencias e artes que por lá vae, e os excellentes resultados praticos que ali se colhem das revelações de Vichnu, e da moral de Confucius, pergunte aos inglezes e francezes, que em nossos dias tem frequentado, e detidamente visto aquelles paizes, qual é o bom arranjo que descobriram nelles a respeito de todas estas maravilhas. Tambem o mahometismo partilhou quinhão avultado nesta laudatoria teima philosophica do seculo anterior; pertendeu-se dar por verdade historica demonstrada que as nações christans na edade media eram barbaras por excellencia, e que, se alguma civilisação havia, e amenidade de costumes, mister era procural-as entre os Arabes, dos quaes os europeos as receberam, durante o longo contacto, que com os mesmos Arabes tiveram, já nas porfiadas guerras das cruzadas no oriente, já na lucta secular, que existiu quasi sem interrupção, na peninsula ibérica.

Não quero contradizer esta asserção, bem que ella

que a civilização christan, apezar mesmo da prolongada incubação em que a reteve a grossa e durissima crusta da idade media, nunca chegou a extinguir-se, antes conservou sempre vivaz o elemento immortaldouro da sua original essencia.

Todas as vezes que os homens livremente respirarem o ar vivificante da religião christan apoiada na revelação divina, a alma se lhes expandirá pelas regiões do infinito, para onde é necessariamente chamada pela exegetica da sua crença, e daqui hade sempre nascer progresso e civilização. Todas as outras crenças que se apoiam ou somente na palavra dos homens ou em falsas divindades, ainda mais variaveis e extravagantes que os proprios homens, podem sim durar por algum tempo e mesmo por tempo dilatado; podem tambem escoradas na philosophia e nas leis humanas, e mais especialmente na força material, chegar a um certo ponto de civilização e de progresso; mas nunca poderão passar além de uma meta limitada, e ou viverão uma vida imperfeita e pouco feliz, ou perecerão completamente. Como a sua exegetica percorre um pequeno horizonte, falta-lhes o meio principal de illustrarem a alma do homem, e de lhe communicarem a seiva e a virtude, de que tanto carece

para resistir ao tormentoso choque das paixões, quando estas, atacando em grandes massas a sociedade, se generalisam por toda ella. Assim essa sociedade, não crendo no infinito, que os seus directores ou lhe occultam, ou lhe negam, e sem alguma esperanza no futuro providencial, que desconhece; em quanto ainda conserva um resto de vigor, estorce-se entre as ruinas, estrebuxa no meio da corrupção, e a final termina pela morte, sem haver para ella verdadeiro elemento restaurador, que lhe possa conservar a vida.

Muito bem é sabido de V. que os philosophos mais sabios e virtuosos da antiguidade comprehendiram o quanto a sociedade humana necessitava de uma religião divinamente revelada; e que, conhecendo elles o vasio monstruoso do paganismo idolatra, nunca com tudo se atreveram a formular similhante revelação, conscios da sua incompetencia para ministerio tão alto, contentando-se apenas com a prever e desejal-a. Quem lér com attenção as obras de Platão, e principalmente quem estudar na vida de Socrates as suas acções e as suas palavras, hade forçosamente convencer-se de que estes grandes espiritos preludiaram a Jesus Christo, e quasi que o advinharam. Tal era todavia o seu amor á humanidade, que apesar de conhecerem

claramente a falsa e esteril religião, que o seu pai seguia, nenhum delles prégou jámais contra ella, antes sabemos que sacrificaram aos deoses, e cumpriram promessas a estes dirigidas, como faziam os outros cidadãos. Por que seria tamanho respeito publico que mostravam estes philosophos a uma religião, cuja futilidade absurda perfeitamente sabiam? Era porque estavam convencidos de que não tendo na sua mão nem a força, nem os meios de estabelecer entre os seus compatriotas uma religião, em que estes crêsem, como emanada de Deus, mais valia conservar-lhes a em que elles criam, embora grosseira e falsa em si mesma, que deixal-os totalmente sem alguma crença; porque para um povo que não crê em Deus não ha religião possível, e para o que crê em Deus é só possível a religião, que elle profundamente creia vir-lhe desse mesmo Deus.

Platão, depois de haver meditado por largos annos nesta gravissima materia, disse que era difficil conhecer a Deus claramente, e mais difficil ainda fazel-o conhecer ao povo. Se de entre os philosophos seguidores da sua doutrina vieram os primeiros gentios illustrados, que em grande numero abraçaram o christianismo, é porque viram por este realisada a grande

idéa regeneradora da humanidade, que o espirito transcendente e justo do seu admiravel mestre tão antecipadamente aventara, sem outro auxilio mais, que o da sua esclarecida e recta rasão, e quando muito o de uma imperfeitissima noticia da religião hebraica. Alguem poderá dizer que nem todos os platonicos adoptaram o christianismo, e que até alguns delles houveram que o combatessem, e eu não negarei que isto seja verdade, porque os homens, ainda os mais sabios e intelligentes, soffrem ás vezes suas perturbações no giro, que devem fazer pela orbita do bem pensar, parecendo-se nisto com os planetas, que tambem soffrem perturbações em algum modo semelhantes áquellas, apartando-se mais ou menos do curso regular das suas orbitas; porem todos os astrónomos concordam em que taes irregularidades servem para confirmar a regra, e não para a destruir. Estas perturbações, que nos planetas procedem de attrações reciprocas entre os corpos planetarios, procedem nos homens já dos seus odios, já das suas affeições, já dos seus interesses, já finalmente de qualquer insignificante belliscadura na sua vaidade. Desta complicação de causas nasce o serem muito mais numerosas e difficais de explicar as perturbações humanas, que as planetarias, e estou bem

persuadido de que V. se não recusaria a ajudar-me na despeza, que eu tinha de fazer em dar um grande premio pecuniario ao astronomo, a quem o houvesse promettido, para este me explicar, por exemplo, no planeta Jupiter, uma perturbação, que lá se visse semelhante nem mais nem menos á que o presente seculo já viu no celebre Lamennais. É minha intima convicção que se Socrates e Platão vissem no tempo de Jesus Christo, teriam seguido a sua doutrina, e sido companheiros de S. Paulo em a propagar, porque nella achariam a autoridade divina, que debalde tanto procuraram, para poderem ensinar aos homens uma religião nova, mas boa e verdadeira, em que estes podessem e devessem crer. Nem outra foi a causa, que fez christãos os Clementes, os Justinos, os Origenes, os Tertullianos, os Agostinhos, e tantos outros philosophos e sabios illustres, que abrilhantam os primeiros seculos da igreja christan.

Se compararmos o christianismo com todas as outras religiões, que tem havido até hoje no mundo, á excepção da Moisaica, acharemos, se a parcialidade e a paixão nos não cegarem, que nenhuma dellas sofre a comparação. Sem eu querer agora entrar em uma discussão theologica, o que seria improprio desta car-

ta, permitta-me V. dizer somente que a falsidade, a extravagancia, e o ridiculo d'essas religiões foram cousas sempre comprehendidas pelos homens de verdadeiro saber, que no seio dellas nasceram, e que isto se demonstra evidentemente depois de um bem pequeno exame feito nos escriptos de Aristoteles, de Cicero, de Luciano. Ninguem ainda pôde com evidencia provar a falsidade do christianismo, e se espiritos illustrados e superiores, por infelicidade sua, não tem querido acreditar nelle, o mais que chegaram a alcançar foi a duvida de ser verdadeiro em tudo, mas nunca a certeza de que era falso. É porque somente a revelação moisaica e a christan, seu complemento, se fundam sobre bases rasoaveis e justas, embora cercadas de mysterios, que se não comprehendem, e de certas circumstancias, que parecem inexplicaveis, sendo nestas bases rasoaveis e justas que se funda tambem a fé christan para crer esses mesmos mysterios e circumstancias, que por agora se lhe tornam incomprehensíveis; e a isto se referia S. Paulo quando nos recommendava o *rationabile obsequium*, de que nesta carta já fallei.

Na verdade, que vinha a ser a fé em Jesus Christo, ordenada tão expressamente no evangelho e em todos

os livros do novo testamento, se quanto ella nos manda crer podesse demonstrar-se mathematicamente? Quando foi recommendada pela mathematica aos seus adeptos fé grande ou pequena para crêrem que dois e dois fazem quatro, e que quatro com quatro fazem oito? Não são por tanto os mysterios christãos, os que devem comparar-se aos mysterios das outras religiões, como pertendem os modernos incredulos; pois é claro que se de uma e outra parte se apresentam mysterios, serão todos elles egualmente incomprehensíveis e inexplicáveis. A comparação sim deve fazer-se, mas é entre as rasões de credibilidade, que nos dão de taes mysterios esses que os estabelecem para os crêmos, como revelados por Deus. Ora, tendo querido o mesmo Deus que a rasão humana lhe ficasse sendo perpetuamente sujeita, segue-se que a essencia necessaria aos mysterios é a sua incomprehensibilidade, por não serem elles outra cousa, relativamente aos homens, senão o exercicio continuado daquella sujeição, que se verifica pela constancia na fé. Deste modo os propoz sempre o christianismo aos seus seguidores, e nunca como adivinhações, ou enigmas, que se podessem explicar ou decifrar. Os incredulos, attribuindo este ultimo ridiculo aos mysterios sagrados, para os classifi-

car como destemperos de uma phantasia enferma, e concluir d'aqui a sua impossibilidade, não fizeram nem farão com isso mais, que estabelecer a proposição monstruosa de que pode a razão humana comprehender a razão divina, isto é, que pode o finito abranger o infinito. Parece-me que os incredulos seriam mais francos e leaes argumentadores substituindo estas argucias velhacas pela negação clara e absoluta da existencia de Deus. Tudo quanto acabo de dizer não duvido, feitos os precisos descontos, applical-o tambem aos milagres biblicos, os quaes, em relação ao giro ordinario das cousas no universo, quasi se podem chamar mysterios.

É facil de ver que somente philosophos por extremo engoiados ou bazofios podem sustentar, sem que interiormente estejam rindo, que a hermeneutica e a critica mais apuradas e finas não devem achar differença entre a revelação divina, narrada pelos Testamentos Velho e Novo, e as revelações, que se lêem nos Vedas e nos Puranas; que todas merecem egual credito; que as Suras disparatadas do Koran valem bem as paginas sublimes do Evangelho e das Epistolas Apostolicas; que a moral do Zend-Avesta, onde entre outras amabilidades se determina o casamento

dos pais com as filhas, é tão pura e perfeita como a moral evangelica; que Mahomet provou a sua missão com evidencia e santidade igual á de Moyses e Jesus Christo; e que as não sei quantas metamorphoses de Vichnu serviram de molde aos hebreos para fundirem a encarnação do divino Messias. Não se pejaram estes chamados philosophos de acharem paralelo entre o mysterio augusto e infinitamente transcendental da humanisação do Verbo eterno, e as extravagantes e ridiculas transformações da segunda pessoa da Trímurti indiatica já em porco, já em phoca, já em tartaruga! Esta insistencia dos inimigos do christianismo em o compararem com as outras religiões, dando sempre aos dogmas e á moral destas vantagem, ou pelo menos egualdade com aquelle, não deve espantar a quem sabe a regra do *mintá-se, mintá-se, que sempre se pega alguma cousa*; e neste caso não foi só alguma cousa, porém muito o que ficou pegado.

O famigerado barão de Holbach, infatigavel chefe do estado maior general do grande exercito da incredulidade no seculo passado, esforçou-se quanto pôde para provar, no seu livro intitulado—*Tractado da Moral Universal*—tudo quanto acabo de referir, e para isso confundiu todos os bons principios philosophicos,

alterou as melhores apreciações historicas, e trocou as mais venerandas tradições, tirando a final de todo este improbo e infeliz trabalho a consequencia unica de que os Japonezes, os Cochinchinos, os Oceanios, as tribus negras da Africa, e os Selvagens da antiga America então e sempre estiveram ao par dos europeos cultos e christãos, ou, pelo menos, muito aptos para o estarem sem algum outro auxilio mais lhes ser necessario, que o das suas velhas noções religiosas bem desenvolvidas e aperfeiçoadas!!

Asseguro a V. que nunca me custou a comprehender que um homem de talento fosse atheo, materialista, ou sceptico, por que, emfim, são infinitamente variados os modos, pelos quaes o espirito humano vê e percebe as cousas, e devemos adorar submissamente o Creador, que por occultos designios permittiu á creatura estes deploraveis desvios, e ao menos conceder aos alumnos daquellas doutrinas a qualidade de logicos toleraveis, visto que nada admittem acima da sua rasão; sendo só para notar-se nelles a contradicção quando se animam pelo genio da propaganda, porque os principios philosophicos da incerteza, ou da duvida, que adoptam, parecem-se na propagação com o fogo,

que quanto mais se propaga mais destroe. O que eu porem ainda não pude entender é como um deista racionalista, que crê na existencia do ente supreme e infinito, e crê que este mesmo ente supreme e infinito fez aos homens revelação da sua divindade, communicando-lhes a idéa do bem e do mal, pode juntamente convencer-se de que esta revelação nunca se verificou, nem verifica, senão por meio da razão humana. Ora tendo em todo o tempo dado esta razão humana tão repetidas provas da sua debilidade e inconstancia, segue-se que os mesmos homens, que por um lado reconhecem e confessam a immensidade e omnipotencia de Deus, e reduzem por outro á capacidade e meios de acção de um bicho da terra tão pequeno como é o proprio homem! O racionalismo, só para economisar o poder divino, não receia contradizer-se!

Tem sido bem longa esta carta, mas V. me desculpará o abuso, que porventura tenho feito da sua paciencia, attendendo á necessidade em que me achava de apontar todas as considerações, pelas quaes me persuado que o senhor Renan fez um grande desserviço em particular ao seu paiz, e em geral ao mundo chris-

tão e civilisado, escrevendo um livro, cuja doutrina, se desgraçadamente fosse seguida, cortaria pela raiz a religião christan; porque a religião christan vem a ser cousa nenhuma desde o momento em que não crer e adorar a divindade de Jesus. Appello para o senso intimo de todo o homem intelligente e desapaixonado, que declare com franqueza, se, no caso de haver sido desde o principio a sagrada pessoa de Jesus Christo conhecida unicamente tal qual nos conta o senhor Renan, teria o christianismo apresentado tantos prodigios de abnegação e fé ardente, e tão rapido progresso na propagação da sua crença; se teria regado a sua santa seara com o sangue de tantos milhões de martyres, e se teria podido atravessar sempre florescente e viçoso, não direi já os seus desenove seculos, mas somente os tres primeiros debaixo de perseguições furiosas e quasi continuas, e exposto sempre ao desprezo e zombarias da sociedade daquelles tempos, perseguição muitas vezes tão custosa de soffrer, como os tormentos e a morte? Ainda bem que o livro depois da primeira enxurrada vai cahindo no esquecimento, que merece; e note V. que o mesmo aconteceu aos innumeraveis livros, que foi moda no seculo passado

escreverem-se contra o christianismo, da maior parte dos quaes poucas pessoas já hoje tem noticia. Vê-se isto claramente em Bossuet e Voltaire; o primeiro escreveu o *Discurso sobre a Historia Universal*, guiado pelo espirito religioso, o qual lhe inspirou a magestosa sublimidade que ainda em nossos dias é admirada pelos sabios, que lêem e meditam aquelle grandioso livro: o segundo escreveu o *Ensaio sobre os costumes das nações*, guiado pela incredulidade sceptica; e posto que tractou de imitar e até contrafazer no que pôde ao primeiro, apenas chegou a produzir uma obra acanhada e sêcca, a qual ninguem leria hoje, se não brilhassem nella de quando em quando algumas individualizações de factos particulares, e alguns contrastes caracteristicos de tempos e de pessoas, que, como as chispas do silex ferido pelo aço, nunca faltavam ao autor da *Henriada*. Esta differença, que se observa a respeito dos livros religiosos e dos anti-religiosos, parece-me que se explica pelo instincto, que os homens no meio das suas paixões e desvarios nunca perdem totalmente da conservação propria, instincto, que lhes faz sentir na religião o principio elementar da vida do homem moral e social, e na incredulidade sceptica

a esteril aridez, que só pode trazer á sociedade furações desolantes, e depois destes o desfalecimento e a morte.

Muito grande é por tanto o louvor, que V. se deve, pelo bello e excellente livro, que tem escripto; bello pela riqueza e perfeição do estilo, pela clareza e lucidez das idéas, e pela forma elegante e agradável; excellente porque é um livro, de cuja leitura os seus compatriotas poderão sempre tirar utilidade, nunca prejuizo. O nome de V., como tive a honra de indicar no principio desta carta, titulos possuia já sobejos para ser contado pela posteridade entre os dos nossos mais distinctos e mimosos escriptores; agora levanta V. um novo padrão, diante do qual essa mesma posteridade se curvará respeitosa, recordando-se dos louros gloriosos, com que se ennobrecerám os nossos avós por espaço de tantos seculos, sempre com os olhos fixos na estrella luminosa da cruz, cuja direcção e mysteriosa influencia são as únicas forças capazes de nos segurar no presente uma situação prospera e solida, e de nos preparar no futuro um progressó verdadeiro e successivo, o qual sem desaparecer engolido pelas voragens da anarchia moral, nem se esqueletisar com

trabalhosa caminhada pelas marasmaticas e asphyxiantes charnecas do scepticismo, nos poderá conservar a vida do tempo, sem nos matar a da eternidade. Nesta quadra dolorosa de incredulidade, em que muitos homens, aliás dotados de notaveis talentos e saber, e até muitas vezes das melhores qualidades de espirito e coração, se encarniçam por uma cegueira fatal e inexplicavel em combater o christianismo, sem lhes importarem as consequencias desastrosas e terribes, que ao povo fazem experimentar, e a pandorica boceta que lhe offertam, se, o que Deus afaste, conseguirem a final deschristianisal-o totalmente, não hesitarei em affirmar que o livro admiravel escripto por V. não serve somente para honrar as letras portuguezas, mas que os seus effeitos chegarão mais longe, podendo ser proveitosos em todas as partes da terra, por onde se acha espalhada a doutrina pura e santa do venerando codigo promulgado no Calvario. O methodo claro, grave, e digno com que V. escreveu, não só responde convenientemente aos adversarios do divino martyr do Golgotha, mas até ensina aos proprios defensores do crucificado como devem haver-se para que o excesso de um zelo menos reflectido os não expo-

na a qualquer censura com apparencias de justiça pelos seus infatigaveis e pouco escripturales contendores. Neste assumpto, sempre extremamente melindroso, é difficil o saber bem distinguir se nos illumina o eterno pharol da inspiração celeste, ou se escrevemos guiados apenas pelo simples motor da nossa razão particular. Concluirei dizendo a V. a profunda convicção, em que estou, de que a Igreja Catholica collocará o seu livro entre os valiosos monumentos doutrinaes, que a enriquecem, assim como a litteratura patria o ajuntará aos muitos outros, com que V. em ramos tão diversos a tem illustrado tanto. Tenho exposto, como prometti, as razões da minha crença na divindade de Jesus, e da minha veneração pelo livro que a defende com tão grande cabedal de saber, e elegancia de locução; a respeito da carta dedicatória nada posso acrescentar ao que já disse quando a agradei com um agradecimento cheio na verdade de amor proprio. V. dirigindo-m'a, teve a culpa deste meu forçado silencio, por que, não podendo eu fazer outra cousa mais, que pôr a cada instante em relevo a magia de um estilo, que encanta a alma e o coração, o risco de parecer suspeito se me tornou inevitavel. Não

importa; trechos, como aquelle, de tão alta eloquencia não carecem de elogio alheio; são como o sol sempre mais resplandecente, que tudo quanto em seu louvor pode escrever-se.

De V.

Amigo affectuoso, e obediente criado

Povos de Varzim 3 de fevereiro de 1865.

Visconde d'Azarreda.

CARTA

AO

SENHOR VISCONDE D'AZEVEDO



12 simul consolari in vobis, per eam, que invicem est, fidem vestram atque meam.

16 Non enim erubesco Evangelium...

EPIST. B. PAULI AD ROM.—Cap. I.

12 para me consolar juntamente comvosco, por aquella vossa e minha fé que uns e outros professamos.

16 Porque eu não me envergonho do Evangelho.

EPIST. DE S. PAULO AOS ROM.—Cap. I.



SNR. VISCONDE.

Bosquejei, ha onze annos, uns artigos denominados *Divindade de Jesus*. O prazer de vê-los estampados não correspondeu á consolação de sentil-os. Cuidei que havia profanado o assumpto nas fórmas vulgares e locuções triviaes com que eu exprimia as sensações communs da vida. Reli as orações de Lacordaire, Ventura, Frayssinous, e Ravignan, concernentes ao mesmo motivo, e humildei-me, sem dezar d'amor-proprio, confessando que o assumpto exercitado por aquelles doutissimos propugnadores da Divindade de Jesus, produzia argumentação incontrovertida, formulada em linguagem esplendida; em quanto que, por mim, apenas introduzido, de consciencia e coração, ao noviciado dos estudos religiosos, o sublime assumpto deu de si uma pouca menos de apagada luz, que, assim mesmo, tinha o merecimento de não ser abso-

lutamente completa escuridade. Offereceu-se-me então pensar que, n'este immenso sanctuario, as pequenas lampadas, que não alumiam nem se amostram aos olhos da humanidade, o summo Bem as vê, o supremo Senhor as acceitará amorosamente, como da indigente viuva acceitou a minguada oblação, e dos poderosos, em marmore e ouro, magestosos templos.

O fervoroso desejo de intranhar a minha fé no animo de amigos bem inclinados, que se dispensavam d'ella, em quanto as miragens da vida, moça e enganada, lhes bastavam á lisonja d'olhos, e o coração, de grado, se entregava á cadeia dourada das esperanças;— aquelle fervoroso desejo, digo, foi grande parte no publicarem-se os argumentos com que eu respondia á philosophia indocil dos espantados da minha conversão. *Conversão* chamavam alguns o que meramente devêra chamar-se *reflexão*. A juizo d'outros, a minha religiosidade era hypocrisia. Os amigos arguiam-me de inepto; os inimigos de impostor; cumpria ser velhaco ou nescio para confessar a divindade da religião do crucificado. Que desconsolador dilemma, sr. visconde! Quer-se que Chateaubriand e Lamartine, levados por coração e intelligencia a sagrarem nos altares do Salvador, sejam hypocritas ou ignorantes! Quer-se que sejam e tenham sido impostores ou mentecaptos os milhares de antigos martyres, e os centenaes d'elles que ainda agora se deixam matar abraçados á cruz! Pois os sinceros e esclarecidos hão-de

ser tão-sómente aquelles que, sem rebuço, fazem praça de sua irreligião? Se d'estes ha poucos ou muitos que se dispensem da Divindade de Jesus para serem honrados, é justiça isto para que se deaegue fé, consciencia e illustração aos que fervorosamente confessam as doutrinas reveladas pelos discipulos de Jesus Christo?!

Quando eu escrevi os artigos, que me foram testimunho da minha ignorancia ou hypocrisia nas practicas dos meus julgadores imprudentes, me estava eu dando a mim as razões da minha crença. Não sei se foi algum ingente infortunio que me fez ir alliviar o pezo de minha cruz ao pé da cruz do Homem-Deus: devia de ser; umas quasi delidas reminiscencias do coração d'aquella idade me dizem que foi. O aperto da dôr espertou-me na memoria as orações da infancia. A mãe, que eu não conhecêra, devia fallar-me n'essa hora. A luz, que depois me guiou no rasto dos grandes infelizes, caminho do Calvario, devia de preluzir-m'a ella ao animo conturbado e affligido, antes que o estudo me volvesse á serenidade da fé, e ás fontes novas das aguas bem-ditas da esperanza. Vi então rasgarem-se-me os horisontes da vida em annos de paz. Contava com a graça divina para lutar e vencer, vencer-me a mim, o mais inexoravel inimigo que ainda tive. Enganei-me: as paixões sopraram rijas do lado do inferno; os vislumbres da graça deixei-os apagar no coração repleto de máos sedimentos. Volvi

às angustias antigas, às trévas d'uma cegueira, em que, por vezes, umas visões, como os lampejos dos amauroticos, me davam rebates de saudade da luz perdida.

E era então o pensar eu comigo, sr. visconde, nas razões da minha fé, razões vigorosas com que a consciencia se assoberbava de sua força. Ainda agora, tão longe d'aquelle tempo de bem agourada mudança, peço aos meus vinte seis annos de então conta do fructo das muitas vigílias, dadas mais ao frio estudo que á contemplação mystica de Jesus Christo.

Eu não poderia hoje, sem abandonar a seára onde vou grangeando o suado pão da existencia, reabrir os thesouros em que a divina providencia me deparou o pão da alma e vida eterna. As tempestades, que eu colhi dos ventos semeados, levaram-me esses thesouros, os livros, companheiros idos como amigos, que desanimaram de me reterem no seu gremio, e me lançaram de si com justificado desamor.

Escassamente a memoria me restituiu umas turvas lembranças dos meus estudos da mocidade, quando, pouco ha, li a *Vida de Jesus* por Ernesto Renan, livro que V. Exc.^a leu attentamente, como devo inferir do debate illustrado e discreto a que foi convidado pela engenhosa apreciação do sr. Pinheiro Chagas, moço, que tão em verdura de annos, se abalança ás felizes affoitezas da sua muita capacidade para terçar na mais lidada e arriscada arena de saber do homem.

Assevero a V. Exc.^a, com as melhores expressões da minha serenidade, que o livro do insigne escriptor francez me não desconvenceu, nem demudou do esteio a que se amparára, n'outros tempos, o meu espirito, estonteado pelos repellões das philosophias antagonistas. Direi agora como os Evangelhos de Nosso Senhor Jesus Christo me deram o arrimo da arvore sancta, cujas raizes, manancial da seiva de dezenove seculos de progressiva civilisação, a lamina hervada do famoso livro não vingou ferir.

Nos muitos e melhores annos que me fugiram distrahidos da religião, por vezes, algumas altas idéas me surprehendiam nos êrmos, onde eu, como a fugir de mim proprio, ia esconder-me e consultar-me. A necessidade de comprehender as obras divinas mais contingentes á humanidade, guiava os meus raciocinios até ao dogma. Chegado aqui, tomava-me o desalento, a desconfiança, e logo a inercia da indiferença.

Escutava a minha razão, que se oppunha ao rompimento completo do destino humano com o sobrenatural. A razão dizia-me em tom consolativo: «o sentimento religioso te basta: sabe que ha Deus, e adora-o; deixa-te ir nas azas refulgentes de tua phantasia; que os anhelos d'outra vida, a poesia d'alma que te levanta sobre as realidades d'este mundo, são já de si a tua identificação ás coisas divinas. Dogmas, e organisações de egrejas de que te aproveitam? Crê, adora, assombra-te das maravilhas do mundo, ama teus irmãos,

sê feliz pela virtude; faz que as tuas paixões redun-
dem em contentamentos duradouros, sem peçonha de
arrependimento, e espera tranquillo o anoitecer de
tua vida. Em quanto aos dógmas, que repulsam as
investidas da tua razão humilhada, que montam elles
para o bem-estar, o bem-querer de tua alma? Ascende
em espirito onde mais podéres, e mais perto serás da
origem divina das coisas.»

Mas eu não podia subir além do curto espaço que
meus olhos alcançavam. A imaginação, alada para
Deus, a poucas voltas, cahia extenuada. O meu pen-
sar livremente era n'uma estreita área da razão ca-
ptiva. Um livro moderno explica mirificamente o breve
alcançe da minha imaginação d'aquelle tempo: «Não
é o homem um ser meramente sensível e poetico,
aspirando a ultrapassar as balisas do mundo actual e
material, com impulsos de amor e phantasia. O homem
pensa ao mesmo tempo que sente; quer conhecer, crêr
e amar simultaneamente e por igual: não lhe abasta
que sua alma se commova e remonte: faz-se-lhe mis-
ter repousal-a em convicções conformes aos seus inlê-
vos. É isto que o homem almeja na religião: pede-
lhe, além das exultações nobres e puras, além da
luz, a sympathia. Se a religião lhe não resolve os
problemas moraes que lhe inquietam o espirito, re-
ligião de certo não é: poderá ser, quando muito, poe-
sia. Commovo-me ao contemplar a desordem das al-
mas elevadas que cuidam achar, no sentimento re-

ligioso sómente, a defeza contra a duvida e impiedade. . . . ¹.

O dogmá, snr. visconde, era para os vãos descompassados do meu espirito ousado o que deve ser para as aves de mais alto adejo o ambiente onde o ar é mortifero. O instincto religioso, acrisolado no mais estreme espiritualismo, parecia cada vez mais aprofundar o vacuo de minha alma. O pantheismo, a ubiquidade de Deus, entreteve por algum espaço o jogo das chimeras com que a minha pobre razão se deleitava; depois, se uma hora chegava, em que eu carecia de Deus, se o animo se estorcía e fugia á compressão das suas dôres, o meu pantheismo não me figurava Deus em parte alguma. Direi sinceramente a V. Exc.^a que as minhas creanças deistas, quando eu mais carecia de convertel-as em linimento de afflicções, nada me davam. Bem m'ó havia dito Bossuet: «o deismo é a mascara do atheismo.»

Appliquei aos factos as minhas cogitações; absteve-me de theorias especulativas, e entendi no que era da jurisdicção do raciocinio. Pezaram muito em meu animo as singelas palavras de Jesus Christo aos incredulos de Israel: «Se não quereis acreditar minhas palavras, vêde e considerai as minhas obras.»

Estudei os factos do Christianismo, sem pospôr,

¹ Guizot «Méditations sur l'essence de la Religion chretienne» 1864.

pios viciôsos; mas argumentavam. Quem os lê, naturalmente, examina como os Origenes, os Tertulianos e Cyrillos lhes responderam, e decide entre contendores que affoitamente se defrontam na peleja. Pois, a meu juizo, os flagellos do christianismo nascente, os pelejadores formidaveis dos primeiros seculos não foram tão nocivos ás crenças dos galileus como o livro do moderno escriptor francez.—A *Vida de Jesus* de Strauss, lavor de admiraveis e por vezes engenhosas fadigas, vastas paginas lardeadas de vasta erudição, posto que tres vezes publicado em França, e mandado a civilisar os barbaros, que ainda juravam pela divindade do crucificado, o grave e pesado livro do professor de Tubingue apenas abalou as crenças d'alguns que não o lêram, e se espantaram do assombroso criticismo do allemão.

O carcaz das frechas mais hervadas contra a religião pendia—sem motejo nem encarecimento o digo—do talabarte do estilista francez. Este livro é bom de lêr-se; tem sentimental lyrismo; os periodos são boleados a primor; o heroe, que aconteceu chamar-se Jesus, tem ás vezes maviosidades, innocencias, e preceitos que vão dentro d'alma, e lá ficariam, se as extravagancias de uma ignara embustice não viessem ao par com celestiaes attributos. Podia o, ainda assim, heroe sympathico, chamar-se Appolonio Thyaneu, ou Bouddha; ficava de igual modo graciosa e para muito exito a novella; mas o author quiz afervorar

o interesse; denominou Jesus o personagem, e, com effeito, ganhou; aufferiu d'aquelle nome augusto torrentes de ouro, e estancou as torrentes de lagrimas em que muitas afflicções se desentranhavam, invocando o nome sacratissimo do Filho de Deus.

Ao lêrem-n'o, muitos espiritos, não despreciados em cultura, se dariam por satisfeitos do recheio de notas indiciativas do saber do author. Em caso de insufficiencia de notas, o leitor veria que Renan, conforme a sua phrase, *não costuma refazer o que está bem feito.*¹ Quer dizer que, onde elle é conciso, outros foram prolixos. Lá vem no livro o catalogo dos authores consultados: são muitos; o leitor não tem vagar de cetterjal-os, nem cura de saber se já foram refutados os consultores e inspiradores de Renan; volta a pagina, e vai ávante na seguridade e confiança de que o livro, que tem entre mãos, é a quinta essencia, a recapitulação incontrastavel das escholas da razão natural.

Observei eu que o afamado livro concorreu com os romances do anno passado aos gabinetes das senhoras cuidadasas em possuirem as novidades da litteratura recreativa. As damas lêram a vida de Jesus, segundo Renan; e condoeram-se do affectuoso personagem tão iniquamente suppliciado. Compadeceram-se do judeu crucificado, assim como, guardadas as distancias entre infelizes, se compadeceriam d'algum

¹ Introducção pg. vi.

desventuroso heroe das minhas fabulas, genero phantastico, em que eu, certo, não ousei medir-me com o inventivo membro do Instituto de França.

Como quer que seja, o mais damninho e depravador escripto devia ser uma vida de Jesus, com feitto de romance, agradavel em linguagem, commovente, e, a espaços, sombreada de ideaes melancolias; e, por sobre tantas condições meritorias, lustrada pelo verniz da sciencia com que o author, ás vezes, marcheta os seus periodos rendilhados.

Se V. Exc.^a m'o permite, direi agora o que não ousaria dizer em conversação, porque tudo que eu puzer aqui em deslustres da sciencia e das hypotheses de Renan, será pouco em comparação do muito que V. Exc.^a allegaria contra a má fé ou contra a insciencia do livro. Outro sim me não desvanço de escrever coisas novas para qualquer leitor medianamente lettrado.

Algumas das mais energicas refutações da *Vida de Jesus* correm traduzidas, ainda bem, e derramadas numerosamente. Eu vim tarde com a pobreza d'este esboço: tudo que eu escrever, estava escripto; e, para assim dizer, escripto em redor do berço da nossa divina religião. Renan, quando não inventou, copiou os contradictores primitivos da divindade de Jesus; os impugnadores de Renan trasladaram fielmente os artigos defensores da origem divina do christianismo. Em quanto a mim, esta repetição de argumentos, sem-

pre identicos e sempre triumphantes, contra todos os gnosticos e ebionitas de todos os seculos, diz grandemente em pró da inteireza, solidez, e immobilidade dos principios.

Aos crentes da Cruz não se lhes faz mister negacEAR ao fervor dos fieis com alliciações phantasticas. A tragedia da Paixão incute santos terrores que introvertem a alma para longe de quadros imaginarios. S. Paulo disse com maviosa simplicidade: «E eu, quando fui ter convosco, irmãos, não fui com sublimidade de estylo, ou de sabedoria, a annunciar-vos o testemunho de Christo; porque julguei não saber coisa alguma entre vós, senão a Jesus Christo, e este crucificado. ¹»

Escreve Renan uma larga introducção á *Vida de Jesus*. A essencia do livro é a introducção. O valor, que elle tiver, ha de ella dar-lh'o. O critico pertende, ao que parece, reduzir Jesus á mera humanidade, despreciando a valia dos Evangelhos, a historia coeva do Redemptor, o mais antigo testemunho que possuímos da sua divindade.

Por isso eu disse que a introducção é a essencia do livro: esta é a liça do debate, a questão suprema. Demoremos, snr. visconde, algum breve espaço, n'este vestibulo que tem muito que vêr. Se em quanto estivermos n'elle, se apagarem as lampadas que o philosopho nos offerece, não passemos além da ramalhosa

¹ Aos Corinth. Cap. ii.

introducção, que d'ahi a dentro será tudo trevas em labyrintho de hypotheses, nas quaes a ousada blasphemia corre parelhas com o desatino.

Observa um refutador de Renan que este fluctuante philosopho, tendo escripto, ha muitos annos, que a parte verdadeira dos Evangelhos escassamente daria uma pagina da historia de Jesus, se propoz agora extrahir da contextura completa dos Evangelhos uma *Vida de Jesus* em quatro centas e sessenta paginas. O insigne observador, em vista de reforma tão radical no animo do philosopho, espera que Renan se converta pura e simplesmente aos quatro Evangelhos canonicos.

Por em quanto, as crenças do socio do Instituto, sobre a authenticidade dos quatro Evangelhos, são de tal modo contradictorias que não é concedido determinal-as. O seu parecer de ha muitos annos tinha o applauso de Voltaire; o seu parecer de hoje não intende com alguma seita ou escola.

Apalpemos o cáhos.

N'um relanço da introducção, paginas 37, escreve Renan: « . . . Por ultimo, admitto como authenticos os quatro Evangelhos canonicos. A meu vêr, procedem todos do primeiro seculo, e são, com pouca differença, dos authores que se lhes attribuem. *Com pouca differença*, diz elle. Esta clausula é de mínimo pezo. A *pouca differença* deixa perceber que a substancia, a parte essencial dos livros canonicos, foi escripta no

primeiro seculo pelos quatro evangelistas. Se Renan entendesse que as alterações e accrescentamentos no texto primitivo foram graves, não teria dito que os Evangelhos se lêem hoje *com pouca differença* do que, no primeiro seculo, continham; provavel e logicamente diria: com muita differença, differença que nos leva a suppor que os milagres, e a resurreição de Jesus foram interpostos no texto, ahí pelo segundo ou terceiro seculo.

A *quasi* authenticidade que Renan concede aos Evangelhos, até certo ponto, concorda com uma justissima ponderação de um dos mais illustres defensores do Christianismo: «Que, no decurso de dezoito seculos, se haja introduzido algum leve erro em nossos Evangelhos por descuido e ignorancia dos copistas, admitto; isto, porém, não chegaria a ser alteração substancial. ¹»

Certamente, não: o mais que seria é o que Renan presume que foi: *à peu près—com pouca differença, quasi*. Até aqui são convergentes o bispo de Hermopolis e o professor de hebraico. Insta o philosopho christão, e diz: «A minha intenção é demonstrar que os nossos Evangelhos nunca foram alterados, no tocante á substancia e doutrina, moral e factos; em virtude de que, no essencial das coisas, acham-se em

¹ Bispo de Hermopolis—Défense du Christianisme, 1.º vol. p. 383.

nossas mãos taes quaes foram nas mãos dos apóstolos. ¹» Quem quizesse levar até á repetição a prova de não divergirem o philosopho christão do racionalista, poderia dizer: «Renan é tão claro e orthodoxo como vós sois, illustre orador: o racionalista acceita a substancia e factos dos Evangelhos; apenas suppõe as pequenas differenças que vós admittis; elle diz: *à peu près*, e vós dizeis: *quelque faute légère*; elle diz: *j'admets*; e vós dizeis: *J'y consens*. Palavras e admisões consentaneas.

De sobra sabe V. Exc.^a que o Evangelho de S. João sobre-excede as narrativas synopticas em pormenores da divindade do Salvador. As paginas do discipulo amado são, por excellencia, os Fastos da Cruz e seus mysterios. Em S. João realça o narrador do dogma, do sacramento, da metaphysica do christianismo. Por isso mesmo, os detrahidores da divindade de Christo, com mais porfioso afan, se conspiraram sempre contra a authenticidade, do quarto livro canonico. Não assim o author da *Vida de Jesus*. As allegações de Renan contra a authoridade do quarto evangelho são embaralhadas com tão negativo engenho e desconcertada critica, snr. visconde, que eu chego a suspeitar lezão nò entendimento do sonoro escriptor.

Eu leio em Renan que «principalmente a leitura

¹ Bispo de Hermopolis—*Défense du Christianisme*, 1.^o vol. p. 383.

da obra (o Evangelho de S. João), é de molde a impressionar. O author narra sempre como testemunha presencial, e quer que o tenham em conta do apóstolo João.»

E logo em seguimento: «Se esta obra realmente não é do apóstolo, . . . ha n'isto uma fraude de que não ha exemplo no mundo apostolico.»

Algumas linhas antes: «Não ousou affirmar que o quarto Evangelho fosse inteiramente escripto por um antigo pastor galileu.»

Algumas paginas depois: «Não me decido na questão material de saber que mão traçou o quarto Evangelho; propendo a crêr que os discursos, pelo menos, não são do filho de Zebedeu; admitto, porém, que este é em verdade o Evangelho, segundo João. . . »

E na pagina seguinte: «Por ultimo, admitto como authenticos os quatro Evangelhos canonicos. A meu vêr procedem todos do primeiro seculo, e são, com pouca differença, dos authores que se lhes attribuem. ¹»

Começam a vasquejar as lampadas do apparatuso vestibulo, snr. visconde. Eu já não sei desencadilhar esta meada. S. João não escreveu: foi um sujeito que o critico se dispensa de conhecer. S. João escreveu; mas não escreveu tudo. S. João escreveu, porque era impossivel, e não ha exemplo de fraudulencia de tal porte. S. João não escreveu, porque um pescador an-

¹ Vid. p. 25, 27, 36 e 37 da *INTRODUÇÃO*.

tigo não escrevia assim. S. João escreveu com pouca differença. S. João não é o author dos discursos. Isto não me parece coisa séria nem altercavel.

Se, todavia, é forçoso rir, vejamos ainda uma outra conjectura de Renan em que S. João fica sendo inquestionavelmente o author do Evangelho. Diz assim: «Sente-se tentação de crêr que S. João, já velho, lendo as narrativas evangelicas divulgadas, reparou primeiro em diversas inexacções, e depois azedou-se de vêr que lhe não assignavam na historia de Christo logar de primeira plana; pelo que, principiou a ditar muitas cousas que elle sabia melhor que os outros, no proposito de mostrar que, em muitos relanços, onde sómente se mencionava Pedro, figurára elle antes de Pedro e com Pedro. ¹»

Descamba em puerilidade esta hypothese. O imaginario João de Renan é um personagem invejoso que disputa ao defuncto Pedro a primasia da corrida ao sepulcro de Jesus. Aqui nem ao menos se me offerece oportunidade de admirar o romancista. A imaginação costuma ser mais logica.

De modo, snr. visconde, que eu, á terceira leitura d'esta derramada introdução, que captivou a estima dos admiradores da linguagem florente, achei-me bem, e mais intrado da minha fé racional na authenticidade

¹ Introd. p. 27.

dos livros da vida de Nosso Senhor Jesus Christo. Da introduccão em diante, encontrei os dilates, e as repugnancias irreconciliaveis em que devia enredar-se o escriptor que deseja sahir a limpo com uma façanha perigosa, ferindo de revéz a piedade do christão, e abroquellando-se inhabilmente dos golpes da philosophia racionalista.

Por amor d'isto é que elle, uma hora, sobrepunha Jesus a todos os^s homens; outra hora, avantajava-lhe Çakya-Mouni, Marco-Aurelio, e Espinosa, na virtude da sinceridade, e desapêgo dos prazeres mundanos. Por amor d'isto é que elle, a pag. 243, intende que Jesus se julgava tão filho de Deus como os outros homens, posto que se presumia homem extraordinario; e a pag. 254, escreve que Jesus, desde muito, se persuadira que os prophetas o tinham em vista quando o prophetisavam. . .

Eu receio de o ir já enfadando, snr. visconde. V. Exc.^a copiosamente versado nos estudos de todas as religiões, e muito d'alma convencido da divindade da nossa, quando leu Kenan devia sorrir, e entre si dizer: «Este livro não é para debates; propriamente os illiteratos hão de impugnal-o com as mesmas refutações que o author arma contra si.» E tão justo juizo deve ser parte para que V. Exc.^a me vá cortando nas demasias, e eu, sem impedimento do seu fastio, ouse pedir-lhe, snr. visconde, que me deixe trasladar d'este romance umas linhas que eu, sujeitando-as á minha

alçada de author de quarenta e não sei quantos romances, me aventuro a denominal-as ineptas.

Chega Renan á resurreição de Christo.

«...Na manhã de domingo, as mulheres chegaram muito de madrugada ao sepulchro, sendo Maria de Magdala a primeira. Estava a pedra deslocada da abertura, e o corpo já não estava no logar onde o haviam posto. Ao mesmo tempo, os mais estranhos rumores se derramaram na communitade christã. Entre os discipulos correu, qual relampago, o brado: «resuscitou!» O amor lhes proporcionou em toda a parte uma crença facil. Que se passou?... A vida de Jesus, para o historiador, acabou com o seu ultimo suspiro. Mas taes eram os vestigios que elle deixára no coração de seus discipulos e d'algumas almas dedicadas que, no espaço d'algumas semanas, ainda viveu para elles e lhes foi consolador. O seu corpo foi arrebatado, ou o entusiasmo, sempre crédulo, deu brado ao conjuncto de narrativas com as quaes se curou de estabelecer a fé e a resurreição? É o que, á mingoa de documentos contradictorios, havemos sempre ignorar. Todavia, digamos que a forte imaginação de Maria de Magdala representou n'este incidente um papel de primeira ordem. Divino poder do amor! instantes sagrados em que a paixão d'uma delirante dá ao mundo um Deus resuscitado!»

Aqui está como foi a resurreição de Jesus! Uma hallucinação de mulher apaixonada! Eu não ousou brin-

car, snr. visconde, com este assumpto: ha blasphemação e sacrilegio em disputar aos delirios do amor de uma mulher, que chorava suas culpas, a realidade da resurreição de Jesus Christo. O francez, a meu vêr, não póde dar contas á historia nem á razão das suas phantasias. Quem assim inventa, quando não é romancista, argúe intermittencia escura de recto juizo. Estes eclipses não hão de sempre imputar-se á ignorancia: muitos procedem da deslealdade.

Eu devia ter parado, snr. visconde, na passagem d'esta carta em que ponderei a invalidez das invectivas de Renan, se o eram, contra os quatro livros canonicos. Não os desvaliou? não os desceu da sua legitimidade de dezoito seculos? A pergunta é vã. Não sei que outro philosopho attentasse contra a integridade dos Evangelhos com tão debil pulso e tão estrondosas futilidades!

Pois bem! Deixemos raivar o temporal. Estas ephemeris borrascas são as disputações a que Deus abandonou o mundo. *Tradidit mundum disputationi* ¹. Onde cáe um livro, como o de Renan, abre-se um abysmo, e uma parte da humanidade revoluteia e dilacera alegrias de sua alma, e as consolações das suas esperanças em volta d'essa voragem. Depois, o anjo da misericordia divina baixa com a aza o dorso da procella; alizam-se as vagas; e, por sobre o mar bo-

¹ Eccles. C. iii, ii.

nangoso, baloica-se serenamente o esquite de salvação, em que o anjo do Senhor depôz quatro livros, as quatro sagradas Memorias da Paixão de Jesus Christo, escriptas por homens, que viram os prodigios, e o suor de sangue, a agonia, e a morte, e a resurreição do Redemptor.

Ainda me falta, snr. visconde, pedir a V. Exc.^a que receba benignamente a dedicatoria das meditações d'algumas horas da minha mocidade. Às suas excellentes qualidades, que tão fundo amor e respeito me inspiram, que hei-de eu offerecer, senão lembranças d'alguns dias em que eu, por breve tempo, me voltei do lado das minhas asperas tristezas e solidões da alma para os hortos amenissimos, em que a vida de V. Exc.^a se tem gosado, nas exultações de honrada paz e respeitada virtude?

De V. Exc.^a

Porto 1 de Janeiro de 1865.

amigo respeitador e creado

Camilla Castilla-Branca.

PREFACIO

É nosso intento responder á incredulidade, que argumenta. Ha uma incredulidade irrespondivel: é a que não contende.

A impugnação offerecida, sem hombridade, por contendôr tão debil, corre perigo de ser acoimada de atrevimento.

O gigante, que se nos antepõe, chama-se RAZÃO. É um formidavel adversario, que se não temeria da funda de David em mãos de Bossuet, ou Chateaubriand. Está com elle o exercito tumultuario dos que pelejam rindo: gente de incutir pavôr aos mais robustos e intemeratos propugnadores da piedade; ferem com a zombaria, e fogem á clava pezada do raciocinio: são os scythas da dialectica. Quando o baluarte da razão estremece, desamparam-n'o e acastellam-se no extremo reducto, onde são invulneraveis: a indif-

ferença. Estes não são os triumphadores; mas estrondêam a brados, e palmas, e apupos, quando os caudillos enfraquecem.

Então rompem o campo amotinados, e hastêam facilmente o estandarte da victoria. Esta gente chama-se Le-Brun, o *citador*, Meslier, o *cura* de Étrépigny, e milhares, com uns exteriores de sciencia grossa, revellada na estampa d'alguns caracteres gregos e hebraicos, com que fulminam os ignorantes das linguas orientaes.

Que monta isso?

Combatamos humildemente. Vamos sem armas, com o livro do Senhor aberto. Levemos este ceutil onde fulge a baixella dos opulentos da sciencia humana e da graça divina.

O assumpto é vasto, e gloriosa a lucta dos que succumbem. Os supremos vencedores, os martyres, venciam com a só palavra: CREIO. Se não vingarmos este fervoroso anhelos de entrarmos á consciencia de quem nos lêr, os adversarios não ganham.

Pouquissima gloria para quem vencer.

A seita dos «racionalistas» declara que não tem que vêr comnosco em artigos de fé. A peleja corre entre duas razões: a da crença philosophica, e a da philosophia sem crença. Semelhante condição é a mordaga que nos offerecem com ares de benevolencia, como se nos dissessem:

«Se tens a sciencia universal, que abrange a na-

tureza das cousas, e a explicação natural dos factos, levanta o cartél; porém, se as tuas armas sahiram das velhas armarias de Roma, não entres na liça, que, de parte a parte, não nos intenderemos.»

Onde está a sciencia que dá a explicação natural dos factos? Tivessem-na elles, que os segredos da criação viriam ao lume da agua, que tão turva sahe das fontes da sua sabedoria. Com a chave d'essa sciencia abririam elles o céu, em vez de construirem Babeis, que desabam.

O Christianismo não se esquivava á razão philosophica. «É um facto; e, como tal, deve ser estudado» —pondera Fénelon.—Faz-se mister sciencia para lhe intender o que é accessivel ao intendimento. Não é Roma que inicia e unge o luctador: é a razão allumiada no estudo da natureza e do homem. A providencia dos racionalistas irá mais longe? Exorbita da esphera do visivel e palpavel? As sciencias especulativas transcendem os limites demarcados ás inducções theologicas? A humanidade ignora em que eleuzinas cryptas escondem os sabios o facho, a cuja luz viram a causa das causas, a vida explicada, os designios do Creador definidos.

Sabemos sobre que alicerces ha de o escriptor christão cimentar o edificio da FÉ, se intenta dar-lhe a RAZÃO por cupula e remate.

Cumpre-lhe demonstrar a divindade de Jesus.

Tal demonstração, que já vimos summariada em

breves provas, é hoje obrigada a dispende-se em dilatadas satisfações á critica. Escreveram Strauss e Salvador, homens de muitas luzes. A sciencia que os impugne, ou immudeça a insciencia. Basta que seja acatada a ignorancia, quando legislar a inutilidade da religião pela bôcca de Voltaire, o mais ignorante insultador, que ainda injuriou a religião do Calvario.

Faz-se mister grande calor de fé aos que entram nos areopagos, e, á imitação de S. Paulo, os provocam. Os areopagitas, de hoje em dia, encaram-se, como os archontes, e, sorrindo desdenhosamente, dizem: «Quem é este que vem fallar-nos de um Deus desconhecido?»

Quem é este?

Perguntar assim equivale a vencer. Discuta-se o homem. Atire-se o machado ao tronco, e os fructos da arvore apodrecerão ámanhã. Systema que não inculca sciencia, nem consciencia.

Assim fizeram os incredulos de Jerusalem com uns pobres pescadores que alli appareceram a jurar a divindade de Jesus. Ora, deveis saber que, no dia e logar em que esta pergunta foi feita, oite mil almas se converteram á fé do crucificado. E os convertidos sahiram depois a offerecer mansamente a prova de sua fé ás feras, ás fogueiras, e aos cutellos dos cezares.

DIVINDADE DE JESUS

Tu morreste por nós na cruz da affronta,
E o sangue derradeiro
Derramaste do alto do madeiro,
Jesus, Filho de Deus, Deus verdadeiro.

VISCONDE D'ALMEIDA GARRETT—O REDEMPTOR.

Conheço os homens, e affianço-te que
JESUS CHRISTO não era um homem.

NAPOLEÃO.



DIVINDADE DE JESUS

CAPITULO I

A razão do homem interprete dos actos de Deus

Não se faz mister cabedal de sciencia para dizer isto: «É inverosimil a divindade de Jesus.»

Não é preciso que Strauss authorise um asserto, de si tão obvio e banal, que dispensa o beneplacito do criticismo alemão.

A fé, sem quebra de sua inteireza, diz o mesmo, em concordancia com os luminares da christandade. Religião oriunda de Deus, como tudo que procede de occultas causas indecifreveis na mente divina, humanamente examinada, é incomprehensivel. O christianismo, porém, é um facto, uma luminosa verdade, um acontecimento que *é*, e repugna á discussão *se pôde ser*.

A origem do christianismo em Deus afferimol-a

*

nas provas extrinsecas, provas testemunhaes. As intrinsecas vem menos de molde ao assumpto.

Pezam levemente conjecturas theoricas, se a illudicação d'um facto requer inducções d'outros factos—o methodo experimental. Póde a razão engenhar admiraveis instrumentos para indagar factos da alçada da observação; mas alcançar com elles os que demoram além dos limites da experiencia, não vingou ainda.

A chymica e physica, ha cem annos, eram um complexo de phenomenos, adjudicados ao serviço da alchymia. Os praticos e theoricos chamavam-lhes «misterios.» Que fez a razão para corrigir esta absurda nomenclatura? Esperou a experiencia, que lentamente desvelou o segredo rebelde á sciencia especulativa.

Estudem-se os naturalistas de ha cem annos: aproximem-se, e refundam-se as theorias. O descobrimento de Lavoisier não se antevê, nem espera. As sciencias de observação seriam hoje o que eram, ha um seculo, se os factos incompreensiveis, com que então se manifestaram, fossem desprezados como inefficazes.

Longe de nós desestimar o lavor da razão no adiantamento das sciencias naturaes. A critica não ha de acoimar-nos por tamanho paradoxo. Confessamos que o apparecimento de um phenomeno excita a razão a exercitar-se para sujeital-o ás leis geraes da materia; queremos, porém, que os racionalistas assintam a que a razão não póde, com bom juizo, impugnar um facto da ordem moral por não poder comprehendê-lo.

O Christianismo precisa ser estudado desprevenidamente, como quem estuda um objecto abstracto, cuja certeza ou falsidade pouco importa a quem o estuda. Cumpre assim fallar ao scepticismo; se não, interrogam-nos logo sobre difficuldades historicas, difficuldades metaphysicas, difficuldades da moral. Descreer é que não tem nenhuma difficuldade.

Estude-se o christianismo, se isto lhes quadra, como um problema de geometria; mas não valha ao incredulo a evasiva do «não comprehendo.» É injudicioso negar a existencia dos antipodas, por que não comprehendemos os effeitos da theoria de Newton,

O christianismo é divino por seu fundador.

Provam-no os factos precedentes á fundação, as circumstancias coevas da sua origem e estabelecimento, e o testemunho.

Ha um milagre de todos os dias, ha mil e oito centos annos, a verificall-o: é a sua conservação. Disse Bergier aos racionalistas seus contemporaneos: «*Examinez-vous bien, et voyez si vos prédécesseurs ont pu être vaincus sans miracle!*»

Gerações e systemas, philosophos e philosophias tudo se foi á voragem.

Cada seculo tem tido seu idolo; cada idolo tem baqueado ao abysmo commum das apothesees humanas: sabios, legisladores, reformadores, tudo que teve um grande nome, uma ephémera gloria.

O que está em pé, rodeado das muralhas divinas

contra as quaes resaltam em espuma as tempestades da razão humana, é o estandarê da Cruz, o guia dos martyres, a estrella dos sabios civilisadores. Este é que é o milagre, que exacerba a sanha dos adversarios da egreja.

Para o não confessarem, injuriam-no.

§ I

O christianismo começa com o mundo. Não é um facto meramente historico, um elo na concatenação dos successos constitutivos da vida da humanidade. Quem houver de seguir-lhe os vestigios até á origem d'onde procede, encontra o vago do infinito. A historia da humanidade, para além do primeiro capitulo genésico de Moysés, é o segredo imprescrutavel do creador.

São o velho testamento e o novo, a um tempo, base e essencia do christianismo. Destruir a validade da tradição escripta foi, e é o maximo esforço dos que impugnam a divindade de Jesus. Atacam o ponto mais descoberto e azado ás manobras da sciencia incredula. Levantam-se e abalam, contra os livros santos, a critica, a philosophia, a historia, e a chronologia, em ordem de batalha, com a bandeira da razão na avançada. Se o raciocinio fraquêa, dá-se á critica o tom da jogralidade: é a zombaria quem canta a victoria. Se a negativa carece de razão, estabelece-se o scepticismo, e pedem-se aos crentes as provas materiaes de sua fé. Se as datas embaraçam as illacções da historia, inventa-se a chronologia. Se os factos desfavorecem, recorre-se á conjectura d'outros mais conformes á razão humana.

Seja como fôr, venham de Julião, de Porphirio, de Ario, de Helvetius, de Strauss, de Cabet, de Quinet theorias nubelosas ou insultos manifestos: seja o que fôr e de quem fôr: tudo serve para reduzir Moysés a mytho, Jesus Christo a homem, os evangelhos a legendas, pessinas legendas, «escriptas por boçaes charlatães que sequer não poderam altear-se ao sublime do estylo aziatico.» É de Voltaire a censura; pelo que, os livros de Deus nem já dos homens eram dignos! O que o Espírito Santo ensinára aos discipulos foi tido em conta de «velhacaria estúpida» no conceito d'um libertino feliz e laureado. Gloria á religião do crucificado! Voltaire desprezou-a por sandia! No toucador da velha Lenclos, o seu co-herdeiro não encontrou sentimento nem legado piedoso que lhe movesse o animo indulgente a favor da religião da pureza!

Da porfiada canceira de invectivas aos livros santos resultou que o espirito flexivel do maior numero pendesse a receber com agrado a desopressão d'um jugo molestó.—São apócrifos os livros sagrados? Optimamente! Não ha nada mais summario! Concedamos que existiu um homem bom chamado Jesus, egual a outro homem bom chamado Sócrates; dê-se á Judêa a gloria de ter produzido dois judeus de elevados espiritos: Jesus e Philon.

Porém, os crentes, inabalaveis em sua fé racioci-nada, disseram: Negai a authoridade de todos os livros conhecidos, e anniquilai depois a authenticidade do

velho e novo testamento. Nós cremos que Jesus Christo é o Redemptor predicto e previsto no velho testamento. Rasgai os livros dos prophetas.

Rasgaram facil e promptamente. Umás coisas são mythos, outras symbolos, outras legendas: somma— nada.

Não obstante, reflexionemos.

O velho testamento é o mais antigo testemunho da existencia de homens, e particularmente de homens em nação. É o livro vulgar e notório d'um povo ordenado e administrado por espaço de quarenta seculos. É a sua religião, a sua historia, a sua lei, e disciplina. N'elle estudam os levitas os encargos e prerogativas que lhes incumbem. É o codigo dos magistrados nos julgamentos. É a resalva da tribu e da familia. Ahí estão os decretos e providencias sobre a fé; a moral, a lithurgia, e o direito. Reis e sacerdotes copiam o livro, e, uma vez cada anno, o lêem ao povo, á raça de predestinação, á amplissima nação hebreá, que se prostra e adora o sacratissimo nome de Jehovah.

Quem responde pela authenticidade do velho testamento?

Respondem os escriptores judeus que, no largo tracto de mil annos, se firmam na base dos livros authenticos de suas leis e historia. Josepho, o insuspeito collaborador dos que fazem repugnancia á procedencia directamente divina de Jesus, justifica a authenticidade do velho testamento, acostado ás affirmativas

de Manethon, de Philocoro, de Apolonio, Alexandre e Polyhistor, gente mais authorisada em historias dos primeiros seculos que Dupuis, e Helvetius, e Diderot.

Diodoro Siculo, Pompeu, Juvenal, Galerio, Tacito, outros muitos poetas e historiadores dão testemunho da veracidade dos livros hebreus, como historia, como codigo juridicio e moral, como prenunciador dos tempos, e caução da futura soberania de Israel. Zombam, referindo; mas conjuram a provar o facto. Se o paganismo os desconsidera, citando-os, isso não lhes desdoura a authenticidade. Observemos, porém, que os reformadores da historia, quando lhes impecem historiadores irrefutaveis, pagãos ou judeus, christãos ou mahometanos, removem-os com menos-preço.

A biblia é um complexo de costumes, leis, ritos, praxes, ceremonias, descripções, localidades, e pessoas. Esta concatenação revê antiguidade impossivel de contrafazer-se em tempos posteriores. Como que se nos entre-mostram por meio d'aquellas idéas vagas a infancia da humanidade, as épocas nubladas dos patriarchas.

Umaz locuções pungem como lagrimas, outras enthusiamam como canticos. É o gemer e sorrir da natureza primitiva. São as primeiras lagrimas e os primeiros sorrisos.

É inverosimil a fabricação da biblia, sem espanto e sublevação do povo, que se regulava por suas leis. Os factos descriptos eram, em parte, contemporaneos

de povo historiado. Quem inventasse uma historia de tres mil annos, não ousaria dizer ás tribus de Israel: «Ahi estão gravadas as vicissitudes de tua errante vida, escrava no Egypto, no deserto, quarenta annos, favorecida por milagres do Senhor.»

As multidões deveram de espantar-se da historia contada. . . não por Moysés que é um mytho; mas por Esdras que, no intender de Spinoso, é o author do Genesis.

E por que não é Moysés? Moysés não escreveu—diz Voltaire—por que não tinha tinta. A facecia foi recebida como proverbio. O phylosopho não tivera occasião de saber que Cariath-Sepher, a cidade dos livros, é dez seculos anterior a Moysés. A vantagem da zombaria é dispensar o estudo.

Não foi Moysés; foi Esdras—tinha dito o transfuga da synagoga.

Lê-se, porém, na biblia que, antes da vinda de Esdras para Jerusalem, já os levitas exercitavam suas funcções, *como lh'as prescrevia a lei de Moysés, chamado o varão de Deus* ¹. Segundo Spinoso, Esdras inventou uma série de patriarchas e reis, e outra série de prodigios, que o povo nunca ouvira, e com o beneplacito dos samaritanos, que não consentiam a mais insignificante mudança nos caracteres dos livros santos; e, depois d'estas invenções, assignou-se mero co-

¹ ESDRAS. 6, 18.

pista da lei de Deus ¹. Quando o explicador de Descartes aggreuiu a personalidade de Moysés, christãos e israelitas deixaram sem resposta o arrojado e infeliz fundador do pantheismo; porém, o que, ha trezentos annos, foi derelicto como paradoxo, assumiu em nossos dias a gravidade da controversia. Era preciso exhumar o absurdo.

Querem outros que o velho testamento fosse escripto depois do reinado de Salomão.

É uma hypothese desamparada da minima probabilidade. De Salomão a Moysés decorrem succedimentos, que um falsificador não ousaria coordenar sem offensa da tradiçãõ e do raciocinio. As leis civis e religiosas consignadas no Pentateuco—fundamentadas na unidade divina e na liberdade politica—foram sempre o regimen da nação judaica. Estudem-se os acontecimentos desde os Machabeus até Moysés, lêam-se, *Ruth*, os *Reis*, *Samuel*, os *Juizes*, e o *Livro de Josué*. Ver-se-ha a deducção doutrinal fluindo uniforme desde o Pentateuco.

Era impossivel a falsificação logo que Judá e Israel se separaram, mediante o irritante scisma de Jeroboão. Se Judá inventasse ou alterasse o texto, Israel daria o pregão da vingança; se Israel manchasse a pureza das tradições escriptas, sacrificar-se-ia á vigilante Judá. Se Jeroboão podesse justificar o scisma,

¹ Ibid. 7, 6.

bradaria contra os inventores da lei, e não daria testemunho publico dos prodigios historiados por Moysés, n'estas palavras: «Aqui tendes os deuses que vos tiraram do Egypto.» Os deuses que elle mostrava eram os bezerros de ouro; mas claramente confessava o milagre da passagem no mar vermelho. A mentira só podia vingar sobre a base verdadeira.

Os detrahidores de Moysés seja João J. Rousseau quem os julgue:

«A lei judaica, sempre subsistente, proclama hoje o sublimado homem que a dictou.

«Embora a orgulhosa philosophia ou o obcecado espirito de facção o tenha em conta de impostor feliz; o sincero politico admira nas suas instituições o grande e poderoso genio que preside aos estabelecimentos perduraveis !.»

¹ «Contracto Social» L. 2.º, cap. 7.

§ II

Ha de regeitar-se tudo ou acceitar-se tudo nos livros de Moysés.

Que regeitam? Os factos encadeam-se. A intrusão de suspeita, que leve em mira desvalidar um successo, é impraticavel sem ferir os olhos da critica. Ou desvalidal-os todos, ou nenhum.

Existem monumentos a confirmar os fastos do povo hebraico: como que se contam as pulsações d'uma existencia de quatro mil annos. O Redemptor predito veio cumprir as profecias, e envolveu-se na immensidade do seu mysterio; e o povo inconverso permaneceu aliado ás suas tradições, ás cerimónias dos seus livros. Ficaram com o povo deícida as festas da Paschoa, de Pentecostes, as memorias do Tabernaculo, da Arca da Alliança, das tabuas da lei, da vara de Aarão, da serpente metalica, e do maná do Sinai.

Acodem os adversarios da authenticidade da Biblia:

Herodoto, Manethon, Eratostheno não fallam de Moysés, nem dos seus milagres, nem do seu famigerado povo: logo, tal legislador, tal povo, e taes milagres foram depois inventados.

Herodoto floresceu dez seculos depois de Moysés; e doze a treze seculos depois, escreveram os outros.

Qualquer d'elles principia a historiar sessenta mil annos antes. É a mythologia, contra a qual já ninguem se despende em argumentos serios. Isso foi gosto do seculo passado, quando todas as absurdezas serviram á supina ignorancia d'uns philosophos que pareciam professal-a com esmêro de artistas na arte de fabular.

Ora, não seria justo que a razão, tão applaudida em decisões de historia equívoca, se exercitasse em avaliar a nulla authoridade de historiographos que commecam pela assembléa dos deuses na terra, e organisam depois a sociedade dos homens?

Aquelles mesmos, escriptores coevos, chamados a depôr contra as legendas mozaicas, contradizem-se em factos de primeira importancia; de modo que, volvidos dois seculos, quem quiz escrever a historia do Egypto soccorreu-se das tradições populares, e deixou em desprezo as chimericas e abstrusas narrativas sobre a mystica do boi Apis.

Herodoto, chamado o pae da historia, é considerado o entusiasta das maravilhas com que elle, nos jogos olympicos, extasiava os seus ouvintes. Observemos agora que os philosophos—dê-se-lhes sempre o nome que elles se dão—classificam de mytho Moysés, e de legenda o velho testamento: como testemunho, serve-lhes o silencio, dos antigos historiadores ácerca dos livros sagrados e dos seus authores. Em Herodoto, e Manethon, e Eratostheno é que não ha mythos nem legendas: estes fallam á razão, e convencem-na.

Moysés é que é mytho e fabula por que historiou o principio do mundo, e ensartou uma successão de factos, quasi sempre naturaes e comprehensiveis, tendentes a illucidar uma religião racionalissima, assentada na idéa do monotheismo.

Repugnar a verdade do velho testamento, por que a não contestam autographos contemporaneos, é negar os commentarios de Cezar por que os gallezes não deixaram escriptos coevos do conquistador romano. Posto que Moysés, primeiro historiador, refira acontecimentos de uma sociedade solitaria, e estremada d'outras nações, que nenhuns vestigios deixaram, isso não impede que os detractores de sua veracidade considerem menos authenticos os escriptos do legislador hebreu do que os commentarios de Cezar, escriptos n'um tempo em que sobejavam historiadores para cada nação.

Não bastou á critica da razão indocil cortar pela raiz, a seu bel-prazer, a arvore em que se enxertou o madeiro da cruz. Da enorme façanha desceu a subtilsas grammaticaes, esmiuçando com paciencia, egual á ignorancia, o sentido philosophico d'uma interpretação variada. Os anatomistas dos livros divinos, bem que tolerantes na analyse de historias pagãs, não soffrem que debaixo do seu escalpello se não mostrem sensiveis e palpaveis os ligamentos que atam um facto a outro. Se lhes disemos que ha ahi relanços de linguagem symbolica, fechada com o sanctuario de Jeru-

salem, ou apenas visível na penumbra da lei nova, redarguem-nos que desadora symbolos a critica, e não tem que vêr com elles quando estuda racionalmente e chronologicamente a geração anteposta á civilisação christã. Replique-se que no velho testamento são obscuridades os lapsos dos copistas, as notas explicativas amalgamadas no texto, e interpretações falsas que traductores deixaram equivocadas, e marcadas do sêllo de nossas imperfeições.

Rossely de Lorgues, o author de *Jesus Christo perante o seculo*, desceu a responder aos racionalistas que intenderam reagir á revolução de Christo com uns reparos exegeticos. Disseram elles que *um dia*, termo que S. Jeronimo tradusira de *yom*, era pouquissimo tempo para solidificar-se o globo, como Moysés, ignorantissimo geologo, contava no Genesis. O douto christão responde á sciencia dos naturalistas que a expressão *yom* não demarca o periodo dos nossos dias; mas designa um espaço de tempo, uma *revolução*, cujo termo os calculos humanos ignoram.

Com referencia aos livros santos, muito antes das triumphaes conferencias de Frayssinous, de Ventura, e Lacordaire, ponderou Bossuet:

«Não falta quem diga que ha difficuldades na historia da Escriptura. Em verdade as ha, e certamente as não haveria, se este livro fosse menos antigo, ou tivesse sido fabricado (como ousam dizer) por homem habil e ingenhoso que emendasse o que se faz agora

reparavel. Ha n'elle difficuldades; conheço que sim; são essas, todavia, as difficuldades suscitadas pelo curso das idades, quando os logares variam de nome e estado, quando as datas esquecem, e as genealogias se perdem... Pergunto agora: acha-se tal escuridade no amago ou na substancia do livro sujeito? Não. Tudo é seguido, e o que tem sombras revela a mesma veneravel antiguidade nos livros santos. Ha differenças, dizem os adversarios, entre os textos samaritano e judeu. Que inferem d'ahi? Que os judeus ou Esdras fabricaram o Pentatheuco, depois da volta do captiveiro? Deve inferir-se pontualmente o contrario. As differenças provam em evidencia a antiguidade do Pentatheuco anterior a David e Salomão... Quão incontestavel é, pois, a authoridade de Moysés e do Pentatheuco, se todas as objecções o cimentam e consolidam!»

CAPITULO II

Prophecias

O cumprimento das prophcias justifica a divina missão de quem prophetizou, e a divindade de Jesus em quem se realisaram.

Em quatro mil annos, decorridos desde Adão até ao seu resgate, manifesta-se relevantemente Jesus Christo nos vultos historicos da historia do povo hebreu. Aclaram-se mais os relêvos dos symbolos, quando se aproxima a vinda do Reparador, de quem fôra dito: «Da mulher nascerá um filho, que esmagará a cabeça da serpente.»

Dois mil annos depois d'este promettimento restaurador, recebe Abrahão, alliado de Deus, a prelibação de antever gerar-se em sua posteridade a vergontea divina, á sombra da qual virão sentar-se as gerações redemidas da sombra da eterna morte. Jacob indica a tribu de Judá, como sanctuario da esperanza redemptora, e David, em extasis de gloria, individualisa sua propria familia como a indigitada a Abrahão pelo Senhor.

Além das prophcias, um signal personifica o sal-

*

vador em ramo distincto dos muitos que bracejava o tronco de Judá: o Messias, por espaço de tres mil annos, é representado n'uma série de personagens, analogicamente figurados em nascimento, vida, morte e resurreição.

Figura Adão o pae da nova raça, e a igreja a sua emanção filial. Abel é o irmão e a victima; Melchisedec o seu eterno sacerdote; Isac o seu sacrificio; Jacob o seu desterro voluntario buscando sobre a terra a esposa fecunda e abençoada. Joseph vendido pelos seus, escravo, preso, perdoando, e beneficiando seus perseguidores. Moysés salvando e libertando; Josué, salvador tambem, e triumphador com seus irmãos na terra promettida; Gedeão, o vencedor de Baal, salvando o mundo com debilissimas armas; Sansão pela natividade miraculosa, escôlha de esposa entre gentios, e victoriosa morte na cruz; David, a realza dôce e affectuosa, o imperio fundado sobre ingentes contrariedades; Salomão o triumpho e a gloria; Jonas, a vocação dos gentios á meza do cordeiro redemptor, a resurreição depois de tres dias de sepultura.

O natural acaso podia estabelecer aquellas analogias? Concedamol-o á critica philosophica; porém, seja-nos relevado que não attribuamos ao acaso o cumprimento das prophcias. Não sei quanto pezam uns racionalistas que dão fé ao acaso, e recuzam-na aos milagres. Innegrecido o coração, pouco vai d'ahi ao pyrronismo brutal da intelligencia. Então é o nega-

rem a historia para negarem os prophetas, e o negarem os prophetas para negarem a divindade de Jesus Christo.

Ir com os olhos d'alma ás profundezas do futuro não é façanha natural que as sciencias tenham podido explicar-nos com theorias, como ahi as ha, não menos incompreensiveis que a sobreexcitação intellectiva dos videntes. Agasta-se contra o dom prophético a philosophia sensualista, e repugna humilhar a razão á condescendencia de receber como verdade a coisa inexplicavel, bem que seja factó cumprido, e assignalado por monumento de historia incontrovertida.

Ahi estão os israelitas ha dezenove seculos dispersos na terra, sem rei nem legislador. A *razão catholica*, ao vêl-os assim tão carecedores de compaixão, e alquebrados sob a mão da justiça humana de infaustas eras, recorda as palavras de Jacob: «O sceptro não sahirá de Judá, nem o legislador da sua posteridade, até á vinda d'aquelle que deve ser enviado e a quem os povos obedecerão ¹.»

A *razão philosophica*, ponderando este maravilhoso acaso, explica o derramamento da nação judaica entre as varias nações da terra, com o factó de Tito e Vespasiano lhe anniquilarem a nacionalidade, sepultando-a nas ruínas de Jerusalem. Mas a *razão catholica* escuta as palavras de David, computando setenta

¹ Gen. XLIX. 10.

semanas de annos para a vinda do Salvador, a contar desde a reedificação do templo; escuta-o annunciando a morte de Christo em meio da sexagesima semana; escuta-o, apontando um povo, que já não está da mão de Deus, vagamundeando miseravel, sem altares, sem sacrificios, até á consummação dos seculos ¹.

A prophetisada destruição do templo, arrasado desde os cimentos, tem dois valores na historia: a destruição incontestavel, e os esforços baldados d'um imperador romano no intento de reedificá-lo para desmentir os prophetas judaicos, e as palavras de Jesus, *A razão philosophica* negará a tentativa de Juliano, invertendo-lhe a intenção; ou aspará dos evangelhos as palavras de Jesus: «Jerusalem, Jerusalem, que matas os prophetas, e apedrejas os que te são enviados! Quantas vezes eu hei querido reunir teus filhos, como a galinha aconchega os pintos com suas azas, e não tens querido? Pois sabe que as tuas casas hão de ficar desertas.»

A *razão philosophica* em que estriba o negar que uns globos de fogo se desentranharam das ruínas do templo cavadas por Juliano, o apostata? É por que algum padre do quarto seculo lhe conta a legenda? algum sonhador de Pathmos inventaria a pia fraude, que os concilios mandaram inserir nos annaes da christandade e nos fastos da Roma imperial?

¹ Idem, ix. 25. e seg.

Certamente não. Ammiano-Marcellino, inimigo dos christãos, e grande amigo do imperador, deve dar do caso um solenne testemunho. Traslademos textualmente as suas palavras:

«Juliano chamou de toda a parte os melhores operarios, e confiou a fiscalisação da grande empresa a Alypio, um dos seus principaes amigos, e encarregou-o de não poupar despezas no incessante trabalho. Confluiam de toda a parte judeus a Jerusalem, insultando os christãos, ameaçando-os, violentando-os, como se tivesse soado a hora do restabelecimento de sua nação. As mulheres despiam os mais valiosos ornatos para ajudarem á despeza da obra, e os judeus trabalhavam com as proprias mãos, e carream terra nas tunicas, não obstante mandar fabricar picões, pás, e cestos de prata para a piedosa obra. Cyrillo, bispo de Jerusalem, regressando do desterro, encarava n'estes preparativos tranquillamente; confiado na infallibilidade dos prophetas, e affirmando que em breve se viriam confirmando as prophcias.

«Ao cavarem os alicerces, arrancaram enorme pedra, e descobriram uma caverna cavada em rocha, á qual desceu suspenso d'uma corda um operario, o qual, tocando no fundo, entrou n'agua até ao joelho; e, palpando em redor, topou uma columna á superficie da agua, em cima da qual encontrou um livro envolto n'um finissimo pano: tomou-o, e deu signal que o içassem. Chegou a cima; e quantos viram o livro admi-

raram de não estar estragado; porém, maior foi o assombro de pagãos e judeus, quando, abrindo o livro, lêram estas palavras, no comêço, em letras maiúsculas: *No principio era o verbo, e o verbo estava em Deus*, e o mais que se segue, por que este era na sua integra o Evangelho de S. João.

«Quando Alypio accelerava ardentemente a obra coadjuvada pelo governador de provincia, romperam dos alicerces frequentes linguas de fogo, e globos igneos formidaveis, que, sobre queimarem os trabalhadores, tornaram o logar inacessivel; e como vissem que o fogo se obstinava em queimar tudo, foi suspendida a empresa ¹.»

A *razão philosophica* declara, n'este ponto, que o historiador coevo de Juliano conta o facto como elle se deu, sem obtemperar aos pregoeiros do milagre. Não se lhes pede outra resposta aos philosophos. Esta não tem siso commum.

¹ Citação de «Fleury».—H. Eccl. T. 4. L. 15. art. 43.

§ I

Annunciaram os prophetas o Messias; e tão dentro Palma da nação hebreá se intranhara a esperança de sua vinda que, nos derradeiros tempos, o apparecimento de S. João Baptista suscita nos judeus a certeza de que é chegado o Christo, e os samaritanos por egual e entram do mesmo convencimento. «Eu sei, diz a samaritana a Jesus—que o Messias está proximo, e adô nos será enviado por elle quando chegar.»

Não se restringiram, porém, os prophetas a preizer a vinda do Salvador. O retrato que elles predeterminem do Messias é tão minudencioso, que impossivel seria confundil-o com os seus contemporaneos.

Disseram que nasceria d'uma virgem ¹.

Que nasceria em Betlem, aldêa obscura e incognita ².

Que seria da tribu de Judá e raça de David ³.

Que seria pobre, e annunciaria a bôa nova aos pobres ⁴.

¹ Izaias, vii, 14.

² Mich. v, 2.

³ Gen. x, Izai. xi, ii; Sam. xvi; Ps. 39. Jer. xxiii.

⁴ Zach. ix, 9, 10; Izai. xl, 3.

Que seria obscuro e sem magnificencia; mas que um dia se lhe prostrariam os reis ¹.

Que a voz d'este precursor soaria no deserto ².

Que semearia milagres e beneficios em seu caminho ³.

Que o espirito do Eterno, espirito de sabedoria, de intelligencia, de conselho, de força, e de temor seria com elle, e o faria brilhar em pleno resplendor de justiça; porém, ao mesmo tempo, a sua omnipotencia seria sublime de doçura e humildade ⁴.

Que seria ludibrio de despresos e contradicções, repellido e perseguido por seu povo ⁵.

Que, em vez dos antigos sacrificios regeitados, estabeleceria um somente, duradouro e puro, que seria consagrado em todas as regiões da terra ⁶.

Que seria trahido por um dos seus discípulos ⁷.

Vendido por trinta dinheiros ⁸.

Desamparado dos seus ⁹.

Calumniado por testemunho ¹⁰.

¹ Izai. LIII, 4.

² Izai. XL, 3.

³ Izai. XI. XL. XLII. LIII; Zach. IX.

⁴ Dan. IX, 26. Izai. VI. 10; LV. 2.

⁵ Malach. 10, 11.

⁶ Ps. XI, 12, 13.

⁷ Zach. XI, 12, 13.

⁸ Ibid. XIII. 7.

⁹ Ps.

Que, espontaneamente, se deixaria levar á morte, como cordeiro sem defesa, e mudo entre as mãos d'aquelle que o afoga ¹.

Que seria esbofeteado, cuspidado, affrontado, cravado de pés e mãos ².

Que os transeuntes insultariam suas agonias tregeitando ³.

Que seria contado entre os scelerados e suppligado como elles ⁴.

Que lhe jogariam aos dados a tunica ⁵.

Que lhe dariam fel e vinagre ⁶.

Que seria gloriosa sua sepultura; resuscitaria ao terceiro dia; allumiaria toda a carne com o reflexo do seu espirito ⁷.

As prophecias realisaram-se em Jesus Christo.

Escutemos os philosophos.

¹ Izai. lxxx. 1.

² Izai. lxxx. 8.

³ Ps. xxi; Izai. Jerem, e Zach.

⁴ Ps. xxi, 7, 8.

⁵ Ibid. 8. 19.

⁶ Ibid. 22.

⁷ Ps. xv, 9, 10. Izai. xi, 10. Joel xi. 28. Izai. xl, 9.

§ II

Os philosophos denegam umas prophecias por que tem pouca luz, outras por que são claras de mais. As muito luminosas, no dizer dos racionalistas, foram enganadas depois dos successos, por que esclarecem as menores miudezas e circumstancias. As outras não tem analogo com os factos, e astuta e violentamente lhes concertaram as analogias os interessados em sustentar o paradoxo do dom prophetico. O patriarcha do materialismo grosso, Voltaire, disse: «não póde prever-se o que não se vê». Este aphorismo cortou a questão. A impiedade antiga escrevêra milhares de livros, sem chegar a conclusão assim redonda!

Está visto que não ha ahí conciliarem-se prophetas e incredulos. Luz de mais e luz de menos são attributos damninhos que tornam inadmissiveis Jeremias e Ezequiel. Havemos de aspal-os da historia, e acceitar as historias de Salvador, de Strauss, e de Proudhon.

Salvador, ao menos, não lhe soffrendo o animo que os prophetas-biblicos fossem expulsos da assemblea dos homens de letras, lembrou que se lhes concedessem honras de poetas. Contrariaram esta benevola reclamação os seus collegas, allegando que não duvidariam cathologar os prophetas na honrosa especie dos

vates, se elles tivessem existido como Homero, Tibullo e Propercio. Redarguiu Salvador que não havia razão efficaz para negar a existencia de Ageo, Zacharias, e outros poetas orientaes. Ajuntou que a prova concludente de haverem existido era a generica indole hebraica em que poétaram, pois que era essencial da poesia hebraica individualisar a divindade no povo judeu. Isto é que é intendimento! O povo hebreu figura Deus, ou Deus entrou exclusivamente no povo judeu, que, mais tarde, representando collectivamente o Messias, se suicida na pessoa de Jesus. Deus, nação judaica, e Messias são mythos significando uma coisa, que Salvador não diz o que seja, por que elle sinceramente não nos leva vantagem em sabê-la.

Reposta a questão em controversia ajuizada e séria, o philosopho nega as coisas sobre-naturaes, e a divina influencia na missão de Israel. Homens communs, indistinctos da humanidade, sem commercio com os poderes superiores, os videntes, levados de allucinação poetica, prenunciavam glorias, delicias, e poderio á nação judaica. Não lhe promettiam senão faustos com a vinda do Messias, e ao povo de Deus circumscreviam as suas operações propheticas.

A christandade conforma-se aos que dizem que as prophecias tinham em vista o povo hebreu; mas não intende o que seja a consubstanciação de Deus no povo, povo redemptor, luzeiro do mundo.

Não quer a philosophia que Jacob, Izaias, e Da-

niel se referissem ao Messias. A quem era? Izaías, no cap. 53, prediz a morte e resurreição de Jesus. Intendamos este ponto que é grave. Está entendido com Salvador, e com dois sabios de sua polpa. Jesus Christo é o povo todo, ou a parte fiel da nação, ou o corpo collectivo dos prophetas. São tres opiniões: tres paradoxos, que a habilidade de Rousseau, amantissimo de theses absurdas, regeitaria como ineptos.

Prediz Daniel o termo dos sacrificios antigos, a ruína do templo e da nação, como castigo aos deícidas. Respondem que Jesus Christo não era o desejado das nações, nem o promettido dos prophetas. Em quanto ao cumprimento das prophecias, remettem a questão á natureza das coisas e á critica da historia.

«Nos livros sagrados, diz um philosopho christão, não se tracta unicamente da prosperidade temporal, riquezas e delicias da vida. Um Messias, profundamente distincto do povo judaico, é annuciado em todas as paginas dos livros inspirados. Se ahí são predictas as suas magnificencias, tambem lhe são ahí prophetisadas as humilhações e morte. Á hora, em que era esperado, appareceu o Messias. Não ha negal-o, não o negam os doutores judeus, applicando-lhe, como nós, prophecias impossiveis de caberem n'outro. Foram tambem predictas a destruição, a ignominia, as calamidades, que, ha dezoito seculos, esmagam a raça israelita. Se Jesus Christo não era o Messias, se o crime do povo judaico não foi desconhecêl-o, como

explicar a implacavel vingança que o perseguido ha tanto tempo? Os annaes d'este povo, e os de todo o mundo nada referem semelhante; e, todavia, quando o raio da desgraça os fulminou, eram elles, como nunca haviam sido, zelosos observantes de sua lei ¹.

Chegados os tempos assignalados da redempção, a divindade de Jesus já radia nos successos estranhos que complanam o caminho por onde o rei das nações ha de chegar ao seu throno. O reino eterno expede ao alto suas cupulas perfulgentes por entre as nações, que baqueiam tocadas pela mão da providencia. Durante os ultimos quinhentos annos anteriores á era christã, todos os grandes imperios são absorvidos em quatro poderosas monarchias; e, no momento em que o *herdeiro universal*, como diz o apostolo, se ergue do seio de um povo desprezado, as quatro monarchias, arrastadas por invencivel fascinação, depõe os annaes de suas glorias ás plantas do degenerado neto de Augusto.

Este prodigioso facto anteviu-o Daniel: os historiadores que o lêram nas ruinas de assirios, persas, gregos e romanos não o referiram com mais negras e tragicas imagens. Sobre as ossadas das quatro ingentes monarchias ergue-se o Filho de Maria, o operario da

¹ MARET. «Tratado sobre o Pantheismo,» pag. 417. JOLY. «Religião christã illustrada pelas profecias.»

Galilea, o Deus, o coroado de espinhos, com o seu cortejo de infelizes, n'um throno de agonias.

Mal podemos sem assombro contemplar a incadeada destruição dos imperios que ruem esphacelados uns ás mãos dos outros. O quadro, porém, é providencial: a razão não interroga os decretos do Ente supremo: confrange-se e humilha-se. Os assirios sobvertem o povo judeu; ao ultrapassarem a missão, que cumprem sem consciencia, surgem os persas a algemal-os. Senhoream-se os gregos do imperio oriental: propagam a sua lingua, que será a dos apóstolos, para que os livros santos sejam depurados das imperfeições hebraicas. Os povos são já uma cadêa lançada em torno do solio de Tiberio. Os mensageiros da boa-nova não ha barreiras que os retenham. No meio-dia falla-se a linguagem do septemtrião. Os discipulos de Jesus podem annunciar que o sceptro sahiu de Judá, conforme a predicção de Jacob. E a historia de quatro mil annos será compendiada em poucas palavras, e comprehendida em numerosas nações, quando S. Paulo clamar: *Omnia vestra sunt, vos autem Christi, Christus autem Dei.*

CAPITULO III

Jesus

Era esperado, desde o principio do mundo, um reparador.

Numerosas nações alvoroçadas por esta esperança, fitavam uma estrella, que a tradição lhes apontava no céu da Judêa.

Afirmaram-o Suetonio e Tacito entre os escriptores pagãos. Confirmaram-o Boulanger, Volney, e Voltaire, d'entre os mais abalisados inimigos da religião revelada.

«Uma antiga e constante tradição, diz o historador dos cezares, derramada por todo o oriente annunciava que em determinado tempo devia surgir da Judêa o dominador do mundo ¹.»

«Os romanos, diz Boulanger, posto que mui republicanos, esperavam, no tempo de Cicero, um rei, predito pelas sibillas, como se lê no livro do *Vaticinio* d'este orador philosopho: as calamidades de sua

¹ Vid. de Vespasiano.

republica deviam dar o signal, e a monarchia universal a consequencia.»

Escreve Voltaire: «Desde remotissimas eras, grassava entre indios e chins o boato de que um sabio viria do occidente. A Europa dizia que o sabio viria do oriente. Todas as nações assentiram á necessidade de um sabio.» Ora, a Judêa está collocada ao oriente da Europa, e ao occidente da India e China.

«As tradições sagradas e mythologicas dos tempos anteriores á era christã, observa Volney, haviam levado por toda Asia a esperanza n'um sublime mediador; o qual devia vir, juiz supremo, salvador futuro, rei, Deus, conquistador e legislador, a inaugurar na terra a idade do ouro, e a redimir os homens do imperio do mal.»

Da officina d'um operario de Nazareth sahio o luminoso espirito, que irradiou no coração dos justos, quaes o velho Simeão do templo. Aos doze annos, um menino, creado na supersticiosa e ignorante Judêa, vai á synagoga, impugna a doutrina da lei velha, e humilha a soberba dos doutores. Os ouvintes, suspensos dos labios d'uma criança, dizem: «Nenhum homem fallou assim! Onde aprendeu estas coisas o filho do carpinteiro?!»

E não era como Socrates, e Platão, e Cicero que respeitaram os desvarios supersticiosos do vulgo. Estremava-se dos philosophos da gentildade, que pregavam maximas de bôa vida, e as desdeuravam na pra-

tica. «Se não crêdes em minhas palavras, dizia o justo da Galilea, crêde ao menos em minhas obras.» Aos que lhe espiavam mal-querentes a existencia milagrosa de benefícios e abnegação, dizia: «Quem de vós me apontará uma culpa?»

Na serenidade de seu rosto lampejavam, intercedentes com as amarguras de homem, os resplendores da divindade. Acariciava as criancinhas com branduras de pae. Fallava aos velhos com respeito e amor de filho. Enxugava lagrimas com as consolações nunca ouvidas da palavra humana. Coava balsamos estranhos ás chagas reconditas da alma. Desapertava os pulsos roixos das algemas de tyrannos. Diante do pobre, admoestava a soberba do poderoso. Diante do poderoso, ensinava ao pobre a virtude da humildade. Ia á presença do grande, sem antepor aos exteriores da pobreza a recommendação de sua divina mensagem. Abraçava os fugitivos á lei pharisaica, instrumento de hypocritas, sepulturas branqueadas, chêas de vermes e podridão. Sustentava as multidões famintas com o pão que o Pae multiplicava debaixo de seus olhos supplicantes. Feria com um raio de luz os olhos cerrados em trevas desde o nascimento. Levava suas palavras ao coração do surdo para quem a linguagem humana fôra um mysterio. Mandava ao paralytico erguer-se com o seu grabato. Chorava sobre o tumulo de Lazaro, e filtrava-lhe no seio vida nova com suas divinas lagrimas. Perdoava á mulher peccadora, que

*

a justiça da terra apedrejava. Curvava-se a lavar os pés dos discipulos que o seguiam vacillantes de fé e coragem.

Este justo, se fosse um homem, não teria inimigos. Eram predestinadas as suas inenarraveis amarguras. Ergueram-se homens a injurial-o. E o santo da paciencia e do perdão encarou-os com doçura, e fallou, quando os viu baixarem-se para o apedrejarem: «Por qual dos meus beneficios quereis apedrejar-me?»

Não era homem; que a sua paixão foi um assombro nunca repetido de humildade, submissão, brandura e constancia.

Não era homem; que as calumnias, os ultrajes, as dôres, os supplicios não lhe arrancaram um gemido de cólera.

Não era homem; que antes do trespassse de Jesus Christo nunca o perdão baixára da cruz sobre os algozes d'um innocente.

Socrates morrera com espantosa coragem e animo imperterrito. «Se a vida e morte de Socrates foram de um sabio, a vida e morte de Jesus foi de um Deus.» Diz Rousseau, o philosopho, a consciencia alvoraçada por um rapto do coração.

§ I

Os philosophos do seculo passado, os mestres de quem os philosophos actuaes joeiraram as doutrinas depurando-as da impiedade torpe, disseram que Jesus fôra um impostor.

Impostor por que se declarára enviado de seu Pae celestial.

Impostor por que se chamára filho de Deus.

Impostor por que se dissera juiz universal de vivos e mortos.

Sentaram-no entre Apollonius de Thyane e Mahomet, e julgaram-no.

Os milagres do Nazareno estavam para além de dezesete seculos. «Queremos vêr um milagre!» diziam os juizes. Não viram os rabbis do seculo XVIII rasgar-se o véo do templo; nem toldar-se de crepe o sol; nem fender-se a pedra tumular. Holbac fita no céo um olhar provocador, e escreve: «Que Deus impotente é este que me não fulmina?»

A geração immediata é menos blasphema, ou sabe pulir mais urbanamente a injuria. Concede que Jesus haja sido um *grande homem*, grande quanto podia ser na sua época, e com os poucos elementos da sua educação. Discorreu, a proposito, sobre pobres, ricos, propriedade, liberdade, tyrannia, communismo, chris-

tianismo social, e acabou por alvitrar que a religião do crucificado era já insufficiente ás necessidades do tempo.

Senão era Deus, por que ha de ser *grande homem* Jesus?

Tão sublimes doutrinas havia mister inublal-as em dogmas que confundem a razão? carregal-as de obrigações e asperezas que irritam o animo? ~~demasiar-se em~~ maravilhosas artimanhas que invalidam a seriedade da doutrina? Onde está o *grande homem* que se não apoia absolutamente na força do exemplo proprio para santificar a belleza do seu apostolado? Platão e Socrates dispensaram prodigios, como desnecessarios á implantação da creença n'um Deus remunerador da virtude, e castigador do crime. Para a grandeza de Jesus bastava-lhe a pureza da vida e a santidade dos preceitos. O simulacro de milagres, auxilio de impostores sem consciencia de sua missão, damna á sublimidade da obra, quaesquer que fossem as consequencias. Como podem os philosophos consentir na magnitude e superioridade do impostor, que finge o milagre para realçar a doutrina, e se deixa morrer ineptamente como um louco, odioso aos discipulos, que elle deixa perseguidos, e escarneo das turbas, que elle quiz enganar?

Grande homem! Será o epytheto um novo amargo que lhe imbebem na esponja de fel?

O doutrinario da Judêa que precisão tem de nes

cohibir a satisfação de paixões que tão agradavelmente podem harmonisar-se com os affectivos princípios da sua moral? Por que nos dá a sua carne e sangue, como comida e bebida, se nos abasta a razão natural para nos espiritualisarmos em sua optima doutrinação?

Vaidade summa é essa de querer reunir o universo em redor de sua cruz affrontosa, quando o inspirado Socrates se absteve de predizer que iria alguém adoral-o na sepultura!

Se Jesus não é Deus, maior homem é Socrates. Se Jesus é impostor, por que injuriais os executores da lei que pune os blasphemos? Judas de Kariot é menos censuravel que Melitus; os Herodes e Pilatos foram menos intolerantes que os *heliastes* de Athenas. Socrates falla sempre em nome da razão; julga-se impellido do *seu demonio*, da sua inspiração; porém não pretende que o demonio inspirador lhe haja baixado do céu. «Sê virtuoso para ser feliz» é o resumo da sua doutrina.

Que homem, querendo vingar doutrinas de sã moral, em meio d'uma sociedade cancerosa de vicios e hypocrisia astuciosa, começaria por atirar ás faces dos poderosos o sudario dos seus crimes d'elles?

Respondem: «Seria aquelle que, á semelhança de Jesus, curasse de captar ardilosamente a bem-querença da plebe.»

E como é que se prende a bem-querença da plebe? Favoreando-lhe as paixões. Ao proletario se lhe dis-

serdes, como Jesus, que soffra resignado a penuria, esperançado na bem-aventurança dos que choram, o proletario ha de voltar-vos as costas, como a perfido bandeado com os poderosos.

Jesus Christo era austero com pobres e ricos. Que systema tão irracional para crear proselitos, segundo a philosophia social!

Então em que era elle *grande homem*? Em ter conseguido por meios sobrenaturaes levar depoz sua cruz milhares de martyres, uns que sahiram da pobreza, outros que desceram do fastigio da gloria mundana, para se encontrarem todos nas garras das feras?

Se Jesus era homem, que estupidas gerações se levantaram a proclamal-o Deus, e a morrer em honra de sua doutrina!

Que serie de ineptos escravos d'um preconceito, desde S. Paulo até aos desgraçados que ainda agora se estão deixando matar, propagando a fé!

Bemdito sejas, Jesus Christo, Filho de Deus! Se fosseis homem, sem operar maravilhas, terieis, desde o sermão da montanha, convertido a vós os grandes e os pequenos?

O resplendor de vossa divindade cegou a raça prevaricadora que devia immolar-vos em redempção da humanidade. Conspiraram todos contra vós, Senhor, por que não quizeram acceitar-vos como Deus, e não podiam acceitar-vos como homem!

§ II

As sublimes doutrinas, que fecundaram a intelligencia de Jesus, onde as estudou elle?

O christão responde: O Verbo divino não as estudou: creou-as como creára o universo.

«Fez-se na escóla dos essenos ou dos sadduceos» respondem os admiradores do *grande homem* para tudo replicarem pelo homem, sem dependencia da divindade.

Dois historiadores mencionam a seita dos essenos, Josepho e Philon. Nenhum d'estes noticiosos judeus diz que a escóla essenia fosse anterior ao christianismo. O mais que póde averiguar-se de Josepho é que a seita foi contemporanea d'elle.

Deposta a questão contingente, se não querem dar-lhe essencial importancia, perguntaremos o que podia aprender um moralista, que se chamasse Jesus, d'outros moralistas, denominados essenos, ou therapeutas por Philon de Biblos?

É necessario confrontar as doutrinas de Jesus com as dos suppostos mestres: não temos induções d'outra ordem.

Jesus ensinou idéas novas para todas as seitas judaicas: o mysterio da Trindade santissima; o da En-

carnação; o da Redempção; o chamamento dos gentios á graça e salvação eterna; a resurreição dos corpos.

Os essênios desconheciam inteiramente semelhantes dogmas. Criam no destino, e negavam, por tanto, a liberdade humana. Os evangelhos não encerram uma só palavra marcada de fatalismo, nem sombra de idéa que cohiba a razão do homem no alcance do reino eterno, por meio da pureza da vida.

Ignoraram os essênios o que fosse caridade universal, e desconheciam a efficacia dos sacramentos.

O seu maximo zelo consistia na observancia do sabbado; e Jesus reprehendia os que observavam lei tal, menoscabando os preceitos da lei nova. Fugiam do templo, com os dictames de Jesus, que sacrificava no templo. Afervorava-se em purificações, excedentes mesmo ás prescriptas na lei velha. Jesus Christo aos seus seguidores dispensava-os de todas as abluções fanaticas. Negavam os essênios obediencia a reis, a philosophos, a conquistadores, e reconheciam apenas a authoridade dos seus antepassados. Jesus recommendava aos seus discipulos obediencia propriamente aos imperadores idolatras.

Quem descobriu nos evangelhos vislumbre da escola judaica, separada da lei de Moysés?

Em que se assemilha o discipulo aos mestres? Em que refez e melhorou Jesus as doutrinas emprestadas? Como as converteu em ensinamento de todo em todo

novo, e contraposto aos pontos capitaes das seitas coevas do christianismo?

Os conterraneos e os parentes de Jesus deviam de saber que elle estudára entre os essenios, ou n'outras seitas. Se o sabiam, se o tinham visto partir e voltar d'entre os therapeutas, dísperos nas ribas do mar-morto, por que perguntariam elles:—Não é este o filho de Maria? o filho de Joséph? Não conhecemos nós seu pae e mãe? Onde estudou elle o que diz? Como sabe elle a sabedoria, se a não apprendeu?»

Apprendel-a-ia na seita dos sadduceos? Não se pôde seriamente cottejar as doutrinas de Jesus com as da seita que negava a immortalidade da alma; a remuneração das boas obras, o castigo das más, e a authoridade doutrinaria. Esta escóla era um como foco aristocratico de reis, summos-sacerdotes, e membros do sanhedrím. Jesus de Nazareth fugia d'estas assembléas para o centro dos seus pobres: o filho do artista não iria sentar-se entre os mais opulentos, degenerados e falsos interpretes do velho testamento.

A philosophia assignou hypotheticamente a Jesus outra escóla: a pharisaica. Os evangelhos, como obras santas dos humildes discipulos de nosso Senhor Jesus Christo, respondem á hypothese, que revê zombaria. Vejam a severidade com que o divino Mestre argüe os pharizeus.

§ III

Que decidem os philosophos da humanidade de Jesus em vista dos seus milagres?

«Não accreditamos milagres;—respondem— e temos para os não accreditar a razão fortissima que o positivista Strauss fez favor de nos ensinar. Accettamos a authoridade de todo homem que estiver conosco; e levantamos desde já o módio para que a luz se derrame. Diz o insigne Strauss, a respeito de milagres:—Todas as vezes que uma narrativa nos refere qualquer acontecimento ou phenomeno, dizendo formalmente, ou dando a perceber que o phenomeno ou acontecimento foi immediatamente produzido por Deus, ou por individuos humanos, que receberam d'elle poder sobrenatural, tal narrativa não podemos admittilla como narração historica. Se, pois, nos dizem que um grande homem, desde menino, sentiu e experimentou o sentimento intimo da grandeza, que lhe foi apanagio á idade viril; se nos dizem que os seus partidarios, ao primeiro intuito, como tal o reconheceram, devemos mais que muito duvidar da realidade de semelhante historia. Em tal conjunctura, urge que attendamos a todas as leis psychologicas, as quaes defendem que um homem sentisse, pensasse, e praticasse de theor diverso dos homens, ou da sua maneira usual.

O arrasado de Strauss redonda n'esta breve inferencia:—Deus não pôde praticar acto extraordinario diverso dos que já conhecemos, cuja immutabilidade a sciencia demonstra. O testemunho das nações pôde ter evidenciado um acontecimento inexplicavel á sciencia: não importa. Strauss não crê, por que não conhece o phenomeno, por que a razão natural não o intende. Pelo que, os annos do povo de Deus, as prophcias, a redempção, os milagres e supplicio do justo, o apostolado, não se admittem, por que não são historicos: historia, já fica dito, com interferencia de Deus, e actos sobrenaturaes, não se ha de como historia receber.

Isto é que é uma necedade luminosa, puro alemã! Merece a pena ser mentecapto em Alemanha para ser-se philosopho no restante do mundo.

Illações das doutrinas de Strauss, á cêrca dos milagres de Jesus Christo:

Ha leis rigorosas e inalteraveis que marcam a cada homem uma área de acção equal á de todos os homens. Consequencia: o que eu psychologicamente não faço nenhum homem é capaz de fazer. A premissa está clara: *Urge que attendamos a todas as leis psychologicas, as quaes defendem que um homem sentisse, pensasse, e praticasse de theor diverso dos outros homens...*

Ha, por tanto, um padrão no qual o creador demarcou a intelligencia do homem, vedando á posteridade do primeiro homem excedê-lo nas faculdades in-

tellectuaes. Como ha de conciliar-se este caso com a cultura do espirito humano? Que injustiça as nações, chamadas cultas, tem feito aos selvagens!

Em resumo, a idéa do author *da Vida de Jesus*, publicada em 1835, é que Deus não pôde fazer milagres, por que Deus não pôde desfazer o que fez.

Em quanto á egualdade moral dos homens,—indistinção de attributos psicologicos—Strauss é nevoento, e paradoxal. Como explicará este nivelador os rapto do auditorio, na presença d'um orador? A influencia de Pedro, o eremita, na Europa christã? e S. Francisco Xavier nos povoados idolatras? Será mythe a profunda dominação moral, o arrojado heroismo, os impetos vehementes d'una aspiração gloriosa?

Annula-se a historia para se annular o sobrenatural, o intangivel ao escalpelo da razão humana. O Christo, Filho do Eterno, era a luz da historia de dezoito seculos.

Apague-se a historia, para reduzir-se o Redemptor a proporções humanas.

Que fica? Ficam as sciencias naturaes: os devaneios psicologicos da seita Strauss e Littré ficam sendo tambem sciencias naturaes. A philosophia faz o milagre de amalgamar o scisma alemão com o positivismo, carne e osso, das suas theses.

Strauss é espada de Alexandre em todos os nós.

Por exemplo: Jesus Christo resuscitou ao terceiro dia.

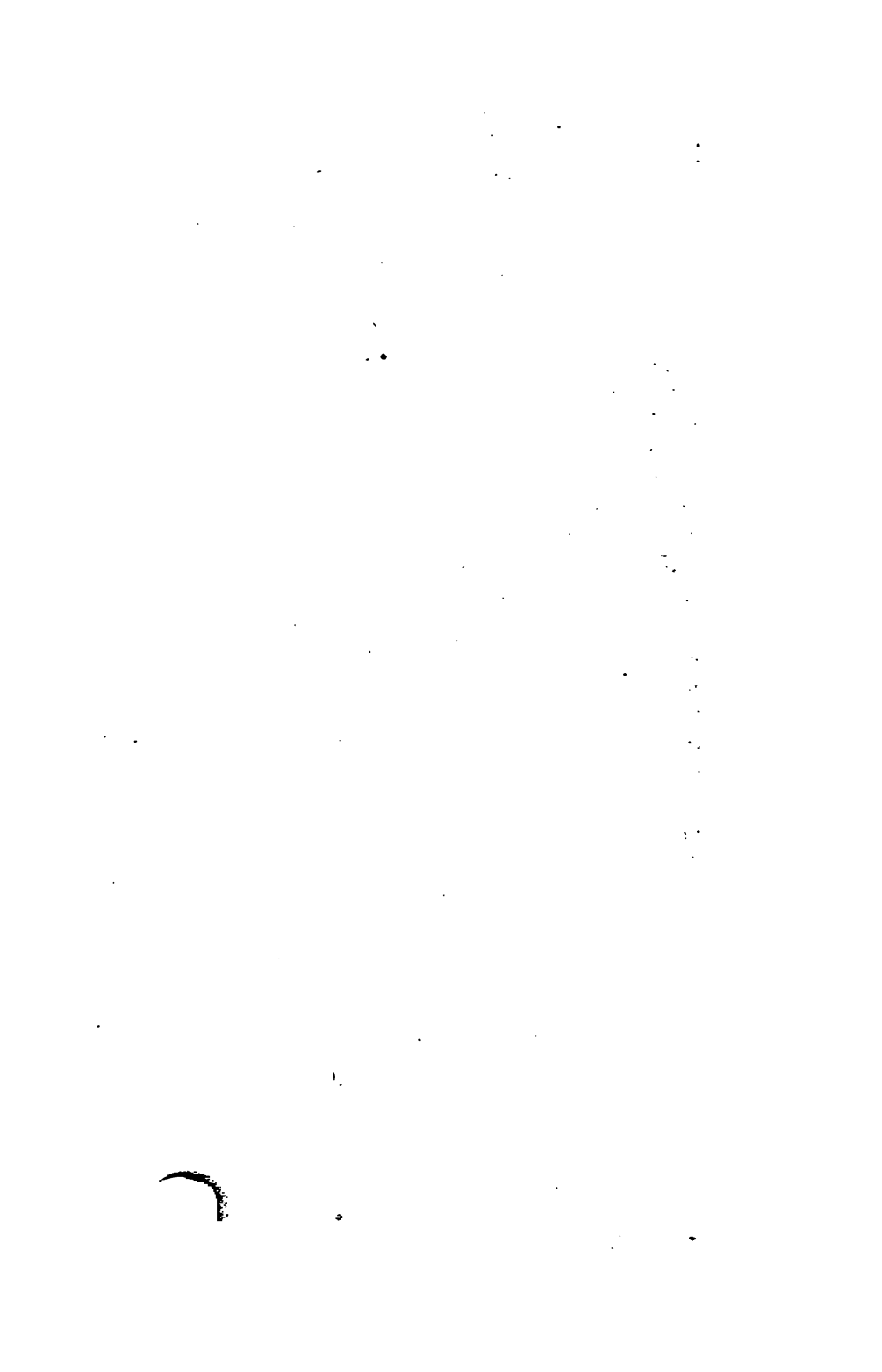
O professor vibra o golpe: «Jesus não resuscitou por que não morreu; e não morreu por que ninguém morre em tres horas de cruz, especialmente no vigor dos annos.»

Strauss, para não cuidarmos que zomba conosco, leva-nos á escola de anatomia, d'ahi lecciona-nos em physiologia, depois entrega-nos a um chymico, que faz favor de nos explicar como é que se não póde morrer cortado de chagas, pregado de mãos e pés, rasgado o lado a ferro de lança, e extenuado de transes d'um longo martyrio.

Um theologo francez reflecte assim, como respondendo ao philosopho:

«Que se faça Strauss crucificar, depois de uma cruel e prolongada agonia como a do jardim das Oliveiras, depois de uma série de supplicios eguaes aos que precederam a paixão do Salvador, e venha depois de tres horas fallar conosco, que havemos de ouvi-lo com muita curiosidade ¹.»

¹ Barthelemy—«Encyclop. Cath.»



CAPITULO IV

Discipulos, apóstolos e martyres

São os discipulos as primeiras testemunhas, que apoem sobre a divindade de Jesus Christo.

Não é ousadia apresentarem-se no tribunal da razão philosophica do seculo XIX uns desvalidos corajosos que se affrontaram no seculo apostolico com os outores da lei; com os cezares em Roma; com os philosophos do espiritalismo na Grecia. Nem os racionalistas d'este seculo são mais temerosos que os conseheiros de Diocleciano, nem as suas armas certas mais que os dentes dos leões do circo. Fallemos ao orgulho com respeito, em nome dos homens de Deus, que fallaram aos tyrannos com a coragem da santificação.

O testemunho dos discipulos de Jesus, pregado na Judéa, na Samaria, em Roma, e Grecia, revela ousadia sobre humana, impulsada por força divina. As ebeis forças do racionalismo de então respondiam ao brevevimento santo com as masmorras, com a cruz,

com a decapitação, com a fogueira. O racionalismo actual responde com a negação formal, e com a tortura da zombaria, verdadeira tortura para as almas que em si recebem os ultrages feitos ao Filho de Deus, immolado no calvario.

É a mesma, porém, em todas as épocas a razão philosophica: está a differença em que, ha dezenove seculos, o apostolo da divindade de Jesus, morria proclamando-a, e vencendo. Com taes condições, a victoria induz-nos a crêr quanto valia o testemunho dos discipulos então, e qual dêva ser o seu quilate no apostolado de hoje em dia.

Os discipulos prégarão aos judeus que o crucificado no calvario resuscitára.

Em que conceito e veneração tinham os de Israel o homem que os discipulos conclamam Deus?

Um innovador blasphemo, condemnado a requerimento da synagoga e da plebe amotinadas, companheiro de morte ignominiosa entre dois malfeitores.

Que estranha ousadia, senão loucura é esta dos discipulos que entram em Jerusalem annunciando a resurreição do galileu, que elles adoram e ensinam a adorar como Deus, como o Messias dos prophetas, como Verbo humanado, e redemptor da culpa original?

Que provas da divindade de Jesus apresentam elles ás multidões suspensas?

Referem os milagres de Christo; mas o povo ouviu

dizer aos seus sacerdotes que os milagres de Jesus eram influencia diabolica. Além de que, os milagres eram já testemunhados e notorios quando o Nazareno foi condemnado. As turbas que pediram o supplicio d'elle á porta de Poncio foram as mesmas que lhe bradaram «hosanna!» nas ruas de Jerusalem.

Que lucravam, pois, os discipulos reproduzindo as mesmas provas aos mesmos que as haviam testemunhado, e as negavam ao Filho de Deus, para as attribuirem ás virtudes magicas de potencias infernaes?

Pelo que, o testemunho dos apóstolos, na Judêa, racionalmente, devia não converter, mas sim irritar os animos; devia recrudescer, e não quebrantar, o orgulho dos sabios, a rebeldia do povo. Semelhante apostolado repugnava ao sentir d'uma nação inteira, sobre o que vinham contar-lhe do Filho do Eterno, que ella crucificára como blasphemo, e homem de nenhuma conta.

Como quer que seja, o brado apostolico havia de repercutir nas extremas da terra. Para além dos horizontes da Judêa, demoravam as nações gentilicas, onde a noticia dos milagres de Jesus não havia chegado. Ahi não se conheciam as tradições hebraicas nem a palavra Messias. A idéa da redempção vagamente lhes alvorotara os espiritos, como prophcia balbuciada pela consciencia universal.

Aqui entrarão pobres e desprotegidos os apóstolos. Em Athenas dirão que a sua patria é a Judêa; e os

athenienses hão de escarnece-los, por que a Judêa, no juizo das nações cultas, é um seminario de loucuras e deavariós.

E, como para confirmarem a opinião que os escarnece, dirão: que um judeu da Galilea, filho de um operário de Nazareth, era divino.

Os philosophos areopagitas perguntarão com que desatinos se fez divinizar tal homem. Responderão os apóstolos: — que, depois de vida obscura de trinta annos, Jesus Nazareno fizera prodigios, e morrêra na cruz, arvorada pelo povo para quem e entre o qual esses prodigios foram operados.

E os athenienses continuarão a rir, por não entenderem um Deus, que consente em ser suppliciado pelos homens, embora o seu divino Platão haja escripto que «assim como o mais odioso dos mortaes seria o scelerado que, hypocritamente, conquistasse a estima devida ao homem de bem, assim o mais veneravel deveria ser o justo infeliz, que, benemerito de todas as recompensas da virtude, fosse coberto de todos os opprobrios do crime; de maneira que, tendo por si apenas a consciencia propria, se visse condemnar por toda a sua nação á pena ultima ¹.»

¹ De Repub. 1. 2. Henrion (Hist. Eccl. pag. 12 tom. 1.º) depois que cita as palavras de Platão, prosegue: «Idêa justa e admiravel que Deus inspirou no animo de um sabio pagão, como ponderam muitos padres, para de tal imagem mostrar

Se os apóstolos impetrassem para o seu Deus um lugar entre as trinta mil divindades do Pantheon, talvez o conseguissem, que em Grecia e Roma não havia um crime sem sua apothese, desde Saturno, que devora os filhos, até Venus que se faz celebrar com a devassidão das virgens. Mas a missão dos discípulos de Jesus é destruir as crenças das nações, é arrazar o Pantheon, afrontar os sacrificadores e as aras, confundir a soberba dos sábios, e desprezar a idolatria intranhada na religião do povo.

Na Athenas dizem: «Nações da Grecia, esses deuses todos, reconhecidos por vossos sábios, tão brilhantemente celebrados por vossos poetas, e adorados por vossos avós, esses deuses todos são vãos phantasmas. Aqui vimos testemunhar, e annunciar-vos o unico Deus que merece vossos cultos; é Jesus de Nazareth, o crucificado. *Nos autem predicamus Christum crucifixum* ¹.»

Esta linguagem, nua de toda arte, devia offender o orgulho da philosophia, sem conciliar a benequerença do povo, com desembaraço das pães religiosas, e convidal-o ao completo gozo das paixões. Não curavam estes revolucionarios indiscretos, humanamente fallando, de appear uns idolos e levantar o pedestal

a realidade do Salvador do mundo, com a circumstancia mais valiosa de que elle soube soffrer e morrer, sem ostentação e sem pusillanidade.»

¹ S. Paulo Corinth. 1. 23.

de outros. A lingua dos enviados pelo crucificado era ferro de dous gumes que a um tempo golpeava o pun-donor dos sabios e as crenças enraizadas dos indoutos. Religião, culto, leis, maximas, sentimentos, costumes, interesses, affectos, tradições, tudo isto devia ser substituido por outra religião sem pompas, por outros costumes sem prazeres d'este mundo, por outras leis contrarias á natureza indocil do homem, e pela morte radical das paixões livres, que então eram o viver-das nações policiadas.

É coisa sabida que immensas difficuldades ha de vencer um legislador politico se quizer expurgar preconceitos. A soberannia de Luiz XIV não pôde extirpar o duelo d'entre os francezes, nem invocando os sentimentos da dignidade humana, nem prescrevendo as rigorosas penas do codigo. Um imperador chinez, decretando o córte dos cabellos dos seus vassalos, o mais que conseguiu foi que elles lhe cedessem a cabeça; mas não cortaram os cabellos. Succedeu o mesmo a Pedro o grande, quando decretou que os seus vassalos cerceassem os bigodes.

E, com tudo, doze homens humildes, sahidos d'uma nação desprezada, apostolando a lei do Filho de Deus, que padecêra e morrêra como homem, intentam revirar a face moral do mundo, revolucionalo profundamente, e refundilo em moldes inteiramente novos!

Esta empreza, tentada seculos antes, nas épocas

heroicas de Grecia e Roma, por ventura aerea facil a homens de talento e força. As nações, apenas acordadas do torpor moral em que as enervára a mythologia, ouviriam a linguagem nova dos espiritos superiores, e adorariam homens estranhos em vida e palavras, bem como o indiano adorou aquelle que primeiro fez ouvir o estampido da espingarda.

Porém, o seculo apostolico é o mais lustroso da antiguidade: explendem as sciencias, bem que ainda nas suas faixas infantis; reluz a eloquencia já adulta; e a poesia com primores que ainda agora se dão como exemplo. Os philosophos declamam nas escólas e nas praças: senado e povo discute a sabedoria como se todos a professassem. As pompas da civilisação douram a mais corrompida licença, incomparavel ao que a desvergonha offerece mais esqualido nas metropoles da moderna civilisação material.

Que vão, pois, fazer á Grecia e Roma os apóstolos do sacrificio, das paixões e da adoração em espirito?

Vão ser precisamente a zombaria e as victimas de gente que refrigera com sangue as sequidões da alma. Hão de apellidar-os barbaros, esses homens que tem a sciencia das suas escólas, os seus deuses tolerantes, as suas flores para se toucarem nas folias nocturnas, os seus banquetes, em paga de cada cabeça de imperador, que rola aos pés do novo amphitrião. Os anjos de Deus que vem fazer a estas Gomorrhias em ebullição de lama e sangue?!

Os epicuristas, erguendo a cabeça dos triclinios flaccidos, dirão, ao perpassarem os apóstolos da temperança, da abnegação, e da pobreza: «Que querem esses falladores 1?»

Esta era a sociedade em que os discipulos iam proclamar a divindade do Mestre.

Acompanhemos a maravilhosa revolução operada no espirito da sociedade, em que se apresentam os pobres homens da Judéa, e ponderemos na efficacia de seu testemunho.

1 Act. dos Apost. xvii, 18.

§ I

Que recursos tinham os apóstolos para se fazerem acreditar? O ouro? a eloquencia subtil? o patrocínio dos poderosos? a força?

A eloquencia não, que as subtilezas dialecticas, e as argucias da argumentação eram, como hoje, prerogativa das philosophias escolares, e não podiam ser dom de pescadores, que apenas sabiam de seu mister, quando Jesus Christo os chamou a divulgarem os preceitos do Senhor.

O ouro não, que os haveres d'elles eram os utensilios de suas artes, e essas mesmas renunciaram, e, d'ahi até á morte, nunca mais tiveram de seu pedra em que reclinassem a cabeça.

Protecção de poderosos não, que os ricos escassamente sabiam da existencia d'elles; e, quando os viram, ou tudo deram para se fazerem como elles humildes, pobres e perseguidos, ou se bandearam com os perseguidores.

A força não, que a espada dos conquistadores do mundo é uma palavra do coração, o seu exercito os pobresinhos, o seu estandarte a cruz, emblema execravel na Siria, em Roma, na Grecia, em toda a parte onde ella se desfina ao supplicio dos mal-feitores da plebe infima.

E os apóstolos foram seu caminho, seu destino, sem sciencia, sem ouro, sem força, sem protecção: uns puseram olhos no levante; outros no meio-dia; outros no septentrião; outros no occidente. E assim separados, bem que unidos em doutrina e alma, nem ao menos podiam atter-se á força moral, á coadjuvação mutua do conselho e alento, que dá a unidade entre os correigionarios semeadores de doutrinação nova.

Supponhamos que estes homens inventaram Jesus Christo e os Evangelhos.

É crível que planeassem tão nesciamente a conquista espiritual das nações cultas, onde se annunciaram enviados do Filho de Deus crucificado?

Ahi vão de sobresalto sobre o velho mundo; chegam; acercam-se das multidões; dizem quem são, d'onde vão, como a perseguição os dispersou; e o desvalimento e pobreza em que vivem. Que seita de doutrinarios tão pouco de convidarem turbas avassaladas aos patricios, aos ephoros, aos sátrapas, aos poderosos de todo o stadio da terra, em que a consciencia estava captiva ou sopeada da ignorancia!

Prégam dogmas incomprehensíveis, e, peor ainda, repugnantes severidades em moral. Levanta-se contra elles a humanidade. Sofrem, e insistem. Affrontam os idolos, e os sacerdotes. Que desatino, que furia de morrer, que suicidio sem exemplo nem interpretação que o salve do sorriso piedoso da posteridade!

E, dizendo-se enviados de Deus, blasphemavam:

as amarguras da vida transitoria ajuntavam merecimentos para a condemnação eterna. Pobres impostores! se o mundo os tivesse n'este infimo conceito, não os mataria: deixal-os-ia passar escarnecidos como oidos.

Os impostores, ou, mais nobremente qualificados, os inventores de religiões, sacrificam-se á esperança e as radicarem, e ante-gostam a gloria de fundal-as, em quanto luctam com as adversidades. Não assim os inventores da divindade de Jesus Christo; eil-os que pregoam a mentira, ganham tribulações sem conto, correm da morte de mil dôres por fim, e legam á posteridade memoria escarnecida.

E de tantos que radiaram d'um ponto para a circumferencia da terra conhecida, um só não foi que fallasse linguagem diversa d'aquella que, a centenas de leguas, fallaram seus companheiros. Como poderam os apóstolos fundar christandades e ensinar doutrinas, as quaes, cotejadas no primeiro concilio, não destoam na minima regra?

Não se inventavam assim os codigos religiosos, em os apóstolos da vida nova annunciavam que os merecimentos d'ella eram penas.

Inventou-se Mahomet enviado de Deus. Acreditou-se entre milhões de homens.

Dava largas ás paixões, pabulo infinito ás organizações ardentes do seu clima: muitas mulheres na terra, muitas houris no céu. E, se ainda assim, algum

descrente se dispensava d'uma benaventurança a nada pelo gozo infinito da infinita contemplação de mulheres formosas, o alfanje tirava-lhe a alma e a paixão, e a força lh'a remetia ao paraíso.

Ora os discipulos de Jesus morriam.

«Pedro, e Paulo, e vós gloriosos apóstolos, e mártires santos, e illustres martyres! por ventura estes tamanhos trabalhos para enganar os homens, e a resurreição de Christo, que invocaes incessantemente chamando terra e céu por testemunhas, seria em vossa bocca uma mentira odiosa, uma ignobil perjurio? Quando morrieis por Christo resuscitado, sabeis morrieis por um impostor?»

§ II

A fé sublime dos martyres, a humilde entrega da vida em abono da divindade de Jesus, não convence menos que a do apostolado. O sangue escrevia na lâmina do cutello a ultima prova da doutrina.

Je crois volontiers les histoires dont les témoins se sont égorger, diz Pascal.

A christandade, no berço ainda, inerte e desamurada do auxilio dos poderosos, luctou contra o ferro e fogo de dez perseguições.

Os editos imperiaes eram peremptorios: «Que os christãos, seja qual fôr sua condição, sejam depejados de seus teres e dignidades, e postos á flagellação. Todos os litigios contra elles instaurados sejam legitimados pelos juizes. Não possam reclamar justiça, se os ultrajarem, quando ainda lhes tirem os bens, e lhes corrompam as mulheres.»

Nas grandes cidades do imperio romano, as turmas, açuladas pelas dignidades do estado e do sacerdocio, conclamavam, agitadas nos circos: «oa christãos ás feras!»

A este grito de milhares de gritos, irrempiam das aulas os leões enfuriados pelos jejuns d'algumas horas, e preavam centenares de victimas espadanando o san-

gue das entranhas d'uns homens que haviam dito: JESUS CHRISTO ERA DEUS.

Todavia, o paganismo, antes de entregar os christãos á ferocidade das feras, submettia-os aos cathedistas do polytheismo, que brandamente lhes insinuavam a adoração dos deuses, e a apostasia do galileu. Aos que as doutrinas não amolgavam, offereciam a restituição das dignidades, e honras novas, se estes por sua posição, como Sergio Paulo e Diniz, davam nos olhos das multidões. Respondiam ás cathequeses cariciosas com humilde desapêgo dos bens da vida; iam á morte, e recebiam-na com a mesma compostura e serenidade de semblante.

Negam alguns historiadores do nosso tempo a veracidade dos supplicios, referidos nas actas authenticas dos primeiros seculos do christianismo. Ponderam que o mundo romano era então policiado de mais para comportar barbaridade tamanha.

Esta maneira de inventar historia, ou inferil-a de inducções pueris—contrapostas ao que se lê em Juvenal, Tacito e Petronio, e em centenaes, respeito aos costumes da Roma cezarea—dá-nos a pensar que a civilização arripiou carreira assombrosamente! Pois que! Se ha dezenove seculos as regras da moral romana não se compadeciam com os atrozes supplicios infligidos aos sectarios de Jesus Nazareno, que havemos de pensar das regras de moral de épocas muito

posteriores, e nomeadamente dos costumes do seculo XVIII? O que foi então a revolução franceza? Aquella carnagem como se fez mil e oitocentos annos depois da civilisação de Roma? Pois o que estes historiadores chamam civilisação não é o facto equipolente ao que se denomina «progresso»—aperfeiçoamento moral do homem?!

Se havemos de discutir a verdade dos amphitheatros dos christãos primitivos, como acceitaremos as guilhotinas da carnificina de hontem? As sentenças de Marat, e Danton, e Robspierre serão menos authenticas que os rescriptos de Sejano, de Decio, e Galerio?

Em todos os tempos revoluteados pela guerra do homem ao homem, é a politica, sob capa de razão de estado, quem vibra as serpes da discordia. Não ha ahi laços d'alma e sangue que ella não desate. Entre irmão e irmão, seis palmos de terra conquistaveis podem abrir-se em sepultura d'ambos. Os politicos innovadores são adversarios que maior aluvião de inimigos provocam, se atiram o camartelo aos alicerces do edificio antigo, e attentam contra os costumes.

Os pregoadores da divindade de Jesus inflammaram contra si a politica e as paixões, a tranquillidade do imperio, e a licença de cada homem. O christianismo era uma violencia, um freio intoleravel. Sahiram os politicos, reclamando em honra dos deuses e em prol das nações consubstanciadas em Roma, um codigo severo contra os perturbadores que minavam a religião

de seculos para cimentarem a sua. Assopravam a furia popular, a furia d'um povo menos policiado que o de 1793, e o de 1848. O povo romano foi povo. Os historiadores, infieis á historia e á razão, reformaram a natureza, inventaram a doçura dos costumes romanos, desmentiram os escriptores coevos do martyrio para nos darem como imaginaria a ferocidade da perseguição aos sectarios de Jesus. Voltaire e Gibbon haviam sido os alvitreiros d'este expediente.

Podemos, sem sabir da historia contemporanea, dar como explicada e natural a barbaria dos contemporaneos de Nero e Sejano.

Era creença dos romanos que deviam aos deuses a esplendida fortuna do imperio. Juliano, o apostata, quando a sorte da guerra se lhe atravessou funestamente, bradou contra os christãos, que provocavam a cólera divina, adorando, como a deus, o crucificado da Galilêa. Se no seio da terra se escondia algum monstro chamado Nero, e as bençãos publicas acclamavam algum varão de bôas entranhas como Antonino, gritavam os politicos contra a perigosa compaixão dos governadores das provincias, porque elles deixavam esmorecer a guerra aos christãos. E, assim mesmo, os piedosos Antoninos, que ficaram em proverbio de bondade, piedosos para todos os homens, não poderam sê-lo com os discipulos de Jesus.

Adriano quer deificar Jesus, dá-lhe altares em sua casa e nos templos, e simultaneamente manda perse-

guir os christãos no Egypto. Alexandre Severo, honrador de Jesus como de todos os deuses, prohibia que os subditos abraçassem o christianismo. A politica impunha-lhes esta doblez de character, pela bocca das guardas pretorianas.

E, quando a maior parte do imperio romano transigia com a opinião, que podiam esperar os sectarios da religião, que admoestavam destemorosamente nas praças os motins com argumentos injuriosos ao paganismo? O povo clamava: *Tolle impios!* Impios, por que, nos seus conciliabulos nocturnos, matavam crianças e as devoravam. Estes infanticidas eram os discipulos de Jesus, que dissera: «Deixai vir a mim as criancinhas, por que o reino do céu é d'aquelles que se lhes assemelham». Impios os christãos, por que, pactuados com os demonios, inimigos figadaes dos deuses, faziam milagres para desviarem o espirito do polytheismo. O povo pensava assim, e os sabios tambem. Tacito, o grave historiador, diz que os christãos são homens odiosos, dignos dos extremos tormentos. «A morte dos christãos foi uma brincadeira, diz elle referindo-se ao supplicio dos desgraçados, que Nero arguiu de incendarem Roma. Uns, envoltos em pelles de feras, atiravam-os á voracidade dos cães; outros, amarrados a postes, accenderam-os para servirem de archotes de noute. Nero emprestou os seus jardins para tal espectaculo, e compareceu em pessoa

entrajado de auriga, e pôsto sobre uma carroça como nos jogos do circo.»

Celso espanta-se da demencia dos christãos, que se deixam torturar até morrer.

Libanio, commemorando a elevação de Juliano ao imperio, escreve: «Esperavam os christãos que lhes arrancassem olhos, e os degolassem, e corressem ondas de sangue; cuidavam que o novo senhor inventaria novos tormentos, mais crueis que a mutilação, e o triturar das mós, o enterramento em vida, e a asfixia, supplicios empregados contra elles pelos imperadores precedentes... Vendo, porém, Juliano que o christianismo augmentava com a carnificina de seus sectarios, não quiz exercitar contra elles os flagicios que reprovára.

Plinio, governador d'uma provincia, escreve a Trajano, dando conta das torturas a que submetera sem proveito alguns christãos.

Estas noticias não as deram os padres historiadores do Christianismo: foram os luminares da gentildade; os philosophos coevos das perseguições. Os pagnegyristas da civilisação pagan desmentem os padres, e muito de astucia occultam as passagens dos philosophos. Sempre a má fé!

O *Nomine christianorum deleta* das medalhas de Diocleciano, essa divisa de exterminio, gravada em cobre, e sculpida nas duas columnas encontradas em

panha, contradiz a historia dos falsificadores, os
es, testemunhas das atrocidades commettidas á luz
a do seu seculo, **não** podem racionalmente accei-
a veracidade do martyrio nos tres primeiros secu-
desde Tiberio até Constantino.

Depois que Bayle, Gibbon, e Voltaire, e os da sua
pensadora acoimaram de calumniosa a historia
ga, os racionalistas assentaram que o martyrio dos
adores de Jesus era incongruente com as candi-
almas de Galerio e Diocleciano.

Conclusão

Ha mil e oitocentos annos que o dogma catholico se occultava, como hoje, á concepção dos mais allucmiados espiritos. Era nos tempos em que as tribus christãs morriam pela fé, pelo dogma, pelo mysterio. Esta coragem d'onde lhes vinha? Quem lhes abriu na alma enchentes de luz que deslumbraram a da razão natural?

É que o dogma fôra esclarecido pelo milagre, e o milagre dera a prova do mysterio.

Os martyres viram o milagre, ou o creram das testimunhas presencias; morreram pelo dogma, e não pediram a explicação do mysterio.

Na esphera da razão está circumscripto o que é da razão. Se impugnamos os deveres que nos ella impõe, mais prestes refutariamos o que dogmaticamente nos cohibe, se o dogma tivesse character de formação humana. Nas mais claras cousas, a essencia, o ámago é incomprehensivel.

O que é a materia?

O que é a vida?

O que é a alma?

O que é o movimento?

O que é a luz?

O que é a electricidade?

O que é o pensamento?

O que é o espirito vital dos phisiologistas?

O que é attracção e affinidade?

Como se fazem os actos da intelligencia?

Estes factos irrespondiveis correm sem negativa nem assombro. Dão-se: recebem-se. Os dogmas da mathematica acceitam-se. Todas as abstracções, todas as chimeras valem em materia de sciencia; porém, o que transcende o raciocínio e entra nas demarcações do incomprehensivel é absurdo. Não se comprehendem as obras de Deus, mais visinhas do alcance dos olhos, e dispensa-se a religião que envolve mysteriosamente os actos do creador.

Imaginal um astronomico a contemplar as profundezas do céo com o seu telescópio. Assombrado pelos orbes luminosos, que giram no espaço, narra enlevado as maravilhas de suas visões. Um ignorante, porém, olhando ao céo, e não vendo maravilhas novas, ri do entusiasmo do astrologo. Ora, o philosopho que perscruta os segredos de Deus com os olhos da sua desluzida razão é como o ignorante que desdenha do telescópio do astronomico.

O respeitador do dogma descortina uma face dos mysterios de Deus por que a sua optica é a revelação. Barthélemy pondera que o observador, dotado de penetrantissima vista, vê apenas alguns milhares de es-

trellas no firmamento: mais nada vê, por que o restante são manchas mais ou menos confusas, cujo esmaiado alvor se desenha na profundidade da abobada azul; mas, se, do miradouro d'um observatorio, contempla o céu com os maravilhosos instrumentos que abrangem tão prodigiosamente as distancias, o cáos dilucida-se, céos novos se aclaram, refulgem as constellações, e os astros, chamados fixos em virtude da sua aparente quietação, entrecruzam-se como planetas em volta de seus sóes. Via-os, ha pouco coruscar faulas de luz pallida, contempla-os agora flammejantes de formosissimas côres. Ora, se alguns vidros, collocados entre o céu e os olhos, podem assim transformar-lhe a decoraçãõ, devassando-lhe tão ingentes objectos, havemos de espantar-nos se a razão, cujo raio visual é tão curto, não vê em Deus o que a fé, allumiada pela revelaçãõ, descobre? Imitaes uns logicos atrevidos, obtinados em sustentar que o sol gira por que o vêem girar, e que a terra é fixa por que a não vêem mover-se. Querer estudar a religiãõ, e conhecer o que é de Deus, sem o auxilio da revelaçãõ, é querer estudar o céu material sem auxilio do telescopio. O cumulo da irrisãõ é um philosopho com taes desvanecimentos! É a fé o telescopio divino, com cujo auxilio attingimos o sobre-natural; e a conformidade de razão e fé actua como a do olho do astronomo, com o telescopio, que lhe desvela as profundezas do céu.

§ I

O Deus do Christianismo é o Deus das sciencias.
Deus scientiarum Dominus est. ¹.

A philosophia moral, a sciencia das almas, a luz que nos aproxima do foco luminoso, que a vista da razão evita como insupportavel á sua fraqueza, deu-pol-a Jesus Christo.

Deus, e o universo e o homem foram assumptos para as divagações absurdissimas dos sabios do paganism, desde Aristoteles até Cicero, desde o infimo paria até aos principes da intelligencia.

A obra divina de Jesus resgatou as sciencias, aniquilando a divinisação da materia, e devastando as legiões de genios e deuses, pela acção dos quaes tudo se explicava.

Allega-se que não é mister socorreremo'-nos da divindade de Jesus para explicar o que é do fôro, do progresso, e do lavor da razão do homem.

«Se a luz que espancou as trevas da gentildade não fosse o raio divino da religião de Jesus—pondera um sabio—uma de duas coisas succederia: ou a razão ficaria sempre acorrentada ao carro das velhas superstições, como na India, e então seria impossivel o

¹ Reg. 11. 3.

progresso; ou, desprendida das superstições, cahiria no atheismo, como na China, e então seguiria o caminho opposto ao progresso.»

Se nos dizem que a philosophia sem professar o atheismo, tudo esclarece, responderemos que Victor Cousin, e Edgard Quinet, e Jouffroy, professores de philosophia, fóra dos vestigios dos apologistas do christianismo, não firmam passo seguro: por cada impeço que evitam estabelecem um paradoxo, ou involvem nas nuvens a doutrina. A sós com a sua razão e criticismo, fechando olhos aos marcos miliarios da fé, aquelles, como Lacordaire lhes chama, «illuminados da razão obscura» oscillam entre o deismo pantheista, e o scepticismo atheu. Não se sabe o que são, nem o que ensinam. Occupam cadeiras docentes, e entretem o seu tempo.

Tem de si a moderna philosophia o quer que seja de analogia com a filha motejadora das cans de seu pae, e presumida de excellencias originaes d'ella. A França trasladou as suas sciencias philosophicas da Alemanha; a Alemanha inspirou-se de Roma catholica na parte em que a razão philosophica procede da razão do catholicismo.

A final, deram vaías á sciencia-mãe, desnaturaram-se de filhos d'ella. *Verdadeira luz do mundo*, como Jesus de si dissera, a obra do Filho de Deus, a religião augustissima dos martyres, dos doutos, dos incultos, dos bemfeitores da humanidade, dos justos, e

dos desgraçados, a divina religião de Jesus deu ás sciencias a sua virilidade, levou-as por mão por entre precipicios, sublimou-as ao ponto de serem um dos supremos dons do homem.

É arvore abençoada de fructos de vida. O orgulho do homem esforça-se em filtrar-lhe peçonha ás raizes; esperem-lhe os effeitos, se os não experimentaram ainda.

O christianismo recebeu o mundo qual Deus o creára, e entregára á disputação das sciencias ¹.

Abre o universo seus vastos horisontes á sciencia, descerra-lhe os arcanos reconditos á penetração dos luminares da Grecia e Roma, e deixa-se estudar no mysterio da criação.

O christianismo quer a sciencia, deleita-se estudando as maravilhas de seu auctor; e, se não póde comprehendê-l-as, ajoelha á porta do tabernaculo, e adora o mysterio. Os astros do céo, e as coisas humilimas da terra referem a gloria do Altissimo. A consciencia entendeu os silencios da criação.

Que quereis mais ouvir? que pedis aos sabedores de grandes e estrondosas philosophias?

Que vos desmintam as revelações de Jesus?

Quereis que Deus vos seja entregue com a sua igreja?

E que nos dais em tróca? «Palavras, palavras»

¹ Eccles. III, II.

como dizia o poeta inglez por bocca de um dos seus tristes personagens.

O seculo requer reformas—bradam os destruidores.—A immobilitade da fé empece o movimento da razão. Cada época tem sua face.

Uma face inalteravel tem as épocas todas.

É a das miserias do homem, a das desillusões, das injustiças, da esterilidade dos affectos, da desgraça que envolve a alma em negros nevoeiros, e do desconforto que faz o tédio da vida, e o escarneo da piedade.

E o mais inamovivel e pungente caracteristico de todas as épocas é o acabarem-se, o irem-se com *ellas*, abyssmo dentro, as gerações pervertidas pelos seus inimigos figadaes—os sabios que immolaram á soberba do intendmento a bondade do coração.

Pobre razão humana!

TRADIÇÃO APOSTOLICA

Ide, pois, e ensinaí todas as gentes.

JESUS CHRISTO, em S. Mat. xxviii, 19.



TRADIÇÃO APOSTÓLICA

A doutrina ecclesiastica não se esquivava á alçada dos raciocinadores. Aceita-os, offerece-se, expõe-se ainda aos paralogismos da má fé.

É certo que a razão natural, ou, mais claramente enunciativa, a razão indocil aos dictames da fé não alcança a forma real como o testemunho divino se opera: são inefficazes as forças do intendmento no afan de conhecerem as causas efficientes de numerosos phenomenos da sciencia humana. Pois se a razão é limitada no intendimento dos factos de observação, que muito se no intendimento das causas divinas submettemos a razão á fé?

A tradição nos refere os actos da origem divina. Theologicamente definimol-a: «um testemunho que nos

assegura a verdade d'um facto, dogma, ou uso.» Examinada em seus primordios, procede de Deus ou dos homens. Pelo que, distinguimos entre tradição divina, tradição apostolica, e tradição ecclesiastica. A tradição apostolica, ao parecer de todos os theologos, e a beneplacito da mesma razão, considera-se divina. Os apóstolos ensinaram o que immediatamente aprenderam de Jesus, ou do espirito do Senhor no discurso do apostolado. A porção humana de Christo vive no doutrinamento dos discipulos: «Ide, e ensinai.» O Filho do homem vai com elles. A luz radiosa do cenaculo fez-se columna perfulgente que lhes esclarece as veredas escuras do mundo.

A tradição apostolica é a fonte das aguas incorruptiveis. Ahi está em eterno bronze a pagina incontroversa da christandade catholica. Lacordaire, como visse que a razão era o guia da philosophia, pediu tambem á razão que o encaminhasse á fonte da tradição. Achou-se em plena luz, lá onde a incredulidade se teme da escuridão refractaria ás luzes do raciocinio.

§ I

Deus, cuja existencia é eterno acto, não tem passado nem futuro; a tradição, pelo conseguinte, não é elemento necessario á existencia de Deus. O homem, porém, que vive no tempo, e vai do ventre á sepultura atravez de successiva cadêa de instantes, não poderia, sem a tradição, estabelecer a unidade dos instantes, nem certificar-se da identidade de sua vida.

A tradição, elo que ata e harmonisa o passado com o presente, é o vínculo que liga o passado ao futuro.

O fim está em proporção com a origem: esta lei é universal de tudo. O conhecimento da origem revela precisamente o segredo do fim.

Diz Lacordaire:

«Se a vontade creadora fecundou o nada, se divino sôpro bafejou a face do homem, não é á terra que o homem pertence: mais altos destinos o impulsam: o sôpro de Deus, que elle encerra, mostrar-se-ha em sua final immortalidade.»

Somos effeitos d'uma causa: esta causa é a vontade omnipotente que nos produziu; e, pela razão de não poderem os effeitos exceder as causas, nós, ema-

nações da vontade omnipotente, não podemos conhecer nossa origem, nem ainda o fim, por que é mister conhecer o primeiro para conhecer o segundo. O passado de cada individuo que induções lhe dá para descortinar o futuro? Quem de sua experiencia de longos annos colheu a providencia para a hora que vai começar? Van pergunta! O segredo do que vem está no segredo da origem; e o effeito não póde antepor-se á causa.

O segredo do passado tão somente póde revelar-no'l-o a tradição. E por isso que o conhecimento da origem é o conhecimento do fim, á tradição incumbe descortinar o mysterio do futuro. A sciencia do que foi, é, e ha de ser, está na tradição. As tradições historicas e religiosas são os repositorios da sciencia universal. «Despresal-as,—diz o novo Bossuet,—é despresar a vida» pois que a harmonia do passado com o presente, e do presente com o futuro—partes constituintes da vida considerada em seus momentos successivos—é a tradição que no'l-a dá, e é impossivel substituil-a por outra qualquer palavra que não tenha o valor, e não seja o nucleo d'um complexo de factos.

O fundamento do catholicismo está na tradição conservadora da palavra divina.

Diz a tradição oral que existe um Deus, perfeito, e de natureza eterna, o qual creára o homem, por effeito d'amor que o homem não comprehende. Aqui es-

§ II

A tradição oral, em par com a tradição escripta, fei, no antigo mundo, complemento e indispensavel commentario dos symbolos religiosos, das leis e ritos consignados em poucas palavras nos monumentos escriptos.

Investiguemos a verdade d'este asserto na religião judaica.

Um dos artigos fundamentaes da lei é que Moysés, ao recebê-la da mão do Senhor, fora mysteriosamente instruido na forma de a praticar. O filho de Jethro comprehendeu o sentido espiritual da lei, e o phenomeno da criação em seis dias, a quêda original, e a significação mystica dos sacrificios.

Moysés iniciou no conhecimento das tradições os anciãos do povo, e mandou-os transmittil-as aos mais virtuosos mestres da lei entre as multidões do deserto.

Posto que os phariseus adulterassem a palavra tradicional, e com isso merecessem as admoestações de Christo, a nação judaica sempre a teve em conta de infallivel seminario da verdade religiosa.

No principio, e ao correr de muitos annos, a lei escripta era commum; todavia, interpretar o sentido do texto sagrado não era de todos, por que a tradição oral, sem o quê fora impossivel comprehender a es-

cripta, era privilegio de poucos. A unidade da doutrina religiosa e moral dependia da tradição, que ensinava o modo de escrever a lei, com a phrase do seu genuino sentido. As subtrações, argumentos, mudanças, transposições de letras, variedade na forma dos caracteres, supressão e sobreposição de vogaes quasi imperceptiveis, tal mistura de significados enredava de modo a intelligencia da lei, que, se a tradição os não dilucidasse, eternamente ficariam na escuridade do mysterio. Este mysterio, pois, foi sugeito á intelligencia de regras fixas, as quaes eram prerogativas dos mestres da lei que de viva voz as receberam.

N'esses tempos era tão difficil escrever a lei como comprehendel-a.

A Thorah primitiva (lei gravada) era escripta sem pontos nem vogaes: os versos, e os capitulos eram indistinctos, e apenas d'uma a outra palavra se interpunham espaços confusos e irregulares.

Se um dedo indicador de mestre, que encaminhasse o discipulo n'este todo inconcebivel de arabescos compactos, a lei seria um cáhos, uma pedra rúnica, que poderia inspirar o mysticismo contemplativo, mas nunca o exercicio da intelligencia. Ora este dedo de mestre era a tradição, que continha em si o thesouro das regras mysteriosas, cujo segredo os doutores exclusivamente possuiani.

Nem de longe podemos já agora avaliar as difficuldades que o judeu encontrava na leitura da sua lei.

O Pentateuco e os profetas continham certos vocabulos que um judeu, sem pena d'anathema, não poderia lêr com as letras todas. Era-lhe forçoso, para ser comprehendido, pronunciar um grande numero de palavras mui diversamente do texto, mudar o som de certas letras, e suprimir-lhes inteiramente a desinencia. Do abatimento ou elevação da voz, da maior ou menor demora nas transições d'uma a outra palavra, resultava sentido diverso, accepção toda contraria, absoluta confusão no texto!

Do ensino oral dependia tudo; e, se estas rasões não bastam para ajuizar do predomínio da tradição oral, será sobeja prova a que nos dá a lei, escripta bastantes seculos depois de promulgada.

Por espaço de dez seculos, a tradição oral foi o unico recurso para a interpretação do sentido da lei. A tradição oral, entre os judeus, comprehendia o que fôra transmittido de viva voz, e as explicações escriptas pelo mestre, cuja copia era prohibida, por que só os doutores e os sabios tinham a excellencia de annotar os pontos essenciaes da doutrina.

Estes manuscriptos, intitulados «cathalogo dos mysterios» multiplicaram-se, ao passo que a tradição se desenvolveu com o progresso dos espiritos na intelligencia das verdades reveladas. Os mysterios conteudos n'este «cathalogo» continham as rigorosas explicações sobre a pratica da lei, o codigo de preceitos que levavam o homem á sua possivel perfeição, e a explicação

das mais sublimes doutrinas como fosse a essência divina, a pluralidade das pessoas em Deus, a criação, a encarnação, a redenção, e a vida futura.

Os doutores, os juizes e padres communicavam ao povo estas doutrinas, e o povo, que murmurasse em desconformidade d'elles, ou lhes negasse, na pratica, inteira obediencia, era punido de morte, se á letra devemos verter esta passagem do Deuteronomio:

«Cumprireis á risca o que disseram os escolhidos por Deus para a presidencia: seguireis suas ordens sem desviar para a esquerda ou para a direita: e quem, de proposito deliberado, não escutar o padre ou o juiz, será punido de morte ¹.»

Tradição foi esta substancialmente transmittida pelos chefes da Synagoga até ao II seculo depois da destruição de Jerusalem. E o complexo d'estes commentarios á lei, o qual seria trabalhoso e inopportuno individuar aqui, chamou-se o Thalmud.

¹ Deut. c. xxvii, v. 10.

§ III

Jesus Christo, o illuminador das intelligencias, e balsamo dos corações, derramando beneficios sobre os homens, e elevando-os, pela doutrina, á condição sublime de se aproveitarem dos dons regeneradores, quiz que permanecessem eternos os seus beneficios em signaes sensiveis, e que a sua divina palavra fructificasse em uma sociedade universal e imperecedoura. A Igreja e os sacramentos são a graça e a verdade eterna, que significam Jesus Christo entre os homens até á consummação dos seculos.

A Igreja é, pois, uma sociedade religiosa, instituida por Jesus Christo, e depositaria da sua doutrina.

A missão d'esta sociedade é a conservação, defeza, e interpretação da doutrina, cuja identidade de fé está submittida á auctoridade d'um apostolado permanente, que o Espirito Santo dirige, para que até ao fim das gerações, sejam continuados os beneficios do Salvador, durante a sua vida mortal.

O dogma da Redempção e da Incarnação, com todas as circumstancias que pertencem a este duplicado mysterio, são prerogativas que a Igreja recebeu de Jesus Christo, seu fundador, por que «a Igreja é Jesus Christo na sua plenitude» como Bossuet a define.

Esta sociedade, constituida corpo moral, vive

d'uma vida sua, e exercita-se na elevadissima esfera onde se estabelecem as mais intimas relações do homem com Deus.

Os membros de tal corpo são os fieis ligados por laços visiveis d'uma mesma fé, d'uma identica moral, d'uma semelhante legislação, d'um mesmo culto, e d'uma mesma sugeição ao chefe do apostolado perpetuo, divinamente instituido depositario dos poderes espirituaes, e da auctoridade confiada á Igreja.

O character d'este apostolado é essencialmente monarchico. O voto de todos os catholicos colloca a supremacia do poder nas mãos de um só, legitimo representante de Jesus Christo, e chefe unico e visivel de toda a Igreja.

Estas ligações, que, sahidas da mão de Deus, vinculam integralmente os membros do corpo universal, não podem ser quebradas no menor dos seus enlaces, sem que os fieis reneguem o principio fundamental sobre que a Igreja repousa. Tal é a infallivel auctoridade de jerarchia apostolica, prerogativa divina, legitimo exercicio de auctoridade, que ninguem poderá affastar de si, sem que as portas da Igreja lhe sejam fechadas, pela mão d'Aquelle que disse: «Quem vos ouvir, ouvir-me-ha; e quem vos desprezar, desprezar-me-ha: ora, quem me despreza, tambem despreza aquelle que me enviou.»

E ainda:

«Como meu Pae me enviou, eu vos envio... Ide

e ensinai todas as nações... Serei com vós todos os dias até á consummação dos seculos. O que não escutar a Igreja seja entre vós estrangeiro como o pagão e o publicano.»

Qual é o principio vital da Igreja?

Esta questão é o ponto capital da controversia que divide os catholicos dos protestantes em materia de tradição.

Daremos em resumo este debate.

§ IV

Reduziremos a. proposições a doutrina dos protestantes, nos artigos que nos são indispensaveis para a controversia que deriva do titulo d'este artigo.

I. A doutrina do Salvador e dos Apostolos, no que diz respeito á salvação, acha-se completamente substanciada na palavra escripta. São incríveis os artigos da fé, embora a Tradição nol-os transmita, logo que a palavra escripta os não justifique manifestamente.

II. Qualquer leigo, homem ou mulher, tem o direito de julgar o sentido da Escriptura, e pessoalmente interpretal-a.

III. Em controversias religiosas não ahí pastores da Igreja auctorisados pela supremacia a quem devamos submeter os nossos juizos. Cada qual decide como lhe praz.

IV. Os pastores da Igreja são homens; e, como taes, o mesmo importa valerem-se da sua importancia em Concilios geraes, por que a susceptibilidade do erro é a mesma, qualquer que seja a dignidade do homem.

V. A Igreja de Jesus Christo não só pode errar, mas effectivamente errou, quando a idolatria, a su-

perstição, e outros erros condemnaveis lhe mancharam a primitiva toga d'innocencia.

VI. O papa é o Anti-Christo, e os seus successores são a continuação do Anti-Christo.

VII. Jesus Christo não deu a S. Pedro algum privilegio sobre os seus companheiros de apostolado; as Escripturas não nos justificam a supremacia de S. Pedro; e, pelo consequente, os bispos de Roma são iguaes aos bispos de todo o mundo catholico.

Qualquer d'estas sete proposições, assim francas e desembaraçadas, bastaria para significar a barreira interposta á Reforma e ao Catholicismo.

Pareceu-nos, porém, conveniente alinhar no mesmo apontado estes pedaços rasgados do mesmo estendal de heresias, que, mais ou menos coloreadas, são aquellas que ha pouco repellimos, embuçadas n'um manto de hypocrisia com visos de moralidade christã ¹.

Pareceu-nos, outrossim, que mais assentariam as nossas provas, quando fossemos ao encontro dos adversarios sem lhes desunir os argumentos e retalhar a doutrina. Sendo certo que em todos os trabalhos systematicos da intelligencia humana ha um enlace de raciocinios, que lhes dá solidez e tenacidade, é tambem evidentissimo que, n'esta maneira de expôr a

¹ Referencia a um escripto, sobre o «Poder temporal» que se refutou no semanario em que estes artigos foram publicados.

controversia, não procuramos fazer pedaços a estatua do protestantismo para mais commodamente lhe pulverisar os fragmentos.

Esta lingoagem, que argue nimia affonzeza contra um complexo de seitas que se contam a centenaes, diz menos ao intento que as conversões frequentes á verdadeira fé. Dizem que da parte de la avultam elevados espiritos. Assim o cremos: o erro tem feito illustres victimas. Cumpre respeitá-las? Tanto quanto ellas respeitam os depositarios da palavra divina.

A Reforma deu de si, a final, uma philosophia que redundá nas abstracções do pantheismo. O Christo está no fim da sua missão. A aurora de um novo cyclo social vem despontando. O catholicismo é já um retrocesso. Os Arios e Pelagios renascem menos fervorosos; mas esgrimidores de armas mais penetrantes. Assim que as doutrinas lhes disparam no absurdo, acolhem-se ao presidio da razão natural. A meia volta, acham-se racionalistas. Os Origenes e Tertulianos tem de medir-se com elles no campo da rebellião franca.

Não póde o seculo, infelizmente, erguer aquelles vultos venerandos da Egreja Lusitana: todavia, á sombra d'essas arvores magestosas, que bracejaram frondes para todos os seculos, ainda os humildes tentam elevar-se para aquelle alto principio d'onde descem aos pequenos da terra a coragem que os faz grandes entre os maiores do orgulho humano.

Os protestantes absolutamente repellem a tradição.

A «palavra escripta» é mais nada. Doutrinas que derivem de consenso universal, ou tradições humanas, embora tidas em conta de divinas pela egreja catholica, abjuram-nas.

Ora, se ventilarmos á cêrca da «palavra escripta» um simplissimo debate, seguramente cremos que as seitas dissidentes, e os seus abalisados chefes, regeitarão a gloria de nos reduzirem á sua fé.

A questão é esta:

Que «palavra escripta» apprenderam os protestantes dos livros sagrados, que constituem o seu codigo ecclesiastico?

Suppondo que um dos livros da Escriptura dá testimonho de todos os outros, qual é a «palavra escripta» que justifica a authenticidade d'esse livro abonatorio?

Não existe essa palavra escripta; e, não obstante, as egrejas reformadas receberam a tradição da Egreja romana ao escolherem os livros do seu codigo ecclesiastico.

Esta é uma repugnante incoherencia que denota os frageis alicerces da Reforma.

E como seria possivel o contrario, se a genuina interpretação da palavra escripta é contra a palavra escripta dos protestantes?

Como consta da 1.^a proposição, a doutrina do Salvador e dos Apostolos, em tudo o que diz respeito á salvação, está consignada na escriptura; mas não será

cegueira prestar credito a semelhante maxima contrariada pela propria escriptura?!

S. Paulo é, quanto podemos desejar que o seja, explicito:

«E por tanto, meus irmãos, permaneei firmes; e conservai as tradições que aprendestes de nossas palavras, ou mediante nossas cartas ¹.»

«Em nome de N. S. Jesus Christo, meus irmãos, ordenamos que fujais aquelles d'entre vós cujo procedimento desregrado não é o que lhes ensina a tradição, que receberam de nós ².»

«Eu vos louvo, meus irmãos, por vos ser lembrado em tudo, e guardadas as tradições que vos dei ³.»

Não é mister fatigar a intelligencia na versão d'estes textos para comprehender que S. Paulo ensinára verbalmente aos de Corinto e Thessalonia doutrinas, que suas cartas não mencionavam. E, ao mesmo tempo, reconhece-se que o Apostolo recommendava igual

¹ Itaque fratres, state, et tenete traditiones, quas didicistis, sive per sermonem, sive per epistolam nostram. 2. «Thessal». Cap. 2. v. 14.

² Denuntiamus autem vobis, fratres, in nomine Domini nostri Jesus Christi, ut subtrahatis vos ab omni fratre ambulante inordinate, et non secundum traditionem, quam acceperunt á nobis. 2. Thessal. C. 3. v. 6.

³ Corinth. Cap. 2. v. 2.

observancia tanto para o que fôra dito, como para o que fôra escripto.

S. Paulo, escrevendo a seu discipulo Thimotheo, observa-lhe que transmitta aos homens, capazes de instruirem os outros, o deposito de doutrina que elle discipulo lhe ouvira na presença de muitas testemunhas ¹. Este deposito doutrinal não é a tradição escripta, que essa era de todos, e ninguem, por mais elevado na gerarchia ecclesiastica, se arrogava o thesouro peculiar dos livros sagrados. O deposito era a tradição oral cuja perpetuidade é providenciada pelas admoestações do Apostolo, repetidas vezes, ás Egrejas d'Epheso, de Corintho, e Thessalonia.

O que se collige das rasões tiradas da palavra escripta, é que S. Paulo não favorece os hiresiarcas: reprehende-os como fizera aos de Thessalonia, cujo procedimento desregrado dessoava da moral da tradição, que haviam recebido.

O Evangelho de S. João, em suas ultimas palavras, é testemunho insubornavel das cavilosas interpretações dos reformistas.

«Jesus operou outras muitas coisas, as quaes, mi-

¹ Et que audisti a me per multos testes, hæc commenda fidelibus hominibus, qui idonei erunt, et alios docere. Ep. 2. C. 2. v. 2.

nuciosamente contadas, não bastaria o mundo para conter os livros escriptos ¹.»

É crível que a palavra de Jesus, a significação do homem-Deus, a semente lançada no seio do genero humano cahisse na voragem do esquecimento?! É crível que as obras de Jesus, tão amplas, tão multiplicadas como o Evangelista as considera, fossem beneficios precisos á primeira geração dos filhos da lei-nova, e inuteis para a geração do seculo XVI?!

Sustentam os protestantes — quanto é possível á má fé sustentar principios absurdos—que qualquer leigo, homem ou mulher, tem o direito de interpretar e julgar o sentido da Escriptura. Os anabaptistas, ramificação d'aquelle tronco regado por sangue precioso no coração da Alemanha, affirmavam que aos mais ignorantes concedera o Altissimo mais penetrante espirito de interpretação. É por isso que João de Leide, cansado das saturnaes de Munster, em que o *verdadeiro* culto era representado por devassidão liberrima, batia á porta dos jornaleiros a mendigar a versão genuina das palavras de Jesus Christo.

As palavras da Escriptura desmentem rigorosamente estas asserções extravagantes.

¹ Sunt autem et alia multa, quae fecit Jesus: quae si scribantur per singula, nec ipsam arbitror mundum capere posse eos, qui scribendi sunt, libros. C. 21—v. 25.

«É de saber, primeiro que tudo, que nenhuma prophécia da Escripтура se explica por interpretação particular. . . por que os santos homens de Deus fallaram inspirados pelo Espirito Santo ¹.»

Confessando os protestantes que sem o dom do Espirito Santo é impossivel interpretar as escripturas inspiradas por elle, como é que a reforma traduz o sentimento dos seguintes textos de S. Paulo:

«Este recebe do Espirito Santo o dom de fallar com sabedoria: aquelle o dom da sciencia, e aquelle outro o dom da prophécia. . . ora é só um o mesmo espirito que opera, distribuindo a cada um os dons que lhe praz ².»

Na intelligencia do texto ha esta supposição unicamente rasoavel: o dom da interpretação foi singularmente concedido aos *apostolos, pastores, e doutores* ³ expressamente designados por Deus columnas da sua Igreja.

Com que recto juizo ousarão os protestantes apellidar dom do Espirito Santo aquelle especialissimo dom de contradicção, que elles tem, a ponto de não haver

¹ Hoc primum intelligentes quod omnis profecia Scripturæ propria interpretatione non fit. Non enim voluntate humana. . . sed Espiritu Sancto inspirati, locuti sunt sancti Dei homines. S. Pedro. 2 Epist. Cap. 1. v. 20, 21.

² 1.ª Corinth. Cap. ix 11, 20.

³ Ephes. Cap. iv, v. 11.

uma d'entre multiplicadas seitas, cuja totalidade de membros esteja d'accordo n'uma só interpretação da Escripura?!

Confessam os protestantes que sem o dom do Espirito Santo é inefficaz a intelligencia das Escripuras; mas as suas egrejas contradizem-se, guerreiam-se, e desacreditam-se ciosas da primasia de entendimento; e, sendo impossivel a cada uma d'ellas, de bõa fé, reputar-se a inspirada pelo Espirito Santo, poderemos nós concluir que nem o seu clero, nem os seus leigos podem avaliar, e menos dar como julgado o sentido da Escripura. Acresce ainda sobre estes argumentos de prova moral, aquelle que julgamos irrespondivel—o da propria letra da Escripura, conthendo nos textos que vamos mencionando.

Se nos dissessem, que, nos primeiros annos do Christianismo, por todo o seculo apostolico, um dos leigos mais curiosos em escutar os juizos d'aquelles em cujas mãos eram frequentes as Escripuras—se nos dissessem que esse leigo comprehendêra habilmente uma passagem de Isaias, acredital-o-iamos com bem pouca repugnancia. E, com tudo, o Novo Testamento viria em contrario da nossa crença com a seguinte passagem:

«Ora um ethiope eunuco, que era dos primeiros officiaes de Candace, rainha da Ethiopia, e superintendente geral do seu erario, viera a Jerusalem por fazer sua adoração.

«E quando já voltava, ia assentado no seu coche, lendo no propheta Isaias.

«Então disse o ethiope a Philippe:—chega aqui á beira d'este coche.

«Correu logo Philippe; e, ouvindo que o eunuco lia no propheta Isaias, disse-lhe: *Tu crês que entendes o que estás lendo?*

«Elle lhe respondeu: *Como poderei eu entendel-o, se não houver alguém que m'o explique?!*

«E rogou a Philippe que montasse, e se assentasse com elle ¹.»

Notemos que o eunuco era homem que reunia santidade e illustração. Comparemol-o, depois, com os interpretes da Escripura, consoante o protestantismo os admitte, nas pessoas dos seus sacerdotes e sacerdotisas. Não sei como havemos de estribar a nossa fé na virtude e illustração de taes interpretes. Querem-nos parecer mais idoneos S. Jeronimo, Calmet, e Duhamel.

Quando os proprios discipulos de Jesus Christo precisaram interprete na intelligencia das Escripuras; quando aos proprios Apostolos enviou o Mestre a luz indispensavel no entendimento d'ellas ², não será judicioso duvidar d'uns ingenhos que se inculcam subti-

¹ Act. cxiix—v. 28 e seg.

² Tunc apernit illis sensum ut intelligerent scripturas.
Luc. cxxxiv v. 45.

lisados no espirito de sua razão, e menoscabem o espirito de Deus inspirador e conselheiro dos interpretes antigos?

Dizer que Jesus Christo inspira as interpretações contradictorias, que são a base das egrejas reformadas, é blasphemar.

●

§ V

Sustentam os protestantes a negativa da submissão, nas controversias religiosas, aos pastores da Igreja. Remettem os contendores ás Escripturas, e proclamam a palavra escripta juiz sufficiente nas disputas religiosas.

A. Escriptura contraria taes maximas claramente com estes textos, colhidos entre muitos:

«Assim como fui enviado por meu Pae, eu vos envio... ¹»

«Ide, pois, e ensinai todos os povos, em nome do Padre, do Filho, e do Espirito Santo ².»

«Quem vos escuta, é a mim que escuta: quem vos despreza, me despreza; e quem me despreza, despreza aquelle que me enviou ³.»

No estudo das sciencias humanas, a razão individual póde affastar-se do trilho dos mestres, e subir mais alto na investigação da verdade. Mas verdades reveladas são sempre escuras no seu sanctuario myste-

¹ S. J. xx, v. 21.

² S. Mat. C. xxviii, v. 19.

³ S. Luc. C. x, v. 16.

rioso, embora a viva luz da mais transcendente razão as queira esclarecer.

Jesus Christo, que não viera a instituir um código caprichoso em maximas incompreensíveis, apontou aquelles que deviam interpretal-o tanto quanto convinha á salvação dos homens de boa vontade. Taes depositarios da genuina interpretação da palavra divina são os apellidos: «Delegados de Jesus Christo, Dispensadores dos mysterios de Deus.» Convictos de sua soberana missão, os Apostolos, zelosos propagadores da doutrina, declaram anathema ao anjo, que descesse do céu a annunciar preceitos diversos do que elles tinham ensinado.

Se quereis um exemplo da auctoridade que os pastores da Igreja receberam de Jesus Christo para julgar as heresias e condemnal-as, lêde os actos dos Apostolos no cap. xv—:

«Ora alguns que tinham vindo da Judêa ensinavam esta doutrina aos irmãos: Se não sois circuncizados, segundo a pratica da Lei de Moysés, não podeis ser salvos. Paulo e Bernabé, vivamente sublevados contra elles, decidiram ir, juntamente com alguns dos adversarios, a Jerusalem, para, na presença dos Apostolos, proporem a sua questão. Reuniram-se, pois, os Apostolos e os padres para resolver esta pendencia, e, depois de muito examinada de parte a parte, Pedro levantou-se e deu o seu juizo.»

Vemos, pois, na primeira questão ventilada na

Egreja, a decisão de Pedro curvar á obediencia os fieis, tanto judeus como gentios. Onde irão os protestantes mendigar texto que lhes abone a má fé da sua razão arbitra em controversias religiosas? Se a palavra escripta repelle a maxima fundamental da Reforma, quem, tão cego como o orgulho humano, suspeitará cavilosa invenção, que se não peja de estribar no Evangelho, diametralmente opposto?!

Os protestantes respondem a esta invectiva dos catholicos com presença de espirito um tanto para riso:

«Não ha duvida que as decisões dos apóstolos eram infalliveis; mas, mortos elles, cessou a infallibilidade.»

E, comtudo, S. Paulo, o infallivel nas suas doutrinas, segundo o argumento dos protestantes, deixa de o ser na carta aos de Epheso, que tão luminosamente destroe o debil recurso dos adversarios do Catholicismo:

«Elle mesmo, (Jesus Christo) deu á sua Egreja Apóstolos, Prophetas, Evangelistas, pastores, e doutores, cada um com sua missão, a fim de cooperarem para a perfeição dos santos, para as funcções do seu magisterio, para a edificação do corpo de Jesus Christo, até que todos cheguemos á unidade d'uma mesma fé, e d'um mesmo conhecimento do Filho de Deus, á perfeição do homem. . . e que não sejamos como crianças, e pessoas voluveis, que se deixam levar por todos os ventos das opiniões mundanas, por trapaças de ho-

mens, e pela astucia que elles tem de arrastar ao erro artificiosamente.»

Ahi está bem coordenada a missão d'um tribunal, complexo de homens com varios encargos, que deve ser continuado em quanto a Igreja lutar contra as aggressões da heresia.

§ VI

Affirmam os protestantes, que não podemos confiadamente jurar nas palavras da Igreja e dos concilios geraes sobre decisões de fé, e de moral, por que os pastores da Igreja *são homens*, podem enganar-se, e por consequencia enganar-nos, se lhes prestamos inteiro credito. A conclusão que sua má vontade lhes dá de taes principios é—que, para maior segurança, devemos só adherir á palavra de Deus *escripta*.

Depois d'uma determinação assim enfatica e sua-soria, devemos de bôa fé consentir em que os protestantes *não são homens*, não se enganam, nem podem enganar-nos com suas decisões! Tem o arbitrio d'estas extravagancias, que o levam a galhofar em assumptos muito serios, e até não sabemos se o riso será a mais judiciosa illação de suas primicias.

Que importa a illustre assemblêa dos pastores da Igreja de Jesus Christo comparada com Calvino a tropejar as suas inaufervéis conclusões?

Quem falla ahi da infallibilidade da Igreja, quando um quaker, ou um anglicano, ou um anabaptista se declara infallivel em relação áquelles poucos sectarios que o acreditam?

O absurdo, pelo menos, tem a particularidade de ser faceto, e não sabemos por que operação providen-

cial estes parallelos não podem já hoje ser estabelecidos com os argumentos de uma logica escoreita e grave.

Dizer que a Igreja pôde enganar-se, é ir de encontro ao Evangelho de Jesus Christo, que expressamente contraria uma tal asserção. Estas são, entre outras, as provas, não pedidas ao livre arbitrio, mas extrahidas da «palavra escripta:»

«E eu tambem te digo que tu és Pedro, e que sobre esta pedra edificarei a minha Igreja, contra a qual não prevalecerão as portas do inferno.» (Math. Cap. XVI, v. 18.)

As portas do inferno teriam prevalecido contra a Igreja, se esta, alguma vez, se tivesse desviado da fé e doutrina de Jesus Christo; mas o divino fundador da Igreja catholica predisse e prometteu o contrario: logo ou taes promessas nunca foram feitas, ou Christo era um falso propheta, ou nunca a sua Igreja será manchada pelo erro.

«Ide, e ensinai a todos os povos, baptizando-os em nome do Padre, e do Filho, e do Espirito Santo, ensinando-lhes a observancia de tudo aquillo que vos eu mandei: e confiai, que eu serei sempre convosco até á consummação dos seculos.» (Math. Cap. XXVIII, v. 19, 20.)

Os protestantes estão d'accordo com os catholicos na infallibilidade das doutrinas dos Apostolos, e dão como perservados d'erro os fieis que os ouviram, por

isso que Jesus Christo promettera acompanhar os despositarios da doutrina até á consummação dos seculos.

É evidente, porém, que a promessa do Salvador não poderia cumprir-se integralmente nos apóstolos a quem Jesus Christo não prometteu simultaneamente a ida que discorresse através das gerações até á ultima. A infallibilidade da doutrina, coadjuvada pela vontade do Altissimo, devia transmittir legado celeste áquelles que foram enviados para *ensinar todas as nações*.

Os unicos homens apostolicos, que, depois dos discipulos, prégarão o Evangelho de Jesus Christo a todas as nações, foram os bispos, e os pastores da Igreja Catholica Romana, e os seus delegados ás nações idóneas, que abraçaram a fé.

Ora, se os apóstolos eram infalliveis em virtude das promessas de Christo, conclue a intelligencia mais versada na theologia, que a Igreja dos apóstolos, nos seculos posteriores, em virtude d'aquella promessa, manteve cunho de infallibilidade, garantido pela permanencia da doutrina.

«Eu supplicarei a meu Pae, e elle vos dará um outro consolador, que esteja convosco eternamente.» (Joan. Cap. XIV, v. 16.)

«Quando este espirito de verdade descer, toda a verdade vos será ensinada por elle.» (Joan. Cap. XVI, v. 13.)

Os apóstolos, como homens, eram falliveis de seu

natural: mas o dom particular de ensinar a verdade, privilegiou-os no dom da infallibilidade. Não nos pergunte o espirito de sophisma se a dadiva do Espírito Santo foi exclusivo dos apóstolos: respondemos que não. O espirito de verdade, como espirito de sanctificação, foi derramado sobre todos os fieis: mas o espirito de ensinamento é promessa especial d'aquelles que Jesus Christo elegêra entre as multidões, os quaes precisamente não preferiria, se o mesmo espirito illuminasse com a mesma intensidade de luz as intelligencias de todos. Onde iriam, fóra do mundo, os apóstolos propagar a doutrina do divino Mestre?

Jesus Christo prometteu a coexistencia *eterna do Espírito de Verdade* na pessoa dos apóstolos. Estes, certo, não vieram atravez das gerações até ao extremo dia da humanidade para que o *eternamente* da promessa de Jesus Christo tivesse n'elles o seu complemento. A concessão no rigor da palavra escripta foi feita á serie de successores d'aquelles primeiros que ouviram a promessa do Redemptor, e a tomaram desde logo como garantia para si, e para aquelles que succederam no seu augusto ministerio.

É sublimemente expressiva a prophesia de Isaias, quando prediz a descida do Espírito Santo sobre a Igreja de Jesus Christo:

«Meu espirito que é contigo, e minhas palavras que puz em tua bôca, não serão da tua bôca arreba-

tadas, nem *da bôca da tua posteridade*, nem da bôca dos descendentes de teus descendentes para todo o sempre—diz o Senhor.» (Isaias Cap. LIX, v. 21.)

A divina Providencia, depois de tão solemnes promessas, não permittiria que os missionarios da sua instituição sagrada, os successores do santo congresso dos apóstolos, abandonados, e arbitros da sua missão sem fé nem auctoridade, proclamassem o erro contra a fé, e a fé contra a sã doutrina de seus predecessores. Concluimos por illação rigorosa das palavras de Jesus Christo, que a Igreja romana, sob a inspiração infallivel do Espirito Santo e da divina Providencia, nunca pôde nos passados tempos, nem poderá nos tempos futuros, ser abandonada ao ensino do erro contra a moral, e a fé.

Thimotheo, temeroso de que, em sua ausencia, a Igreja a seu cargo desvairasse nos conselhos, que de viva voz recebera, escrevia:

«Escrevo-vos, não obstante bem cedo estar com-vosco; para que, se a demora fosse grande, soubesseis por que maneira deverieis proceder na casa de Deus, que é a Igreja do Deus vivo, columna e fundamento da verdade.» (Thim. Cap. III, v. 14, 15.)

Admittida a infallibilidade da Igreja de Jesus no seu começo, é necessaria consequencia proclamar scismaticos e hereticos aquelles que, separados d'ella, se não pejam de divinisar o espirito de seita sobre a apothese do livre arbitrio.

§ VII

Quem se impozer a utilissima tarefa de estudar a reforma lutherana em todas as suas ramificações irreconciliaveis com o tronco, chegará precisamente aos mais proficuos resultados do estudo, que são a sabedoria, e ás extremas consequencias d'um falso systema, que são o desengano.

Mais d'um mancebo d'esta geração analytica, e ao mesmo tempo inerte, me tem dito que o seu espirito religioso fôra regenerado na leitura dos livros philosophicos do seculo XVIII. Confessam a inandade de crença em que os deixou a sciencia turgida dos antigos padres; sendo que os modernos philosophos proclamam a divindade do christianismo, antes de syndicarem as provas nas formulas da Biblia, ou nos argumentos imperiosos do raciocinio.

Estas illações, colhidas de principios absurdos, são as mesmas que affluem da leitura imparcial das razões do protestantismo contra as razões da Igreja catholica.

Leiam-se, e dissequem-se na raiz que medrou pela seiva da mentira; profunde-se o principio do erro, como quem lhe não consente uma só de suas consequencias; argumente-se com o Evangelho aberto, já que a reforma se não pejou de arrogar-se o Evange-

lho em abono d'um capricho de *frade despeitado*¹, e felizmente o joelho do homem, que procura saber o seu destino, curvar-se-ha no santuario das verdades eternas, confiadas por Jesus Christo ao seu representante.

Não sejamos tímidos em assoalhar ao sol da intelligencia os retalhos dispersos da reforma. Não haja medo que o racionalista insipiente vacille entre os caracteres da verdade catholica e da mentira protestante. Não se arreceie o bom christão em prejudicar a sã doutrina de Roma, expondo-a aos que passam indifferentes para que a comparem com a de Inglaterra, para que a comparem com a de todo o mundo, e com a de todos aquelles que julgam mais bem doutrinado o que não tem doutrina alguma religiosa.

É, por isso, que, por pouco, proseguiremos na franca apresentação d'um ou outro argumento dos protestantes que valha a pena de ser rebatido. Temos procurado a clareza nas fórmulas d'este trabalho arido e mesmo obrigatorio. Quizeramos que o assumpto em discussão fosse já hoje entre catholicos reputado frioleira; por que faz pena sentir a precisão de invocar o espirito de analyse de algum de nossos leitores para que decida sinceramente entre a Igreja pura de Jesus Christo, e a *prostituida de Babylonia*, como pode-

¹ Epytheto expressivo d'um principe, que vivera protestante e ha pouco expiraou catholico.

riamos denominar a filha de Luthero, essa mãe fecundissima de erros e desgraças, se quizessemos figuralla a realidade d'aquella tremenda visão do Evangelista na ilha de Pathmos.

Se com espirito de lealdade e desejo de saber, lhe pedimos a causa radical da sua separação, respondem, com inabalavel firmeza de character, que a Igreja de Jesus Christo, na sua totalidade, não só podia resvalar ao despenhadeiro do erro, mas que effectivamente resvalou, desde que, infeccionada d'eros, e superstição, e idolatria, forçara a consciencia dos protestantes a *sahir do centro de Babylonia*. Estas suas ordinarias expressões, como irrisorias, e de todas as menos insolentes, invectivas á esposa de Jesus Christo, são a arma que mais dextramente jogam, e é por ventura aquella que Voltaire melhor jogou como legitima herança provida de seus mestres. São consequencias filiadas e rigorosas. Depois do livre arbitrio o scisma; depois do scisma o racionalismo; e o sarcasmo ultimamente como complemento da destruição, embora apadrinhado por homens, que lhe deram aquelle pomposo nome da philosophia.

Não fecharemos ainda a Biblia, em quanto presentirmos que a serpente do erro se refugia nas suas paginas.

Em Daniel—cap. II, v. 44—lê-se:

«No tempo de taes reis, o rei do céo creará um reino, nunca destruido, um reino, que não passará a

outro povo, que pulverisará todos os reinos, e subsistirá eternamente.»

Concedem os protestantes ser esta a predicção do *Reino espiritual de Jesus Christo, nunca destruído, e eternamente existente.*

Fortaleçamos a predicção com palavras do mesmo propheta:

«Eu via estas coisas em uma visão nocturna, e vi o Filho do homem, que vinha entre as nuvens do céo, e abrangia o ultimo dos dias. Vieram á sua presença, e d'elle receberam o poder, a honra, e o reino; e todos os povos, e todas as tribus, e todas as linguas o serviram: o seu poder é um poder eterno, que nunca lhe será usurpado, nem o seu reino destruído.» (Dan. Cap. vii, v. 13, 14.)

«Elle será grande, e chamar-se-ha o Filho do Altíssimo. O Senhor Deus dar-lhe-ha o throno de David, seu pae: reinará eternamente sobre a casa de Jacob, e seu reino será infinito.» (Luc. Cap. i, v. 32, 33.)

São evidentes e clarissimas as palavras do texto, e crêmos que accumulal-as não augmentaria a sua força de prova. A Igreja de Jesus Christo, que, segundo o estylo da escriptura é o seu *Reino Espiritual*, foi, desde a sua fundação, destinada á perpetuidade, e constituída como nação indestructivel entre todas as nações precedouras.

Articulam os protestantes:

«Nós também affirmamos que a Igreja de Jesus Christo é perpetua e indestructivel.»

Pois bem: accetamos a benevolencia da sua confissão.

Onde é que estava a Igreja perpetua e indestructivel antes da Reforma protestante?

«Nos seculos anteriores á reforma—respondem elles—existia uma Igreja christã, que ensinava o Christianismo; mas era impura, corrupta, idólatra, e supersticiosa.»

Fallar d'uma IGREJA DE JESUS CHRISTO *corrupta*, é uma contradição manifesta dos termos, um «ente de razão»—diz um scismatico da Igreja anglicana, n'um lucido intervallo de boa fé.

A demonstração é simples, sem recorrer aos poderosos auxiliares das razões moraes.

A Igreja é um corpo mystico, essencialmente composto de verdadeiros crentes, e adoradores de Jesus Christo. Quem faz o verdadeiro crente é a profissão da verdadeira fé, e do verdadeiro culto de Jesus Christo. Logo— a Igreja apóstata que abandonou a fé e doutrina christã, que degenerou em erro e idolatria, impureza, e corrupção, tal Igreja não é a Igreja de Jesus Christo, nem uma parte d'ella. Um particular, que professou a verdadeira fé, e depois se fez heresiarcha, deixou, no instante da sua rebeldia, de pertencer á Igreja de Jesus Christo. As mesmas condições mili-

tam na transfiguração religiosa d'uma nação, qualquer que seja a heresia predominante do seu systema religioso. Se toda a Igreja apostatou, como os protestantes affirmam, muitos seculos antes da Reforma, a Igreja de Jesus Christo necessariamente pereceu, por isso que membros impuros, hereticos, idólatras e corrompidos não podiam constituir-a. Mas a Biblia rebate energicamente esta hypothese assás degradante para a humanidade, e grandemente ultrajadôra para o divino fundador da Igreja catholica. A Biblia repetenos que o *Reino Espiritual* de Jesus Christo, desde o seu estabelecimento, não poderia ser aniquilado. A Biblia brada contra a accusação de idolatria, de superstição e erros condemnaveis que a reforma attribue á Igreja romana.

A Biblia diz claramente que a Igreja de Jesus Christo foi, por graça e misericordia de Deus, estabelecida em perpetua sanctidade.

«Sereis respeitado e honrado por todas as idades, em quanto o sol e a lua subsistirem.» (Ps. 4, XXI, v. 5.)

«N'esses dias florescerão os justos, e saborear-se-hão ahi fructos de paz, em quanto a lua subsistir.» (v. 7.)

Em traducção ingleza, os protestantes affirmam que David prophetisa aqui a gloria do Reino ou Igreja de Jesus Christo. E, comtudo, o propheta é solemne-mente desmentido pelos seus interpretes, quando cha-

mam ao tribunal do livre arbitrio a Igreja do Pontífice para se vêr condemnar de impura e corrompida! A Biblia protestante declara que Isaias prophetisa a vinda do reino de Jesus Christo por estas palavras, realisadas no rigor da palavra:

«Acontecerá nos ultimos tempos que a montanha sobre a qual a casa do Senhor será edificada, terá seus alicerces nos pinacros dos montes, e sobrepujará o vertice das collinas: e todas as nações hão-de ahí convergir em multidão... e os idolos serão ahí pulverisados.» (Isaias. Cap. II, v. 2, e 18.)

O anniquilamento da idolatria, não tendo sido cumprido pessoalmente por Jesus Christo durante o seu transito nas amarguras da Redempção, é o que nós hoje contemplamos n'essa obra gloriosa, levada ao seu complemento pela Igreja catholica, cujos prégadores apostolicos converteram á fé os idolatras, e ainda hoje, dispersos na face do mundo, luctam anciosos contra as perseguições, para abrigar no redil da fé o restante d'infeis, sobre quem a luz da Redempção começa a derramar o seu influxo de vida e immortalidade. E é esta a Igreja que os protestantes condemnam de impura e idolatra! A Igreja Romana, forte de graça, e depositaria da missão de Jesus Christo, condemnada de corrupta, supersticiosa e idolatra!

§ VIII

Ha um braço a desarmar o gigante de tres seculos, que, no delirio da sua grandeza, ousou pôr hombro ás columnas do Vaticano, para nivelal-as com o tremedal de vicios, em que mergulhára os seus admiradores. O protestantismo, como todas as creações arrogantes do homem, recua tres seculos á sua origem na cella d'um frade heresiarcha, para explicar-nos a miseria da sua morte pela miseria do seu nascimento. Aventureiro, que medrára á custa das paixões da humanidade, que lisongeára nas praças, entre as multidões, e nos salões mais viciosos que as praças, o protestantismo é hoje o decrepito, entorpecido no leito da paralyisia, esperando bocejar o ultimo suspiro da sua desastrosa passagem entre os homens. Nos ultimos dias da sua existencia, chamou á cabeceira do leito o racionalismo, revelou-lhe o segredo da sua conservação, legou-lhe a herança das suas doutrinas desacreditadas, e socegou um instante, na esperançosa felicidade de encarecer, na pessoa de seu herdeiro, o thesouro de mentiras, que a sciencia lhe rebaixára a bem merecido desprezo.

- O racionalismo está descoraçoadado á cabeceira do moribundo. O seculo da mentira para o regimen da

sociedade, é também o século da verdade para investigar as profundezas do espirito, e as elevadas hypotheses do destino da humanidade. As luctas ha tres seculos incessantes do homem com o homem, da sociedade com o seu governo, e das velhas instituições com os novos ensaios, enervou a coragem, desanimou a esperança, e desacreditou o materialismo da vida, sempre occupada em *viver*, e sempre irresoluta no conjecturar seus destinos além do tumulto.

O reinado do espiritualismo, com o seu cortejo de concepções elevadas e generosas renuncias das coisas do mundo, apresentou-se, ha vinte annos, sem estrepito, sem ovações, e sem a concorrência dos fanatisados, que apparecem sempre para justificar o bom quilate da novidade que se annuncia. O seu progresso, lento e regulado na estrada das experiencias, logrou assumir as honras d'uma verdade magestosa, que caminha sempre desimpedida ao seu fim, sem embarçar-se com os empecilhos do erro. N'este mundo, a verdade religiosa é como um estandarte animador, agitado sobre nossas cabeças pela mão do anjo, que já-mais desce a hasteal-o entre os homens.

Crêmos na fervorosa dedicação de muitos espiritos para que a Igreja de Jesus Christo haja de triumphar sobre todas as seitas, e acólha ao seu seio maternal todas as rebeldias de seus ingratos inimigos. Este zelo é em si o fructo que mais se resente do saboroso

leite, que bebemos no seio d'aquella mãe carinhosa; mas a verdade é uma, eterna e superior aos bons officios da humanidade.

A religião christã é a luz perenne accêsa por Deus na longa noite que vai atravessando as gerações desde que o primeiro homem, perdido na vereda em que Lucifer o desviára, precisou de luz que o encaminhasse á gloria para que fôra creado. O fervoroso zelo, que os amigos dos homens empregam em mostrar-lhes essa luz Redemptora, é um beneficio feito a seus irmãos, desgarrados do caminho, mas não é argumento novo para mais aclarar a face da verdade. *Frayssinous*, o inspirado apologista do Christianismo, não formulou demonstrações que S. Ireneu não adduzisse no 2.º seculo. S. Clemente d'Alexandria não recearia caminhar ao lado de *Lacordaire* nas provas da divindade da religião christã. E *Bossuet* não subiu mais alto, nas contemplações de Deus, que Santo Agostinho ha quatorze seculos.

A vantagem é toda dos homens. O sol brilha sempre no firmamento; mas na terra nem todos tem o dom da visão para contemplal-o. E o cego, que hoje abria os olhos, dará mais resplendor ao astro que nunca vira?

Quem devemos ouvir com mais anciedade nos argumentos que nos aproximam da verdade, é aquelles que, mais perto d'ella, beberam a sciencia pura, que lhes manava como de fonte virgem antes que a

onda turva do orgulho humano lhe manchasse a pureza.

É, por isso, que no ultimo artigo do motivo que rapidamente desenvolvemos, viemos, no decorrer dos seculos, mencionar a auctoridade d'aquelles cujo nome só per si sobre-excede o que mais acurado poderá sahir da nossa inexperiente penna.

No primeiro seculo, S. Bernabé condemna o orgulho dos hereticos, que preferem a sua sciencia aos mandamentos da egreja universal, cujo ensino e communhão regeitam. S. Clemente reprova aos Corinthios as suas desintelligencias e menospreço pela auctoridade dos pastores, que os apóstolos, animados do espirito de Deus, lhes conferiram para governal-os. Exhorta-os a submeterem-se aos padres, desarmando-se do seu orgulho e arrogancia. Santo Ignacio repete em suas cartas a necessidade de se unirem os fieis a seus pastores. S. Polycarpo pedia aos de Filippes firmeza e constancia na fé, que receberam dos apóstolos por intermedio de seus pastores; e ao mesmo tempo, segundo refere Eusebio, repetia as palavras do Senhor, quaes as ouvira da bôca dos apóstolos. Hegisippo, no começo do 2.º seculo, fez uma viagem a Roma, consultou um grande numero de bispos, e declarou que se lhe deparára a mesma fé em todas as cidades. Reuniu, depois, todas as tradições apostolicas em cinco livros, que Eusebio viu, e que não chegaram a esta geração. No mesmo seculo, em cada manhã do domingo, as cartas do papa S.

Clemente e d'outros bispos eram lidas na assemblea dos fieis, em seguida ás dos apóstolos.

No 2.º seculo vejam-se as bellas e profundas doutrinas de S. Ireneu, Tertuliano, e S. Justino. Este recorda o preceito de se ajuntarem os fieis na igreja para celebrarem o domingo—tradição emanada de Jesus Christo, fallando a seus discipulos em uma de suas aparições «dir-se-ha que este preceito não foi promulgado por Jesus Christo?—pergunta um professor de theologia—Ou faz elle parte da tradição escripta? Que escolham os nossos adversarios uma d'estas asserções absurdas e sem provas, com a condição, porém, de que encontrarão a maneira de concíliar-a com o seu systema, e com a obrigação de direito divino, que elles reconhecem, como nós, de santificar e domingo, primeiro dia da semana, em lugar do setimo.»

Diz Tertuliano, no livro da «Resurreição» que os hereges deveriam provar os seus sentimentos pela simples escriptura. Esta asserção tomam-na os protestantes como resposta para fazer calar os catholicos. Esqueceram que Tertuliano repelle victoriosamente os hereticos que invectivam os dogmas particulares, formalmente expressos nos livros sagrados, com vãos racionios e auctoridades pagãs. O apoloquista manda-os renunciar os habitos do paganismo, diametralmente adversos á doutrina das Escripturas, cuja intelligencia é um perfeito trabalho e não uma analyse superficial em que a heresia termina por bradar contra o

dogma contrario ao raciocinio. É necessario—diz elle— combater com o sentimento das Escripturas, enunciadas por uma segura interpretação. Onde encontrar esta segurança?—pergunta a heresia do alto da sua soberba racionalista. Tertuliano responde:—«na tradição, no consenso unanime das egrejas, no ensino oral, primitivo, e uniforme dos pastores, que substituiram os apóstolos, cujo valor tem na integridade da doutrina.»

No iv seculo ensina-nos Eusebio que os discipulos do Salvador nos transmittiram sua doutrina, parte na obra que nos legaram, e parte na tradição oral que é,—póde assim chamar-se—o direito não escripto dos christãos. Na sua obra contra Marcel d'Ancyra mostra-nos elle a doutrina de Jesus Christo espalhada d'uma extremidade á outra da terra, por meio da tradição oral, que é o sustentaculo e a confirmação da que as Escripturas nos ensinam.

§ IX

Todos os padres, e doutores dos primeiros seculos do Christianismo, estabelecem, unanimes, a sacrosanta auctoridade da tradição. Os adversarios do catholicismo, que apregoam, para fins sinistros, a integridade da religião de Christo nos primeiros seculos, não sabemos como, tão inconsequentes, recusam aceitar a tradição orak, em cuja obervancia consistia a belleza dos chamados bellos seculos do Christianismo.

Ao grave testemunho da antiguidade ecclesiastica, reune-se o dos concilios, e a voz unisona da egreja universal.

Nihil innovetur, nisi quod traditum est: é este o preceito que preside a todas as deliberações em Nicea, em Constantinopla, em Epheso, e Calcedonia, em Roma e Trento.

A constituição da Egreja não poderia subsistir, qual Jesus Christo a instituiu, sem a existencia e auctoridade divina do ensino tradicional.

Pois que é a Egreja? Não é uma assemblea, divinamente privilegiada com a infallibilidade da doutrina, e com a prerogativa de propagal-a? Não é em seu seio, que, pelo vinculo da mesma fé, se abraçam os homens, se santificam pelo culto, e se coligam submissos a uma só auctoridade, representante de Deus?

Mas a Egreja não é só sociedade divina, por que a

palavra do eterno lhe bafejou a existencia. É por que Jesus Christo e o Espirito Santo presidem na realidade do espirito, na intelligencia dos pastores, e de todos os seus membros. A tradição é a palavra de Deus reproduzida na bôca dos que a transmittem; e o Espirito Santo, allumiando o coração dos que a escutam, illumina-lhes o intendmento para que a razão não repugne assimilar-a aos seus juizos. Negar a tradição é negar a Igreja, cuja existencia é essencialmente tradicional. Ensinar é transmittir a verdade de geração em geração pela palavra viva, e não pela letra morta. A palavra que significa ensino, é semelhante á palavra tradição, na lingua de S. Paulo, e na intelligencia das Escripturas.

Jesus Christo nem escreveu, nem fez escrever codigos legislativos. O seu angusto preceito é: «*ide e ensinae,*» e não: *ide, e ensinae isto, ou aquillo, estes, e não aquelles preceitos.* O novo testamento, posterior ao estabelecimento da religião christã, é um compendio de dogmas enunciados debaixo da forma imperativa. Os evangelistas escreveram muito depois da morte de Jesus Christo, para desmentir as falsidades, que o paganismo, e os farizeus disseminaram. As epistolas eram uma substituição ao ensino oral, que os apóstolos não podiam exercitar de viva voz, por estarem longe das suas igrejas. É evidente, pois, que a Escriptura não entrou nem sequer integralmente na fundação do Christianismo. «*Se o Christianismo — diz de Maistre*

—não tivesse soffrido ataques, nunca seria forçoso recorrer á Escriptura para fixar o dogma; mas nunca o dogma seria determinado pela Escriptura, se não existisse anteriormente no seu estado natural, que é a *palavra*. . . A fé, se a opposição sophistica a não forçasse a ser escripta, seria mil vezes mais angelica. A fé chora sobre essas decisões que a revolta lhe arrancou, e que produziram desgraças sempre. . . o estado de guerra levantou essas veneraveis muralhas em torno da verdade: defendem-na, por certo; mas occultam-na; tornam-na inacessivel; mas, por isso mesmo, menos accessivel. Ah! não era isto o que ella queria! Reunir o genero humano em seus braços, era esta a sua vontade!» Prosegue o illustre escriptor: «O homem não póde fazer-se uma constituição, e nenhuma constituição legitima poderia gravar-se em caracteres legiveis na sua amplitude ¹. Nunca foi nem será escripto *à priori* uma collecção de leis fundamentaes, que devam constituir sociedade civil ou religiosa. Sómente quando a sociedade está constituida, sem que possa dizer-se como, é possível fazer declarar ou explicar por escripto certos artigos particulares; mas quasi sempre taes declarações são effeitos ou causa de grandissimos males, e sempre custam aos povos mais do que valem ².»

Se bem que o *Conde de Maistre* exceptua d'esta

¹ «Principio gerador das Const.» T. 17.º—p. 22.

² Ibid. T. 27.º p. 39.

regra geral a legislação de Moysés, inalteravel e pura durante quinze seculos, a legislação de Moysés confirma rigorosamente a regra geral. Por quanto, ao lado d'esse codigo civil, religioso, e militar, emanação divina, funciona a tradição, que rege os tribunaes encarregados de explicar os sentidos obscuros da lei, e os meios de applical-a em casos reservados. «Nenhuma instituição, verdadeiramente grande—diz um theologo francez—ambora seja divina, poderia fundar-se na simples escriptura, porquanto, a não degenerar a natureza das cousas, nem Deus nem o homem poderiam communicar á escriptura a vida, e virtude que ella não tem; será sempre letra morta, e palavra muda.»

O Christianismo, sem a tradição, seria forçosamente no seculo v semelhante ao seculo i, e no seculo xix identico, e estacionario como nos primeiros. A sua vida consiste na harmonia das suas fórmulas com os tempos e com os logares.

A multiplicidade de leis escriptas denuncia a fragilidade d'uma instituição. «*Pessima reipublica, plurimae leges*»—dizia Tacito. E Platão, por estas palavras, que, seguindo um illustre canonista, são o *prefacio humano do Evangelho*, parecia responder, christãmente inspirado, aos que recusam confiar o espirito religioso ás tradições oraes: «O homem que deve toda a sua instrucção á Escripura, não tem de sabedoria mais que as apparencias: a palavra é para a escriptura o

que um homem é para o seu retrato. A nossos olhos apresentam-se-nos como vivas as obras da pintura, mas, interrogadas, guardam silencio com dignidade. Tal é a Escriptura. Interrogae-a; dar-vos-ha sempre uma só e mesma significação. É por isso que todo o discurso escripto se divulga entre sabios e ignorantes, elle não sabe o que ha de dizer a uns nem occultar a outros. Atacado e insultado sem razão, não pôde responder, nem defender-se, e carece sempre de seu auctor ausente para sua defeza. . . Mas, se o mesmo discurso é fallado, como nos elle parece legitimo, como sáe mais possante e corajoso do seio de seu pae! . . . Fallo do discurso vivo, que se grava com a sciencia na alma do discipulo; fallo da palavra, que tem a sua defeza, e que sabe o que convém revelar a uns e esconder a outros. . . d'aquelle Verbo vivo e animado, cujo simples retrato é a escriptura ¹.» S. João Chrysostomo applica á revelação do Salvador os principios da sabedoria antiga. Diz elle: «sem duvida, bom seria que não necessitassemos da Escriptura, e que os preceitos divinos nos estivessem escriptos no coração pela graça, como o estão pela tinta em nossos livros; mas, já que perdemos tal graça por nossas culpas, construamos, que assim é forçoso, *uma prancha em vez de uma nau*, sem comtudo esquecer que o primitivo estado da nossa doutrina era o melhor. Deus nada

¹ Plat. in Phædr. edit. Lugdan, 1590, p. 356 e 357.

revelou por escripto do velho testamento aos patriarchas eleitos: fallava-lhes directamente, porque sondava a pureza de seus corações; mas, cavado o abysmo de vicios pelo povo hebreu, foram-lhe necessarios livros e leis. Deu-se o mesmo sob o imperio da nova revelação, pois que o Christo não deixou um só escripto a seus apóstolos. Em vez de livro, prometteu-lhes o Espirito Santo: «*É elle quem vos inspirará quando vos fôr necessario fallar.*» Mas, com o decorrer dos tempos, revoltada a humanidade contra os dogmas e contra a moral, foram-lhes tambem precisos livros ¹.

Regeitando a tradição, enfim, os protestantes desprezam a essencia do Christianismo, e os racionalistas conferem-lhe a mesma importancia que lhes merece a palavra escripta. Para que os primeiros sejam consequentes, devem cêdo ou tarde consubstanciar-se no systema dos segundos.

Que o seio de Deus se abra, e irradie torrentes luminosas sobre todos; chova-nos o orvalho da fé reanimadôra. Desça sobre nós o imperio de Christo. Venha a nós o vosso Reino, Senhor!

FIM

¹ Hom. in Math. 1, 1.

NOTAS

A

DIVINDADE DE JESUS

PAG. 28

*Voltaire, o mais ignorante insultador que ainda in-
viou a religião do Calvario.*

Alguns julgadores de Voltaire dizem:

«..... À frente de todos está o author do *Essai
sur les mœurs*, obra sarcástica, repleta de ignorancia
de intolerante scepticismo.» C. CANTU. *Hist. univ.
 introd.*

«*J'étais très-disposé à pardonner à Voltaire la mau-
vaise politique, son IGNORANCE, et la hardiesse avec la
quelle il tronque, défigure, et altère la plupart des faits;
mais.... Que de choses inutiles qu'un historien ne se
permet quand il est fort IGNORANT!*» MABLY. «*De la
manière d'écrire l'histoire.*»

«..... Pour plaisanter comme l'a fait Voltaire sur
zéquiel et sur la Genèse il fallait réunir deux choses

qui rendent la plaisanterie bien misérable: la plus profonde IGNORANCE et la plus déplorable légèreté.» BENJAMIN CONSTANT. *Cours de littérature française.*

Esteve o philosopho de Ferney um seculo na desgraça dos mesmos que o egualavam em scepticismo. Reputavam-no auctoridade indecente para argumentação séria. Voltaire, n'estes ultimos annos, entrou em purificação. Já se não peja da camaradagem d'elle a philosophia. As jogralidades do homem que disse: «*Écrasons l'infame!*» entendem-nas aquelles que acham nebuloso Strauss.

Barthélemy, insigne collaborador da *Encyclopedia catholica*, a este esboço dos personagens figurativos do Messias, acrescenta: «Figurado por pessoas, o Messias também é figurado por successos. O cordeiro paschal, o maná do deserto, a columna de fogo, a serpente de cobre, a immolação perpetua do cordeiro do templo, a maior parte das ceremonias legais, e, por sobre tudo, os sacrificios eram outras tantas figuras permanentes, que sempre e successivamente iam presignalando o Desejado das nações. Quem não vê ahi designio providencial, perfeitamente seguido até sua completa realisação? Teremos isto em conta d'acaso? O mesmo seria dizer que muitos retratos do mesmo individuo, tirados por diversos auctores, se pareciam entre si porque o acaso os fizera semelhantes. Além de que, a propria Escriptura nos adverte que é necessario vêr Jesus Christo e a sua egreja sob o véo das antigas sombras, e que, em tempos anteriores ao Messias, tudo acontecia *figurado*, como diz S. Paulo. Ponderam os padres que o novo testamento é a rosa desabrochada, e o velho o botão. No dizer de Santo Agostinho, o novo está recondito no velho testamento, e o povo judeu é um como ingente propheta.»

Desde o sermão da montanha...

Fragmentos do sublime discurso de Jesus Christo:

- «Bem-aventurados os pobres de espirito por que é d'elles o reino dos céos.
- «Bem-aventurados os limpos de coração, que não de vêr a Deus.
- «Bem-aventurados os que padecem perseguição por amor da justiça, por que é d'elles o reino do céo.
- «Não cuideis que eu vim a derogar a lei ou os prophetas: não vim derogal-os, vim a dar-lhes cumprimento.
- «Por que, em verdade, vos digo que em quanto existirem céo e terra, não passará da lei um só *i*, ou *til*, sem que tudo seja cumprido.
- «Aquelle, pois, que violar o menor d'estes mandamentos, e induzir os homens a transgredil-os, será visto como o ultimo no reino dos céos; mas o que isto fizer e ensinar será o grande no reino do céo.
- «Dai a todos que vos pedirem.
- «Não repulseis quem vos pede de emprestimo.
- «Tratai os homens como quereis ser tratados.

- «Sabeis que foi dito: «Amareis vosso proximo, e odia-
reis vosso inimigo.» Mas eu vos digo: «Amai vossos
inimigos: fazei o bem aos que vos aborrecem: orai
por aquelles que vos perseguem e calumniam, a fim
de que sejais os filhos de vosso Pai que está no
céo, que faz levantar o seu sol sobre bons e máos,
e dá chuva a justos e a peccadores.
- «Por que se amais apenas os que vos amam, que recom-
pensa haveis de ter? não fazem os publicanos tam-
bem o mesmo?
- «Fazei a todos bem, e sereis os filhos de Deus, que é
hom para os ingratos, e para os máos.
- «Sêde, pois, cheios de misericordia, como vosso Pai é
cheio de misericordia.
- «Guardai-vos de fazer as vossas boas obras diante dos
homens, com o fim de serdes visto por elles: de ou-
tra sorte não vol-as recompensará vosso Pai que
está nos céos.
- «Quando, pois, dás a esmola não o faças ao som da
trombeta, que vai adianté de ti, como praticam os
hypocritas nas synagogas, e nas praças para serem
honrados dos homens. Em verdade vos digo, que elles
já receberam a sua recompensa.
- «E quando fazeis oração, não sejais como os hypocri-
tas, que gostam de orar em pé nas synagogas, e nos
cantos das ruas, para serem vistos dos homens. Em
verdade vos digo, que elles já receberam a sua re-
compensa.

«Guardai-vos dos falsos prophetas, que vem ter comvosco, cobertos de pelles de ovelhas, quando elles interiormente são lobos arrebatadores.

«Pelos fructos é que os haveis de conhecer. Por ventura colhe alguém uvas dos espinheiros, ou figos dos abrolhos?

«Nem todo o que me diz: «Senhor! Senhor!» ha de entrar no reino dos céos; mas aquelle que fizer a vontade de meu Pai.

«Todo aquelle, pois, que ouve as minhas palavras, e as observa, será comparado ao homem sabio que edificou a sua casa sobre rocha; veio a chuva e vieram as innundações, e assopraram os ventos contra aquella casa; e ella não cahiu, por que estava fundada sobre rocha.

«E todo o que ouve minhas palavras e as não observa, será comparado ao homem sem consideração, que edificou a sua casa sobre areia; veio a chuva, e vieram as innundações, e assopraram os ventos contra aquella casa; e ella cahiu, e foi grande a sua ruina.»

Jesus disse ainda muitas outras coisas, e os que o ouviram pasmaram extaticos.

«Quem é este homem?»—perguntavam elles.

Este homem era o Salvador do mundo, o Verbo de Deus descido á terra, para revelar aos homens seu destino. Uma nova era surgia para a humanidade, quando Jesus principiava sua celestial missão.

Trasladamos da *Vida de Nosso Senhor Jesus Christo* de Luiz Veillot a magnífica conclusão d'aquelle livro que primou entre quantas obras d'alto quilate sahiram a impugnar Renan:

«Jesus Christo é o Filho unico do Deus unico. É o poder, a sabedoria e esplendor increado do Increado. É Deus da terra e céo, Rei eterno, omnipotente como seu Pai, e formando um só com elle na indivisivel Trindade. Por mysterio que excede o entendimento e satisfaz a razão, Deus o ha dado á terra, e, dando-o, a si se deu. Este Jesus, dado assim, é Filho do Homem, e filho de Deus: homem e Deus a um tempo: homem nascido sob a lei, Deus para cumprir e rematar a lei; homem para servir, Deus para redimir; homem para abater-se debaixo do jugo, Deus para vencer; homem para morrer, Deus para triumphar da morte. E maravilha tal é esta que os olhos de nossa alma podem vêr a divindade atravez da humanidade, o poder que creou o mundo e venceu o inferno atravez da enfermidade que a injustiça humana crucificou. Por que Jesus é um ser divino composto de duas naturezas mui diversas: uma divina, outra humana; uma increada, outra creada; uma eterna, outra temporal. Mediante esta miraculosa operação, a divindade está no homem, e o homem subsiste em Deus; homem e Deus se enlaçam assiduamente em Jesus Christo. Nasceu Jesus; mas d'uma virgem;

ahi está uma criancinha pobre sobre um emprestado berço; mas uma estrella a annuncia, os anjos a saúdam com um cantar, que em breves termos encerra toda a sabedoria; os sanctos o bem-dizem, adoram-no os príncipes da sciencia, os tyrannos assustam-se. Foge; mas escoltado de invisivel guarda. Vai humilde, mas soberano senhor do universo. Vive inferno; mas com sua palavra guarece os infernos, revivanta os mortos, expulsa os demonios, retém a seiva das plantas, dá ordens aos elementos. Paga o tributo; mas obriga o mar a pagar-lh'o. Padece na cruz; mas á hora predicta, e conforme seu designio. Expira; mas o centurião reconhece-o no madeiro infamante em que morre, assim como pastores e Magos o haviam reconhecido no presepe onde nascêra. É sepultado, e descola a pedra sepulchral, e surge vivo.

É Deus? É homem? Taes quebrantos, soffrimentos e miserias, são proprias d'um Deus? E taes maravilhas são proprias d'um homem? Nem homem nem Deus está só de per si em alguma das hypotheses. Tão intimamente identificou Jesus sua divindade e humanidade que não ha ahi scisão comprehensivel. Se não é Deus, redundo meramente n'um impostor; se não é homem, a obra de Deus não se entende, e a divindade propriamente fica desluzida.

Só Deus explica o homem, e só o homem explica o Jesus; em tudo sempre Homem-Deus. No Homem-Deus é tudo logico e congruente simultaneamente com a di-

vindade. Em tudo transcende a razão humana, e em nenhum ponto lhe repugna; a cada passo a confunde, e em caso nenhum lhe faz espanto.

O papa S. Hormisdas, compendiando o ensinamento do papa S. Leão, dá a um imperador esta excellente explicação do mysterio das duas naturezas em Jesus Christo:

«Deus é Trindade, isto é, Padre, e Filho, e Espirito Santo: todavia, Deus é um. *Ora escuta, Israel: O Senhor teu Deus é o Deus uno.* Outra qualquer doutrina, ou separa a divindade e admite a insana impiedade do polytheismo, ou attribue o soffrimento á essencia da Trindade, e presuppõe dôr na impassivel natureza divina.

A Trindade santa é um só Deus, que numericamente se não multiplica, nem d'algum modo recebe accrescimento, nem se divide. Não emprehendamos sujeitar ás leis humanas as profundezas d'aquelle mysterio da substancia eterna, inacessivel á mais elevada das naturezas invisiveis. Adoremos a incomprehensivel e ineffavel substancia da Trindade, Padre, Filho, e Espirito Santo, cuja distincção subsiste na indivisibilidade, cuja unidade repugna á divisão da essencia, bem que as pessoas se numerem; e saibamos conferir a cada pessoa o seu distinctivo, não tirando a nenhuma sua divindade, nem attribuindo á Essencia o que é proprio d'uma ou d'outra.

Deus Pai, Deus Filho, Deus Espirito Santo, Trindade

indivisa: incompreensível mysterio! Sem embargo, sabemos que é da essência do Pai gerar o Filho; e da essência do Filho de Deus nascer do Pai, e igual ao Pai; e da essência do Espírito Santo proceder do Pai e do Filho na unidade d'uma idêntica substância. Também é da essência do Filho de Deus o que está escripto: que, nos ultimos tempos, *o Verbo se fez carne e habitou entre nós*. Pelo que, nas entranhas da Santa Virgem Maria, virgem mãe de Deus, as duas naturezas se haviam unido sem se confundirem. Aquelle que, anterior ao tempo, já era o Filho de Deus, fazia-se filho do homem. Nascia, no tempo, de mãe, consoante os demais homens; mas sem abrir o seio maternal, nem desluzir-lhe a santissima e perfectissima virgindade: mysterio sobremaneira digno do nascimento d'um Deus! Aquelle, cujo concebimento se fizera sem intervenção do homem, e guardava o que recebera do Pai celestial, offerecendo aos olhos dos homens o que recebera de sua mãe bendita, como nasceria senão preservado de toda a macula humana?

Estava no presepe, e ao mesmo tempo no céu; adoravam-no, envolto nas mantilhas, as legiões celestiaes. Menino ainda, ensinava doutrina sobre-humana, e revelava seu poder com divinos prodigios. Era Deus e homem a um tempo, não já por qualquer união, mas por que elle mesmo era de si o filho de Deus. Deus e homem, que o mesmo importa dizer: força e fraqueza, humildade e magestade; vendido e redemptor; crucifi-

cado e liberalizador do reino do céo; revestido de nossa enfermidade ao extremo de receber a morte; possessor do poder divino ao extremo de readquirir a vida. Pois que elle quizera nascer homem, foi sepultado; e por que quiz igualar-se a seu Pai, ergueu-se da sepultura. Como fosse um entre os mortos, reanimou os que eram cinza no tumulo, e sem deixar o seio de seu Pai, desceu ao inferno: entregando a alma, segundo a lei commum de todos os homens, retomou-a de sua força divina.

É isto o que nos ensina e certifica aquelle mesmo que assim o fez. Como não quizesse que o spectaculo dos soffrimentos de seu corpo nos induzisse a crêr que elle não era Deus, nem quizesse tambem que o esplendor de seus milagres nos induzisse a pensar que elle era sómente Deus e não homem, instruiu-nos com o diverso comportamento de dois dos apóstolos. «A fé de Pedro nos ensina que Jesus Christo Nosso Senhor é Deus; a duvida de Thomaz, que é homem. Quando pergunta a seus discipulos o que dizem d'elle os homens, provoca a resposta de Pedro: *Sois o Christo, filho do Deus vivo*. E o louvor dado a estas palavras, que o Deus Padre inspirou, accende em nós a fé na verdade que ellas revelam. Por igual theor, quando, depois da resurreição, o Senhor apparece aos apóstolos, porque está Thomaz ausente e depois duvida? É para que o mundo creia o que o discipulo incredulo verificou, e que a universalidade dos fieis possa conhecer quem era

Jesus, mediante o testemunho d'um a quem elle ordenou que lhe tocasse com suas mãos. Sendo que o affectuoso Salvador não evidenciou tanto a incredulidade de Thomaz para confusão do santo apóstolo, como para instrução da posteridade. Com o mesmo proposito se reuniu o Senhor aos dois discipulos que iam para Emmaus e conversou com elles. Haviam elles sabido da resurreição pelo aviso das santas mulheres, e não obstante duvidavam. Jesus, interpretando Moysés e todos os prophetas, lhes mostrou que ao Christo cumpria soffrer para entrar na sua gloria; e estabeleceu, com os multiplicados testemunhos dos livros santos, que em si se compadecem ao mesmo tempo duas naturezas, a humana que testifica a paixão, a divina que revela a gloria.

Nos designios de Jesus Christo sobre o mundo, o mesmo mysterio se manifesta com a mesma apparencia de opposição entre os designios e os meios que emprega para cumpril-os.

Quer cimentar sobre a terra o imperio em lueta com a força; tem a força nas suas mãos, e quebrou-a. Quer altrahir a si o mundo, e ensina o contrario de tudo o que o mundo quer: propõe a humildade, a renunciação, a cruz. Chama-se o Crucificado. Lega a doze ignorantes, como herança, aquella cruz; encarrega-os de a apresentarem ao genero humano: cumprem-no elles e triumpham. E isto cumprem em menos tempo que o necessario ao mais poderoso imperio para abafar a nacionali-

dade d'uma nação conquistada. Baquéam os idolos, surge uma nova humanidade. A palavra de Jesus sósinha opera um tal milagre. Esta palavra que elle deu aos apóstolos, e ao pronuncial-a lh'a não entenderam, esta palavra que revoltou os judeus e que ainda revolta o instinto de todo o homem, é, sem embargo, como os apóstolos a denominam, a *palavra de reconciliação* que tudo repõe em paz e ordem, o homem com Deus, o homem com o homem, o homem consigo mesmo. Na sociedade, em espiritos e corações, tudo ella muda, todas as trevas illumina, todas as esterilidades fecunda. Por ella, o judeu estupefacto vê claramente as escripturas cujas profundezas assombravam sua intelligencia, o pagão foge do labyrintho em que o sophisma lhe devorava a razão.

Que vida, que luz, e que alegria já nos primeiros christãos! Já o homem sabe onde vai, sente-se senhor de seu caminho e seguro de seu destino. A palavra do Creador fizera do homem um homem; o Verbo encarnado fez do homem um Deus, deu-lhe *parte na natureza divina*. Esta sublime phrase é de S. Pedro: e o homem creu-a e comprehendeu-a,—o homem que adorava o fetichismo e os imperadores! E n'esta altura onde elle sobe, torna-se humilde e manso; e a faculdade sublime da adoração, até ahi tão deploravelmente degenerada, desenvolve-se conforme seu natural, e corôa a terra do radioso florecimento dos santos.

Contrariam-nos que, não obstante, resta ainda mundo

INDICE

CARTA do Ex. ^{mo} Snr. Visconde d'Azevedo ao ... Snr. Camillo Castello-Branco	VII
CARTA do Snr. Camillo Camillo-Branco ao ... Snr. Visconde d'Azevedo	1
PREFACIO	25

DIVINDADE DE JESUS

CAPITULO I

A razão do homem interprete dos actos de Deus	31
---	----

CAPITULO II

Prophecias	47
----------------------	----

CAPITULO III

Jesus	61
-----------------	----

CAPITULO IV

Discipulos, Apostolos e martyres	77
Conclusão	96
TRADIÇÃO APOSTOLICA	103
MOTAS á divindade de Jesus	157



